BOLETIM DA
SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXVIII • MARÇO DE 1953 • N.º 313

Conforme nosso aviso reiteradamente publicado, foi cancelada a remessa dêste Boletim a tôdas as pessoas ou entidades que não nos comunicaram desejar a continuação do recebimento. Àquêles que, porventura o desejem, pedimos solicitar o restabelecimento da remessa.

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVIII	MARÇO DE 1953	Número 313

Sumário

NOSSA CAPA: — "Velhas fazendas paulistas" — Um aspecto, antigo, da Fazenda São José, no município de Araraquara, Estado de S. Paulo.

CALÇADA E TEMPE-
RADA NA FABRICA
NÃO LEVE AO FOGO!

TEMPERA ESPECIAL

Enxada Dragão

prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Dragão

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

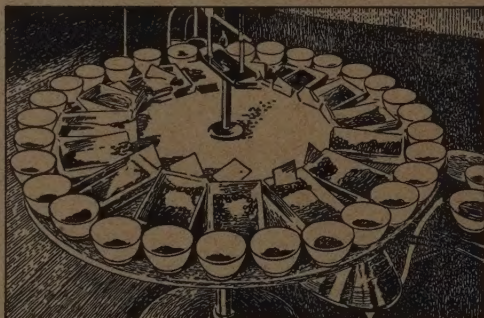
Melhor tipo de CAFÉ

MAIORES LUCROS!

empregue

BENEFAX

no tratamento do café em cereja e observe os resultados!

Controlar a fermentação do café, obtendo a padronização de um tipo superior — isto agora é possível com BENEFAX, um pó à base de enzimas, que apressa a digestão da mucilagem do café.

Criado pelos cientistas da Standard Brands, Inc. BENEFAX oferece ainda estas vantagens :

1. Melhora a qualidade do café, e, consequentemente, sua cotação nos mercados mundiais.

2. Permite colher, despolpar e fermentar o café em apenas um dia, deixando-o em condições de ser levado aos secadores.

3. Evita o congestionamento dos tanques na fôrça da safra, devido à sua propriedade de acelerar a fermentação.

IMPORTANTE!

1 Kg. de **BENEFAX** dá para 400 Kgs. de café despolpado. 1m³ equivale a 850 Kgs. de café despolpado e exige 2,125 Kgs. de **BENEFAX.**

Deve-se remover o excesso de água do café despolpado antes de misturá-lo. Misture-se bem.

MANTENHA *Benefax bem fechado na sua embalagem original, a fim de preservá-lo da umidade. Assim êle conservará melhor suas propriedades.*

* * *

PARA MAIORES DETALHES DIRIJA-SE A

STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.

CAIXA POSTAL 3215
RIO DE JANEIRO

A STANDARD BRANDS, INC. É UM DOS MAIORES COMPRADORES DE CAFÉ BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS.

MAIS CAFÉ COM MENOS CAFEEIROS

JOSÉ TESTA

Temos insistido, em alguns dos nossos artigos, sôbre a verdadeira renovação técnica que experimenta a cafeicultura nacional, paulista especialmente. Verdade é que essas idéias renovadoras não são generalizadas, sendo mesmo em pequeno número, proporcionalmente, os lavradores que vêm pondo em prática os modernos processos agronômicos. E' que, para usá-los, necessárias se tornam várias qualidades: conhecimento do assunto, bom gosto, amor à lavoura, observação e prática, e, principalmente, possibilidades financeiras. Entretanto, fácil é constatar que a técnica moderna vem abrindo caminho, dia a dia. Já se ouve falar muito pouco do famoso "bafo do sertão" (o qual, digamô-lo entre parêntesis era uma realidade, mas não no sentido que lhe queriam dar. O "bafo do sertão" deveria significar que os cafèzais tinham necessidade do húmo e da umidade das grandes florestas mas não, como se afirmava, que a cafeicultura era impraticável noutras condições). Já se escolhem progênies selecionadas, defende-se o solo contra a erosão, prepara-se e administra-se o adubo orgânico "composto" juntamente com os fertilizantes minerais; já se colhe e prepara o café racionalmente; e, até, já se irrigam os cafèzais artificialmente, por aspersão.

Tudo isso representa um enorme progresso. Mas, existe ainda o que dizer sôbre o assunto, e não apenas para repetir o tem sido dito, o que já seria meritório.

* * *

Há diversas cousas de grande importância a serem realizadas na lavoura cafeeira. E são tôdas simultâneas, ou, pelo menos, interligadas. Realizar qualquer delas isoladamente não resolve o problema.

Imaginemos que o lavrador faz, nos seus cafèzais, uma bôa adubação mineral. Se, todavia, não procedeu, antes, a uma conveniente adubação orgânica, a adubação mineral não aproveita totalmente, pois não é devidamente assimilada e nem mesmo retida. Caso as terras forem ácidas, então tornar-se-á indispensável, antes, uma calagem. Suponhamos, todavia, que tudo isso foi feito, juntamente com adição de composto, adubação verde, etc. Acontece, entretanto, que o terreno é íngreme, e tôda essa adubação, incontestávelmente bôa, fica perdida, levada que é pelas águas das chuvas e das enxurradas.

Nessas condições, os problemas se interpenetram, e devem ser tôdos resolvidos, ou pelos menos a maioria dêles. Impor-se-ia, então um método, um sistema, partindo da seguinte premissa, que é capital: **o que importa, especialmente, não é tanto a produção total, quanto a produção por área, ou por pé.** Partindo dessa diretriz, chega-se à conclusão de que é necessária, primeiramente, a eliminação de todos os cafeeiros deficitários ou com pequeno rendimento, quer seja em razão de avançada idade, quer de deficiência orgânica, ou de localização em terrenos inadequados (por excessiva inclinação, por muita areia, etc.).

* * *

O que se impõe, consequentemente, à cafeicultura nacional, é uma diretriz em sentido exatamente oposto ao da cafeicultura extensiva, que predominava até agora, com grandes propriedades, em que cada fazendeiro buscava plantar o maior número possível de cafeeiros. O caso, aliás, não é bem êsse: o de que se trata é de eliminar tôdos os cafeeiros velhos, doentes, mal situados, pouco produtivos. Se, todavia, um fazendeiro tem capacidade econômica e técnica para "tocar" uma grande propriedade nessas condições ideais, nada impede que o faça.

Existem, presentemente, em S. Paulo, 1.100.000.000 de cafeeiros em produção (números redondos). Dêsses, apenas a quinta parte, cêrca de 220.000.000, são de menos de dez anos. Dos outros quatro quintos (880.000.000), a maioria precisa ser substituida, pois não são muitos dêles os que têm idade menor de 30 anos.

Pode-se admitir, sem exagero, que a metade dos cafeeiros do Estado (550.000.000), precisa ser substituida, já pela idade, já por outras condições de inferioridade e decadência.

A média da produção do Estado de S. Paulo tem sido de 30 arrobas por mil pés, ou 450 gramas por pé. São necessários, pois, 133 cafeeiros para produzir uma saca de café beneficiado, **em média**, e nessa média entram aquêles cafèzais novos e, mais, alguns dos antigos porém situados em zonas de excepcional produção, como os do setor Ipauçú-Xavantes, que atingem frequentemente a 90 arrobas por mil pés, ou seja três vezes mais que a produção média do Estado. É fácil calcular, pois, que a grande maioria daquêles 550.000.000 de cafeeiros velhos está abaixo de 20 arrobas por mil pés, muito embora essa queda de produção não se deva apenas à idade. E alguns estão mesmo abaixo de 15,0 que, evidentemente, os torna deficitários e apenas são conservados por espírito de comodismo ou de rotina, ou mesmo à espera de que conseguissem produzir, esporàdicamente, uma tal ou qual safra mais compensadora.

O problema seria, pois, em última análise, o seguinte: conseguir, paulatinamente, que pelo menos a metade do atual número de cafeeiras do Estado de S. Paulo, fosse constituida de plantas novas e em perfeitas condições técnicas de plantio e de trato. Não seria exagêro pretender que êsses cafèzais assim constituidos produzissem pelo menos 60 arrobas por mil pés (que é o dobro da média atual do Estado). A outra metade dos cafèzais (550.000.000), formada de arbustos velhos ou, por qualquer motivo, inferiores, seria pouco a pouco eliminada. Teríamos, então, o seguinte resultado: com a metade do total de cafeeiros que ora possui, isto é, com 550.000.000 de cafeeiros, S. Paulo poderia produzir a mesma quantidade de café que atualmente, ou talvez mais, e isso com **a metade da mão de obra** e a metade do custeio, acrescendo que a qualidade do produto seria, nêsse caso, evidentemente melhor.

Cumpre acentuar que não estamos aconselhando limitar-se a produção do café. O que se visa não é uma **restrição,** mas um **saneamento.** A produção, nas novas bases, poderá ampliar-se, desde que o permita a capacidade dos mercados.

É êsse o principal problema com que nos defrontamos. Constitui essa medida a base da racionalização da cafeicultura. Sôbre a metade

da área e do número de cafeeiros, empreender-se-ia o conjunto do planejamento: recuperação do solo; adubação racional; plantio de cafeeiros selecionados e em adequadas condições para permitir um trato perfeito, inclusive a mecanização; irrigação; colheita e preparo nas melhores condições técnicas.

Iremos atingir, certamente, êsses resultados.

Cumpre insistir no assunto, pregar a bôa idéia. Os resultados chegarão, pouco a pouco.

Milhões de cafeeiros restaurados com Salitre do Chile

O revestimento abundante é condição essencial para o cafeeiro produzir satisfatòriamente.

Restaure a parte foliácea e aumente os ramos produtivos do seu cafezal com o auxilio do Azôto Nítrico do SALITRE DO CHILE aplicando em cobertura 300 gramas por cafeeiro: metade de Julho a Outubro e o restante de Dezembro até fins de Janeiro.

Totalmente assimilável e aproveitado desde a sua aplicação, revigora e estimula o desenvolvimento e satisfaz as exigências da planta.

Como atestam centenas de cafeicultores progressistas, o SALITRE DO CHILE é o adubo que SEMPRE proporciona os melhores resultados.

Obtenha o maior benefício de sua adubação consultando gratuitamente ao Departamento Agronômico de

ADUBO NATURAL DE RENOME MUNDIAL

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS
Rua Florêncio de Abreu, 270 — São Paulo

BANCO DO ESTADO DE S. PAULO S. A.

(Com garantia do Govêrno do Estado de São Paulo)

Capital realizado .... Cr$ 100.000.000,00

FAZ TÔDA E QUALQUER OPERAÇÃO BANCÁRIA

EMPRÉSTIMOS
sôbre café, algodão e outros produtos agrícolas
Desconto de Letras e Duplicatas
Guarda de Títulos e Valores
Cobranças de dividendos e de juros de apólices
Bonus rotativos do Tesouro do Estado
Apólices Uniformizadas, Apólices Populares Paulistas, etc.
Operações de câmbio de qualquer natureza
Correspondentes nas principais praças do país e do exterior
Cofres de aluguel — Depósitos noturnos.

SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE

MATRIZ: — SÃO PAULO

Caixa Postal, 789 — Endereço Telegráfico: "BANESPA"

AGÊNCIAS

1 — Adamantina
2 — Amparo
3 — Andradina
4 — Araçatuba
5 — Araraquara
6 — Araras
7 — Atibáia
8 — Avaré
9 — Barretos
10 — Batatais
11 — Baurú
12 — Bebedouro
13 — Botucatú
14 — Biriguí
15 — Brás (Capital)
16 — Caçapava
17 — Campinas
18 — Campo Grande (Mato Grosso)
19 — Campos do Jordão
20 — Casa Branca
21 — Catanduva
22 — Franca
23 — Gália
24 — Goiania (Est.Goiás)
25 — Guaratinguetá
26 — Ibitinga
27 — Itapetininga
28 — Itapeva
29 — Itú
30 — Ituverava
31 — Jaboticabal
32 — Jaú
33 — Jundiaí
34 — Lençóis Paulista
35 — Limeira
36 — Lins
37 — Lucélia
38 — Marília
39 — Mirassol
40 — Mogi-Mirim
41 — Novo Horizonte
42 — Olímpia
43 — Ourinhos
44 — Palmital
45 — Penápolis
46 — Pinhal
47 — Piracicaba
48 — Pirajuí
49 — Pirassununga
50 — Pres. Prudente
51 — Pres. Venceslau
52 — Quatá
53 — Registro
54 — Ribeirão Preto
55 — Rio Claro
56 — Rio de Janeiro
57 — Sta. Cruz do Rio Pardo
58 — Santo Anastácio
59 — Santos
60 — S. Bernardo do Campo
51 — São Carlos
62 — S. João da Bôa Vista
63 — São Joaquim da Barra
64 — S. José do Rio Pardo
65 — S. José do Rio Preto
66 — São Simão
67 — Sorocaba
68 — Tanabí
69 — Taubaté
70 — Tietê
71 — Tupã
72 — Uberlândia (Minas Gerais)

CONTABILIDADE AGRÍCOLA E PASTORIL

J. Bemelmans
Engenheiro agrônomo

(continuação)

VII

Escrituração dos Livros e dos documentos relativos

MÃO DE OBRA

Para a escrituração perfeita da conta Mão de Obra, são precisos:
1 Livro Ponto de bolso, para cada fiscal e sub-administrador,
1 Livro Ponto Mensal, no escritório, fixo, ou com cópia,
Fichas de Pontos Individuais,
1 Livro dos Colhedores
Fichas DEVEDOR/CREDOR para os serviços por empreitada
Fichas para Médico e Fichas para Farmácia.

O **Livro Ponto Mensal** é a chave de tôda a contabilidade agrícola. Êle é sempre escriturado em dinheiro. Sua dimensão poderá variar de acôrdo com a importância da fazenda.

A) — Quando não houver necessidade de enviar diàriamente sua cópia detalhada, êste livro poderá ser fixo, e terá a disposição indicada pelo modelo anexo.

Êste livro é formado de:
3 ½ fôlhas de papel de 95 x 64 cm de alto) êstas dimensões são apenas
15 " " de 70 x 50 cm " ") indicativas.

Tôdas são pautadas a 6 milímetros, sendo cada quinta linha, vermelha. Tôdas as fôlhas são subdivididas em 48 colunas de 1,5 cm de largura total, tendo as fôlhas maiores mais 3 colunas a esquerda e 8 colunas a direita.

As 5 colunas a esquerda são para: número de ordem
nome do empregado
salário (por hora, dia, ou mês)
As 8 colunas a direita são para: 7 (uma por dia da semana) para o ganho diário,
1 para o soma desses ganhos.

Êste livro é escriturado como segue:
No comêço do mês, nas colunas a esquerda:
na primeira, o número de ordem,
na segunda, a lista alfabética dos empregados diaristas e mensalistas sem ocupação especialisada.

Os empregados novos, entrados durante o mês serão acrescentados na lista à medida do início do seu trabalho. No mês seguinte êles serão classificados na ordem alfabética.

Havendo muitos diaristas, poderá ser dobrada a capacidade do livro, utilizando cada entrelinha para um empregado. Neste caso, para clareza, a coluna reservada aos nomes será escriturada alternadamente:

BELA VISTA

.... Semana

				DIAS							TOTAL DA SEMANA

			SALARIOS
1	Alcides Gonçalves		12,00
2		José (s/filho)	7,00
3	André Braga		10,00
		Anêsio Marques	4,50

Na terceira coluna escreve-se o salário, por hora, por dia ou por mês.

Diàriamente, nas 48 colunas seguintes escritura-se em dinheiro, a fração de dia gasta pelo empregado num determinado serviço. Êstes serviços vão sendo anotados no cabeçalho, à medida do seu aparecimento. Todavia, convirá agrupá-los um pouco, por exemplo todos os serviços que se referem a uma cultura, ou a uma parcela, deverão, tanto quanto possível, ficarem em colunas próximas. E' um detalhe que o tempo ensinará por si.

Certos serviços que figuram o tempo todo, como leiteiro, carretos, suinos (tratador), jardineiro, etc., poderão ocupar sempre o mesmo lugar, o que evitará procuras.

Nas 7 colunas seguintes, da fôlha maior, uma para cada dia da semana, serão escriturados, em correspondência de linha, o valor total das frações de dias ganhas pelo empregado. Como é costume nas fazendas, paga-se aos empregados frações certas de dia (um quarto, meio, três quartos, ou dia todo).

Sendo por hora, o processo é o mesmo.

Sendo ordenado mensal, no começo do mês será estimado o valor médio do dia. No último dia do mês, o guarda-livro fará o "acêrto" do ordenado, debitando, no próprio livro ponto, a diferença a Despesas Gerais por exemplo.

Verificamos assim, que diàriamente:

1.º) debitamos a cultura ou a conta,
2.º) creditamos o empregado

Usa-se uma fôlha maior por semana,
e uma fôlha menor por dia.

Assim cada semana tem espaço novo para os serviços novos que se sucedem numa fazenda.

Diàriamente somam-se tôdas as colunas verticais da fôlha pequena obtendo-se assim o valor de cada serviço, por menor que seja, efetuado naquele dia. (Êste valor poderá ser transcrito no "Boletim Diário" usado por muitas fazendas. O número de pessôas utilizadas em cada serviço será dado pela contagem do número de parcelas que perfazem o total considerado).

Somando-se a coluna correspondente, entre as assinaladas DIAS, deve-se obter concordância de soma, isto é concordância entre o débito e o crédito, **diàriamente.**

É um serviço rápido e perfeito, que logo que fôr bem compreendido e praticado substituirá definitivamente o sistema tão difundido dos acêrtos aos "empurrões".

Quando um empregado não comparecer a nenhum serviço, será

escrito o motivo na linha a êle reservado. Por exemplo: doente — foi à cidade — faltou sem préaviso, etc.

No último dia da semana (sábado)) faz-se os totais parciais da semana:

1.º) dos empregados, a direita, somando a linha horizontal dos 7 dias;
2.º) das culturas e contas, somando-se verticalmente os 7 dias de baixo do livro.

Novamente deve haver concordância entre esta última linha horizontal e a última coluna vertical à direita.

Isto conseguido, dobra-se a parte da direita (os créditos dos empregados), e está pronto o livro para a escrituração duma nova semana, com a mesma lista do pessoal.

No fim do mês, na última página, será feita:

1.º) a recapitulação dos salários ganhos, na página da esquerda,
2.º) a recapitulação dos débitos das contas, na página da direita.

A primeira recapitulação obtem-se transcrevendo em 4 ou 5 colunas os totais parciais das 4 ou 5 semanas (dobra-se no sentido contrário a parte relativa de cada semana, fazendo concordar bem as pautas) Depois soma-se horizontalmente cada linha e obtem-se o total, em dinheiro, ganho no mês, para cada empregado.

Para evitar possível, embora raro, êrro de transcrição, soma-se novamente a coluna de cada semana, do resumo, e compara-se os resultados.

De posse do salário total do mês, obtem-se o número de dias de serviço, dividindo o total pelo salário diário. Existem tabelas para cada valor de salário, dando um quarto, meio, três quartos e o dia. É fácil também faze-las.

Não encontrando na tabela, o correspondente ao total ganho, é que houve êrro de lançamento num crédito.

É para esta operação que devem sempre ser os salários a pagar divididos em quartos, meios, etc.

Não é indispensável que a repartição dessa fração de dia seja sempre feita por quartos, etc.
Por exemplo: Salário Cr$ 8,10 — trabalhou 3/4 ou seja 6,075

sendo 4 horas arando	3,50	(+ ou —)
3 " gradeando	2,572	
	6,075	
ou um quarto arando	2,00	(+ ou —)
meio dia gradeando	4,075	
	6,075	

Dividindo a importância total do movimento do mês, pelo número de dias totais encontrados, obtem-se o custo médio de um dia de serviço de homem, naquele mês.

Êste preço médio servirá para encontrar o número de dias gastos

em determinado serviço, dividindo-se o custo total daquele serviço pelo preço médio do dia.

Verifica-se pois a grande precisão, aliada a uma grande "maleabilidade" conseguidas por meio deste Livro Ponto, apezar de ser a questão mais complicada da escrita agrícola.

Êle ainda favorece a retificação de reclamações, pois êle indica claramente, em qualquer tempo, os companheiros de trabalho, que servirão de prova, se necessário fôr.

B) Sendo preciso enviar diàriamente, e detalhadamente todos os dados do livro ponto, usar-se-á o Livro Ponto Diário, cuja primeira via é preenchida em dinheiro, por lápis cópia, e depois destacada.

Ela contém 30 colunas, muito suficientes e mede 66 x 22 cm de alto. As primeiras colunas já podem levar algumas rubricas das Contas que se mantém o ano todo (campeiro, cocheiro, administração, fiscal, carroceiros, etc.).

Só a primeira fôlha de cada mês levará os nomes por extenso. As seguintes levarão apenas os números de cada empregado e o nome de algum novo, e seu respectivo número.

Quando um empregado sair, será mencionado no dia em que deixa de trabalhar, na linha a êle reservada.

As informações no fim direito da fôlha serão suficientes para uma fazenda média. Esses quadros poderão naturalmente serem modificados conforme as conveniências.

Muitas vêzes, êsta fôlha "Ponto Diário", e a fôlha semanal do livro Caixa serão suficientes para formar tôda a documentação útil para estabelecer a contabilidade duma propriedade.

No fim do mês, ou semanalmente, será feita a recapitulação da despesa (débito) da mão de obra, numa fôlha qualquer com colunas, ou com 31 linhas horizontais, para os dias do mês.

O crédito da mão de obra constará do Livro Ponto de bolso do administrador, ou fiscal geral.

Quasi sempre haverá algumas diferenças entre os dois totais, devendo prevalecer o do crédito, para lançamento no C/C EMPREGADOS. Assim os "acêrtos" serão feitos na fôlha de Recapitulação de Mão de Obra, nos títulos de maior gastos naquêle mês. (Continua)

MUDAS DE CAFÉ

bem assim como de plantas frutíferas e ornamentais V. S. encontrará na firma

DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.

Fazenda Citra

Caixa Postal, 48 — LIMEIRA — Estado de S. Paulo

LISTAS DE PREÇOS, FOLHETOS E ORÇAMENTOS SERÃO REMETIDOS GRATUITAMENTE A QUEM OS SOLICITAR

CULTURA DO CAFÉ

JOÃO CÂNDIDO FERREIRA FILHO

(Trabalho premiado no concurso de monografias promovido pelo S. I. A. em 1942)

LIGEIRO HISTÓRICO

Apesar de conservar o nome científico de **Coffea arábica** dado por Linneu, o cafeeiro é originário da África Oriental — Abissínia — principalmente das províncias de Kafta e Enária.

Segundo historiadores abalisados, o café foi introduzido no Yemen (Arábia) por volta do ano de 1500, tendo-se dado bem na parte SW da Arábia, tanto que muitos autores o consideravam natural dessa região. Cêrca de 10 anos mais tarde, o café ficou sendo conhecido em Meca e depois em Medina, de onde voltou para a África (Egito).

Das proximidades do Mar Vermelho o uso do café se irradiou para a Síria, Constantinopla, interior da Ásia e da África e parte da Europa, pois em 1626 já se bebia café na Itália.

Os holandeses, que iniciaram o comércio do café, transportaram cafeeiros novos da Arábia para Java e aí instalaram a cultura sistemática da preciosa planta. De Java os holandeses levaram plantas novas para Amsterdã, por volta do ano de 1706, e foi desta última cidade que o Jardim das Plantas de Paris recebeu a primeira muda de café. Foram ainda os holandeses que transportaram o cafeeiro de Amsterdã para a Guiana Holandesa, provàvelmente no ano de 1718, e em seguida para a Caiena. Quasi na mesma época em que penetrava o café na Guiana Francesa (1720) verificou-se o feito notável de sua instalação na Martinica, uma das pequenas Antilhas francesas, levado que foi por Gabriel de Clieux, oficial da marinha francesa. Em carta dirigida a um amigo, de Clieux narra a odisséia do pequenino cafeeiro que obteve no Jardim das Plantas de Paris, o qual, mais tarde, foi o disseminador do café na América Central. Nesse precioso documento diz o referido oficial: "A travessia foi longa e a água nos faltou de tal modo que durante mais de um mês fui obrigado a partilhar a fraca porção que me era fornecida com êsse pé de café, no qual fundava as mais ditosas esperanças e que fazia minhas delícias".

O café entrou no Brasil em 1727, quando o capitão-tenente Francisco de Melo Palheta, de volta de Caiena, trouxe para Belém do Pará sementes e mudas, que ali se desenvolveram bem.

Sòmente em 1760 vieram as primeiras mudas de café para o Rio de Janeiro, trazidas do Maranhão pelo desembargador João Alberto Castelo Branco. Essas mudas foram plantadas no quintal do Convento dos frades Barbadinhos na rua Evaristo da Veiga. Os frutos aí colhidos forneceram as sementes para as culturas cafeeiras de Resende e São Gonçalo (1795), de onde o café se irradiou para tôda a zona cafeeira do Brasil.

DESCRIÇÃO BOTÂNICA

Pertencendo à família das **Rubiáceas** e ao gênero **Coffea,** o cafeeiro (**Coffea arabica** L) é um arbusto de 3 a 5 metros de altura. A raiz principal, raiz mestra ou **pião,** penetra verticalmente até cêrca de meio metro; nessa altura, ramifica-se e forma várias raízes laterais que crescem oblìquamente, atingindo a profundidade de 2 a 3 metros. As raízes secundárias superficiais se estendem horizontalmente e se ramificam profusamente nas primeiras camadas do solo.

O caule é um **tronco** erecto que se ramifica desde a base; seus ramos são longos, flexíveis e providos de fôlhas persistentes. As fôlhas, que se mostram com pecíolo curto, são simples, opostas, ovais ou elíticas e um tanto coriáceas; seu comprimento varia de 10 a 15 centímetros por 4 a 7 centímetros de largura.

As flores são pequenas, muito brancas e odoríferas; mostram-se grupadas de 3 a 7, em **cimeiras fasciculadas,** na axila da fôlha. Examinando-se uma flor, verifica-se que é formada de cálice rudimentar provido de 5 dentes pequeninos; a corola é gamopétala infundibuliforme, isto é, formada de um tubo mais ou menos cilíndrico que se expande em um limbo dividido em 5 lobos. O androceu é constituído de 5 estames concrescentes com a corola, isto é, presos ao tubo corolino. O gineceu apresenta um ovário bilocular, com um óvulo em cada loja; o estilo bifurca-se na extremidade (bífido) em dois ramos estigmáticos.

As flores do cafeeiro desabrocham geralmente no início da primavera, em solo umedecido pelas primeiras chuvas dessa estação.

Em dia de sol, pela manhã, abrem-se os botões e a planta apresenta o lindo aspecto.

O pólen é transportado pelo vento e pelos insetos, que visitam as flores, atraídos pelo seu perfume e pela abundância de náctar formado na base da corola. A autopolinização é possível quando, ainda em botão, verifica-se a abertura das anteras; nessas condições, os grãos de pólen prendem-se ao estigma, no momento em que a flor desabrocha, ou pouco antes.

A polinização cruzada é prejudicada pelo excesso de chuva, de vez que os grãos de pólen umedecidos difìcilmente podem ser transportados pelo vento e mesmo porque os insetos, que se encarregam dêsse serviço, pouco trabalham por ocasião das chuvas.

O fruto do cafeeiro é uma **drupa** oval-elíptica que mede, quando madura, cêrca de 14 milímetros de comprimento por uns 12 de largura. Os frutos novos e pequeninos são conhecidos sob a denominação de **chumbinhos**; passam depois a **verdes**; em seguida a **verdoengos,** quando no início da maturação e, por fim, quando completamente maduro, o fruto é chamado **cereja.** Neste último estado compõe-se de uma película exterior — **epicarpo** — macia e de côr vermelha ou raramente amarela, como é o caso do café de Botucatu. Essa película envolve a polpa **mesocarpo** — adocicada e pegajosa, vindo em seguida as duas sementes, sendo cada uma revestida pelo **pergaminho — endocarpo** — que é uma membrana dura. O café despolpado ainda coberto pelo pergaminho toma a denominação de **café casquinha.** Em seguida ao perga-

minho encontra-se uma película delicada que envolve a semente; essa película, quando prateada, caracteriza os bons cafés despolpados.

Em cada fruto encontram-se duas sementes, vulgarmente denominadas grãos de café ou **favas.** Cada grão apresenta uma parte convexa e outra plana, sendo esta última dividida em duas partes iguais por um sulco longitudinal, que se entranha na massa do albúmen córneo da semente. Na parte inferior do grão aninha-se o embrião, cuja forma, faz lembrar uma pequenina raquete em que o cabo representa a radícula e a parte dilatada os cotilédones.

Algumas vêzes, o grão traz a forma oval, porque durante a formação do fruto só uma semente se desenvolve e forma então o conhecido café **moka.**

ESPÉCIES E VARIEDADES

Do grande número de espécies de cafeeiros cultivados o que mais de perto nos interessa é o **Coffea arabica,** cuja descrição acabamos de fazer. As variedades mais importantes do **Coffea arabica** para o Brasil são: o café Nacional ou Comum e o Bourbon. O primeiro é mais rústico, menos produtivo e também menos exigente do que o Bourbon. A **fava** do Nacional é, em geral, mais volumosa do que a do Bourbon. As fôlhas muito novas do Bourbon são verde-claras, ao passo que as do Nacional se apresentam arroxeadas.

Nos cafèzais mais antigos do Brasil, o Nacional entra com maior contingente, quase a totalidade, ao passo que nas culturas mais recentes, instaladas em terras roxas apuradas, o Bourbon tem sido, em geral, o preferido, dada a sua maior produtividade.

Nas zonas cafeeiras do nosso país, o Bourbon puro dificilmente é encontrado, sendo mais comum o tipo **abourbonado,** como conseqüência de freqüentes cruzamentos entre as variedades citadas.

Além do café Nacional e do Bourbon, que ocupam o grosso das culturas do Brasil, são encontradas outras variedades dignas de menção, como sejam: café Amarelo, também chamado café de Botucatu, o Maragogipe, o café de São José do Rio Pardo,o Bourbon amarelo e o **Caturra.**

O Maragogipe, que se originou por mutação, no Estado da Bahia, apresenta fôlhas, flores e frutos maiores um pouco do que os das outras variedades do **Coffea arabica.** Caracteriza-se também pela baixa produção e pela fava maior que dos outros cafés. O café de Botucatu — amarelo — é caracterizado pela coloração amarela dos seus frutos, quando maduros. O café de São José do Rio Pardo caracteriza-se pela produtividade elevada e grande tamanho da fava. É variedade relativamente recente (provàvelmente uma variação mais produtiva da varieddade Maragogipe, segundo Krug), que está sendo estudada em São Paulo.

O Bourbon amarelo é tão bom ou melhor do que o café Bourbon.

O Caturra apareceu ùltimamente; sementes desta variedade vêm sendo distribuídas pelo Instituto Agronômico de Campinas. Trata-se de cafeeiro de pequeno porte e de boa produção; é provável que o Caturra seja uma mutação do Bourbon.

As variedades acima indicadas pertencem, como já vimos, ao **Coffea arabica.** Existe, no entanto, uma variedade cultivada no Espírito Santo e em algumas fazendas do Estado do Rio, que não pertence à espécie citada; trata-se do café Conilon, corruptela gráfica de Quillou, cafeeiro semelhante ao **Coffea robusta** e cultivado em Java. O café Conilon é notável pela sua rusticidade, de vez que produz boas colheitas em terras consideradas medíocres, onde os cafeeiros comuns não mais encontram condições propícias para seu desenvolvimento. Os frutos do Conilon são menores e mais alongados do que os do **Arabica** e, do mesmo modo que no Robusta, formam-se em grande número nos fascículos ou rosetas. A qualidade do Conilon é sensìvelmente inferior à dos cafés de cultura corrente em São Paulo.

O **Robusta,** que é um cafeeiro africano, foi introduzido nas Índias Neerlandesas em 1900. Trata-se de uma espécie resistente á ferrugem do café — **Hemileia vastatrix** — moléstia criptogâmica que devasta os cafèzais das Índias Holandesas e que, felizmente, não é encontrada na América. O café **Robusta** é mais precoce do que as variedades do **Arabica** e apresenta elevada produtividade. As principais características do **Coffea robusta** são: fôlhas maiores do que as do **Arabica**; as flores agrupam-se muito mais densamente nas rosetas, resultando a formação de frutos menores e em maior quantidade.

Outras espécie muito conhecida em Java é o **Coffea liberica,** nativo da Angola. Caracteriza-se pelo maior tamanho de tôdas as suas partes, em confronto com as do **Coffea arabica.** As flores, além de maiores, possuem corola com 6 a 8 pétalas. O **Liberica** apresenta-se sob forma de uma árvore de 12 a 15 metros de altura; foi introduzido em Java com o fim de substituir o **Coffea arabica,** que nessa região vinha sendo muito atacado pela **Hemileia vastatrix.** O **Coffea liberica** não correspondeu à expectativa e hoje é considerado muito sucetível a essa doença.

CONDIÇÕES CLIMÁTICAS, EVOLUÇÃO E ALTITUDE

CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

O cafeeiro exige condições climáticas bem caracteristicas para produzir elevados rendimentos; sua cultura é possível em tôda a zona tropical e e subtropical; contudo, é nas proximidades do trópico de Capricórnio onde mais se adensam os cafèzais e onde, por conseguinte, os fatôres ecológicos se mostram mais favoráveis ao seu desenvolvimento. Como representante da zona em aprêço apresentamos o quadro das curvas plúvio-térmicas (médias por decênio) da região cafeeira de São Simão (São Paulo).

Verifica-se na zona cafeeira do Brasil que a temperatura média oscila entre 18 e 24ºC. O abaixamento da mesma a 0ºC, seguida de rápido degêlo, mata a parte aérea da planta; nos cafèzais abrigados por árvores maiores, e êsse abaixamento da temperatura pode, quando muito, queimar os ponteiros, sem produzir danos de monta. A ação da geada nos cafèzais desabrigados é, em geral, fatal para as partes aéreas, como já vimos, ms o aparelho radicular mantém-se vivo; em

tais condições, o decepamento da planta torna-se necessário para facilitar a brotação. Essa prática é aconselhável quando se trata de cafèzal não muito velho e instalado em terras não esgotadas.

No que se refere às chuvas, pode-se dizer que o cafeeiro se acomoda muito bem na zona subtropical do Brasil, cuja precipitação aquosa vai de 1.200 a 1.800 mm por ano. A distribuição das chuvas nesse caso é feita de modo a proporcionar às plantas as melhores condições de desenvolvimento. Assim, pelo quadro termo-pluviométrico da zona cafeeira, verifica-se que, por ocasião da floração, do enfolhamento e da frutificação, as chuvas são distribuídas com certa uniformidade e em quantidade suficiente às necessidades da planta. Logo depois dessa prolongada estação chuvosa sobrevém um período de sêca, indispensável à colheita, que compreende os meses de junho, julho e agôsto. Realiza-se, assim, o ideal para o cafeeiro: um período de chuvas bem distribuídas alternado com a temporada de sêca.

EVOLUÇÃO

Vejamos agora as diversas fases da vida do cafeeiro desdobradas de acôrdo com essas condições climáticas.

1.ª) — **Repouso** — A intensa atividade vegetativa cessa ou diminui sensìvelmente quando a chuva começa a escassear no fim do outono; sòmente as gemas das axilas das fôlhas continuam a desenvolver-se, até certo ponto, isto é, até se apresentarem preparadas para abrolhar com as chuvas da primavera; depois ficam dormentes, como a planta inteira;

2.ª — **Floração** — Logo após as primeiras e copiosas chuvas de setembro, quando o solo já se acha bem umedecido, irrompe, ao nascer do dia, a floração, a primeira florada, como dizem os cafeicultores. A primeira, porque outras podem aparecer no transcurso do período vegetativo, até o mês de novembro. Dois a três dias dura a floração, a fase mais bela do desenvolvimento do cafeeiro.

3.ª) — **Frutificação e Maturação** — Após a fecundação, a planta inicia, com as freqüentes chuvas da primavera um intenso período vegetativo, durante o qual novos ramos e novas fôlhas aparecem constantemente. Durante êsse enfolhamento, vai se processando também a evolução do ovário fecundado. Assim é que começam a aparecer os **chumbinhos**; mais tarde os verdes. Cêrca de 5 a 6 meses após a primeira florada, os frutos, em geral, apresentam o máximo volume. Com mais dois meses de desenvolvimento êles entram em plena maturação.

A fase que vai do máximo volume dos frutos até à completa maturidade, se desdobra do fim do verão ao início do outono; é uma quadra crítica da vida da planta, em relação à água. Isso quer dizer que no transcurso dêsse subperíodo, os cafeeiros precisam ter à disposição abundantes suprimentos de água e de elementos nutritivos, indispensáveis à normal formação de substâncias de reserva no interior das sementes.

ALTITUDE

A zona mais densamente povoada de cafèzais no Brasil se acha localizada em altitude que vai de 500 a 800 metros. Como a região em

aprêço encontra-se nas proximidades do trópico do Sul, não está totalmente livre das baixas exageradas da temperatura; daí a vantagem de instalar a plantação nos **espigões** livres de geadas, acima de 400 metros, mas abaixo de 800 m, para evitar os ventos violentos. O litoral da mesma zona está livre de geadas e aí prosperam inúmeros cafèzais geralmente sombreados. Os cafés produzidos nessas zonas baixas sòmente dão bebida suave quando despolpados e preparados convenientemente ou quando se encontram ao abrigo de árvores maiores, ao passo que os cafeeiros das grandes elevações, mesmo sem preparo acurado e sem árvores de sombra, podem produzir bebida muito agradável. As grandes elevações, embora favoráveis ao rendimento qualitativo, nem sempre são desejáveis, pois em geral ficam sujeitas aos ventos impetuosos que desfolham as árvores, dilacerando o colêto da planta no vaivém contínuo do tronco. Além disso, se o cafèzal fôr exposto aos ventos do quadrante sul, sofre, sem dúvida, a ação das ondas de frio, vindas das regiões temperadas.

SOLO

O cafeeiro é muito exigente no que se refere à natureza da terra. Prefere, por conseguinte, solo humoso da mata virgem recém-desbravada; um terreno não muito ondulado, que se aproxime das **meias laranjas**, isto é, das encostas levemente inclinadas. Quanto às propriedades físicas, o solo deve mostrar-se bastante profundo e permeável, para permitir o franco desenvolvimento da raiz mestra do cafeeiro e também para assegurar um balanço hídrico muito conveniente à vida da planta. No que se refere à reação do solo, pode-se indicar como mais vantajosa a terra um tanto ácida, de acôrdo com as pesquisas realizadas no Instituto Agronômico de Campinas.

Os principais tipos de terras cafeeiras são:

TERRAS ROXAS — Sob esta denominação encontram-se diversas modalidades de terras provenientes da desagregação das rochas básicas, notadamente do diabásio. São terrenos de origem local que se caracterizam pela coloração vermelho-arroxeada, que lhes empresta o óxido de ferro nêles encontrado em elevada proporção.

Essas terras podem pertencer a dois tipos principais: **terra roxa apurada e terra roxa misturada.** No primeiro, elas são abundantemente providas de argila, de óxido de ferro e de manganês, apresentando estrutura granular, quando sêca e esboroada; daí a denominação de terra roxa encaroçada, dada pelos cafeicultores de São Paulo. Um dos característicos da terra roxa é a sua notável profundidade, que permite não só o crescimento desembaraçado do aparelho radicular do cafeeiro, como também põe à disposição dessa planta considerável cubo de terra, capaz de atender por muitos anos às suas necessidades em elementos de nutrição.

A terra roxa misturada é mais sôlta, devido ao teor mais elevado de areia; não forma, por conseguinte, os caroços que caraterizam a primeira. Em igualdade de outras condições, a vida dos cafeeiros nas terras roxas misturadas é mais curta do que a daqueles que vivem em terras roxas apuradas.

TERRAS MASSAPÉS — Nesta categoria enquadram-se diversos tipos de terras argilosas ou argilo-silicosas, provenientes da desagregação de certas rochas, principalmente do "gneiss" e granito. Os terrenos dessa natureza podem apresentar diversas colorações: branca, amarela, preta e vermelha.

TERRA SALMORÃO — Nesta categoria entram as terras roxas e também as provenientes do gneiss, que se caracterizam pela presença de grande número de fragmentos rochosos (seixos intatos), de mistura com a terra pròpriamente dita. Quando bem providas de húmus, os cafeeiros desenvolvem-se bem na terra salmorão.

TERRAS ARENOSAS — São provenientes da desagregação de arenitos. Quando a areia não se apresenta em exagerada proporção e quando os terrenos dessa categoria são corados de vermelho pelos ôxidos de ferro, podem servir à cultura do cafeeiro, desde que se trate de terras profundas de matas ou de capoeiras grossas.

Os cafeeiros instalados em solos dessa natureza produzem bem nos primeiros tempos; depois entram em decadência precoce, comparados com os de terra roxa legítima, pois são terrenos muito sujeitos à erosão e consomem a matéria orgânica com grande rapidez.

VESTIMENTA DO SOLO

A vegetação espontânea ou **vestimenta** da terra é, sem dúvida, o reflexo das boas ou más condições do clima e do solo. Baseando-se nesse princípio e na determinação da altitude mais conveniente, o cafeicultor das zonas novas fica em condições de bem escolher o local mais apropriado à instalação de sua lavoura cafeeira. Nas regiões sujeitas ás baixas temperaturas são escolhidos os espigões de 500 a 800 metros, cobertos de vegetação arbórea, onde se encontram com abundância os chamados **padrões** de boa terra para o café. Dentre os padrões mais indicados sobressaem: pau-d'alho (**Gaulesia gorazema**); figueira branca (**Urostigma doliarium**); jangada braca (**Heliocarpus americanus**); palmito branco (**Euterpe edulis**); cambará (**Lantana brasiliensis**); cedro branco, (**Cidrela fissilis**); óleo vermelho (**Mirospermum erythroxilon**); óleo pardo (**Microcarpus frondosus**), e muitos outros.

DESBRAVAMENTO E ALINHAMENTO

DESBRAVAMENTO

Salvo poucas exceções, a cultura do cafeeiro ainda é feita nas terras de matas, raramente em capoeirões e capoeiras.

Depois de escolhido o terreno e marcada a área do cafèzal, o primeiro trabalho a ser feito é a roçada, que consiste no corte, a foice, da vegetação de pequeno porte. Livre a mata de suas lianas e dos arbustos, segue-se a derrubada, isto é, o corte das árvores que não puderam ser abatidas pela foice. Em certas regiões cafeeiras usam deixar, de espaço a espaço, árvores de madeira de lei, destinadas a proteger os cafeeiros.

As propriedades que dispõem de meios de transporte adequados

aproveitam a madeira de lei (óleo vermelho, óleo pardo, cedro, peroba, etc.), para a exportação. Muitas vêzes o produto da derrubada de tais madeiras cobre a despesa com desbravamento do terreno. As operações citadas são feitas no inverno; assim, ao iniciar-se a primavera a vegetação abatida já se encontrará sêca e pronta para receber o fogo. Antes da queimada, procede-se à formação do **aceiro,** que consiste na limpeza de uma faixa de alguns metros de largura ao derredor da derrubada, com o propósito de impedir a propagação das chamas às matas vizinhas. A queimada, tão condenada pela agricultura racional, é necessária, neste caso, a fim de preparar o terreno sem grandes despesas e com rapidez.

É aconselhável praticar-se a queimada quando o mato prostrado já se encontra sêco, estando a terra em tal estado de frescura que impede a destruição pelo fogo de tôda a **manta** da floresta; poupa-se assim, grande porção do precioso húmus que a mata acumulou na terra durante tanto tempo. O ideal seria não queimar, mas a vegetação abatida é tão densa, que os trabalhos de plantio e os tratos culturais tornar-se-iam muito penosos em solos assim obstruídos. Depois da queimada são construídos os carreadores, que servirão não só para a passagem dos veículos, como também para dividir o cafèzal em talhões, tendo cada um cêrca de 5.000 pés de cafés, a fim de se tornar mais cômoda a administração da fazenda.

ALINHAMENTO

Depois da plantação, seja pela semeadura direta na cova ou por meio de mudas, os pés de café deverão formar ruas regularmente espaçadas, de modo a permitir boa distribuição de ar e de luz entre êles. As distâncias entre as plantas variam, principalmente, com a natureza da terra e dependem também da variedade empregada. Em geral, para as nossas variedades de cultivo corrente, as distâncias empregadas são: 3 a 3,5 metros nas terras medíocres, 4 m nos bons solos e 4,20m a 4,50m nas terras muito férteis, onde o desenvolvimento das plantas torna-se exagerado.

O alinhamento em quadrado é, sem dúvida, o mais empregado na lavoura cafeeira; as plantas ficam a igual distância umas das outras, formando no cafèzal um verdadeiro xadrez. O estaqueamento do terreno neste caso não apresenta dificuldades: marcam-se primeiramente as linhas básicas **ab** e **ac.** Para bem esquadrejar o terreno emprega-se um triângulo retângulo de ripa ou de bambu. Nas duas linhas marcadas estende-se um cordel com tiras de pano dispostas de espaço a espaço, conforme a bitola desejada no plantio do café, e no lugar de cada marca crava-se uma estaca. Com o referido triângulo retângulo e o cordel assinalado marcam-se os pontos **d** e **e**; daí em diante é fácil, com auxílio de balizas, traçar as linhas paralelas e marcar os lugares das covas.

O alinhamento em quadrado é o mais empregado; contudo, o mais vantajoso é o arruamento em **quincônci (1).** Êste último não é de uso corrente, porque exige um pouco mais de cuidado no estaqueamento do terreno; entretanto, é mais vantajoso por diversos motivos. Primeiramente o terreno é melhor aproveitado; de fato, um hectare de terra

($10.000m^2$) comporta 625 cafeeiros dispostos em quadrado de 4 metros de lado, ao passo que, sendo empregado o sistema em quíncôncio, o número de pés passa a 721, na mesma área. Além disso, ficando as plantas desencontradas, o solo será mais protegido contra as enxurradas, contra a isolação excessiva e contra o vento. A marcação do terreno exige um pouco mais de atenção, mas não é difícil suponhamos o alinhamento inicial AB; com auxílio de um triângulo equilátero, feito de varias (seja de ferro, de madeira ou de bambu), cujo comprimento corresponde à bitola empregada, marcam-se, na linha AB, sôbre o cordel estendido, os dois pontos correspondentes aos vértices do triângulo; em seguida, crava-se a estaca no 3.º vértice. O **triângulo** passa depois para a segunda posição, sendo feito o estaqueamento do mesmo modo e assim por diante.

As fórmulas empregadas para determinar o número de plantas, que uma dada área de cafèzal pode conter, são as seguintes: Plantação em quadrado $\frac{S}{d^2}$; alinhamento em quincôncio $\frac{S}{d^2} \times 1,155$; **S** representa a área do cafèzal e **d** indica a separação entre as plantas.

Para dificultar a perda de terra e elementos nutritivos que costumam ser arrastados pelas águas que escorem no terreno, alguns fazendeiros caprichosos estão pondo em execução o processo de alinhamento em curvas de nível. Como estas últimas são linhas sinuosas, a distribuição das covas não apresenta a regularidade encontrada nos outros processos de arruamento. O cafèzal não se mostra tão agradável à vista quando as linhas de plantas contornam a encosta, mas em compensação torna-se mais fácil a defesa contra a erosão e os tratos culturais.

A execução dêsse alinhamento apresenta certas dificuldades, em virtude da configuração irregular dos terrenos. Apesar disso, procuranremos esboçar um plano que poderá facilitar a tarefa. Iniciando o serviço na parte mais alta da encosta, marca-se aí uma linha de nível, seja **ab.** Em seguida, traçam-se cinco ou seis linhas paralelas a essa primeira linha de contôrno, sendo uma separada da outra, de acôrdo com o espaçamento desejado. Nova curva de nível, **cd,** será traçada, seguida de 5 ou 6 linhas paralelas, e assim, por diante.

A marcação das covas poderá ser feita, pelo sistema de triangulação. de triangulação.

SEMEADURA

A escolha da semente destinadas ao plantio do café deve ser feita com capricho, uma vez que dela depende, em parte, a produtividade dos futuros cafeeiros. A planta escolhida para fornecer as sementes precisa ser robusta e apresentar-se em plena produção, além de ser represen-

---

(1) Ao tratar dos processos de alinhamento, diz Navarro de Andrade: "Os autores inglêses, italianos e portuguêses chamam também **quincônicio** ao processo de plantação em triângulos equiláteros, ao passo que os franceses dão êste nome ao de triângulos isósceles. Seguiremos aquêles".

tante genuína da variedade desejada. Os frutos devem mostrar-se bem maduros, não servindo os apanhados nas extremidades dos ramos, onde nem sempre encontram abundante nutrição. O café é assim colhido a dedo e em seguida despolpado a mão, se fôr possível; no caso de despolpamento a máquina, é preciso que esta seja regular de modo a não comprimir muito os frutos, a fim de que o pergaminho permaneça intato.

Depois de despolpado o café, os grãos devem ser lavados em água contendo certa quantidade de cinza, a fim de eliminar com presteza a mucilagem (mel) que os envolve. Durante a lavagem, aproveita-se a ocasião para separar os grãos mal nutridos, que sobrenadam. As sementes são espalhadas depois em tabuleiros ou esteiras e postas a secar à sombra, em local arejado.

Emprega-se, também, para semeadura a cereja inteira do café; neste caso, os frutos bem maduros devem ser cuidadosamente secos à sombra, pois é sabido que a secagem ao sol forte prejudica sensìvelmente o poder germinativo das sementes. E' preferível empregar cafés em casquinha (depolpados) para a semeadura, não só porque podem ser melhor escolhidos, como também germinam com mais desembaraço.

ABERTURA DAS COVAS E SEMEADURA DIRETA

Uma vez estaqueada tôda a área destinada ao cafèzal, abrem-se, nos pontos marcados, covas de 30 a 40 centímetros de bôca e outro tanto de profundidade, no fundo das quais coloca-se terra humosa da superfície. Nas proximidades dos quatro cantos do fundo da cova, abrem-se quatro covetas de uns 3 centímetros de profundidade; em cada coveta são enterradas 4 a 5 sementes em casquinha ou frutos secos à sombra, como já foi indicado. Em seguida à semeadura, cobre-se cada cova com achas de lenha dispostas umas ao lado das outras. Esta última providência é indispensável para proteger as plantinhas contra o sol intenso e contra as bruscas mudanças de temperatura.

Tratando-se de terreno em declive, é necessário construir, do lado mais alto, uma pequena elevação de terra em forma de crescente, para proteger o interior das covas contra as enxurradas, que depositam detritos vegetais sôbre as plantinhas, prejudicando-as em seu desenvolvimento ou matando-as.

Cêrca de um mês depois da semeadora, começam a aparecer as primeiras plantinhas; quando alcançarem de 10 a 12 centímetros opera-se o desbaste, no momento em que a terra se mostrar bem umedecida, facilitando, assim, o arrancamento das mudinhas com tôdas as suas raízes. Nessa ocasião, pratica-se rigorosa seleção, deixando em cada coveta sòmente uma muda, que deve ser vigorosa e de crescimento erecto; ficam, portanto, quatro plantinhas em cada cova, as quais formarão mais tarde o pé de café.

O sistema de plantio que estamos indicando é o mesmo adotado desde o início da formação dos cafèzais brasileiros. Enquanto as estações experimentais não preconizam outro processo mais vantajoso, baseado em cuidadosas pesquisas, não convêm abandonar o emprego até agora pelos cefeicultores brasileiros. O método de um pé por cova, sem sombreamento, em terras roxas apuradas e desbravadas recentemente,

pode levar à morte muitas dessas plantas isoladas, depois de uma grande e esgotante carga, conforme foi verificada em muitas fazendas.

Voltando a tratar dos cuidados exigidos pelas plantinhas ainda na cova, temos a dizer que quando elas alcançarem as achas de lenha, torna-se conveniente levantar estas últimas, dispondo-as em forma de **arapuca,** a fim de proteger, por mais tempo, os pequeninos cafeeiros.

À proporção que as mudas foram crescendo, as achas de lenha vão sendo abertas para que não prejudiquem o crescimento das plantas, até estas tomem corpo suficiente para não necessitar mais de proteção.

O processo da semeadura direta na cova, que acabamos de descrever, é o mais usado nas culturas em larga escala, por ser mais econômico do que o sistema de criação das mudas em viveiros. Êste último é mais empregado nas instalações de pequenas culturas de café e se torna indispensável na manutenção de boas mudas para replantas do cafèzal.

A semeadura direta deve ser feita na primavera, depois de terminados os trabalhos de **coveação** e no momento em que terra se mostrar em boas condições de umidade.

CRIAÇÃO DAS MUDAS EM VIVEIROS

As sementeiras, em regra, são instaladas nas clareiras das matas ou em ripados; de qualquer modo, as plantas novas devem ficar ao abrigo da luz intensa, dos aguaceiros, das geadas e dos ventos fortes. As ripas que cobrem o ripado deverão ser dispostas na direção norte-sul, para melhor distribuição da luz solar dentro do abrigo.

A área destinada à sementeira deve ser livre de águas estagnadas e, se possível, nas proximidades da sede da fazenda, onde pode ficar mais à vista e onde geralmente não falta água para irrigar as mudas. O terreno destinado a receber as sementes deve ser resolvido a pá ou enxadão, de modo a ficar bem mobilizado e pulverizado na superfície. Em seguida, divide-se o terreno em canteiros de cêrca de um metro de largura, ficando separados, uns dos outros, por meio de caminhos de meio metro de largura.

SEMEADURA E TRANSPLANTAÇÃO

Desde que a terra da sementeira se encontre bem preparada, procede-se à distribuição das sementes ou dos frutos secos à sombra, sendo preferíveis as primeiras, como já foi visto. E' preciso que se diga, de passagem, que as sementes de café perdem com relativa facilidade o seu poder germinativo, sendo por isso conveniente semeá-las logo depois de sofrerem a seca, em local sombreado e ventilado.

O café casquinha (despolpado) ou os frutos secos são distribuídos no fundo de pequenos sulcos, alinhados a cordel, à profundidade de 3 a 4 centímetros e em seguida cobertos de terra; ficando um sulco separado do outro por espaço de 15 a 20 centímetros e as sementes à distância de 4 a 5 centímetros, uma das outras, no mesmo sulco.

Durante o período de germinação e crescimento das mudinhas, o solo deverá manter-se em estado conveniente de limpeza e de umidade. Quando as mudinhas alcançarem 10 centímetros de altura, mais ou

menos, podem ser transplantadas para jacàzinhos ou para viveiros, onde permanecerão até alcançarem o desenvolvimento necessário à transplantação definitiva.

Vejamos em primeiro lugar a transplantação para jacàzinhos. Êstes podem ser de taquara, de madeira (tantico) ou são construídos com telhas côncavas; finalmente, os mais baratos são feitos de sapé.

Êste último tipo de jacàzinho, que serve não só para o café, como também para qualquer outra planta criada em viveiro.

A terra para jacàzinhos deve ser de boa qualidade; emprega-se geralmente uma mistura de terra com um terço de terriço.

A transplantação em tempo chuvoso é mais conveniente, pois nessa ocasião a terra do viveiro se mostra bem umedecida; em tais condições, as plantinhas poderão ser arrancadas sem sofrer abalo. As mudinhas retiradas do viveiro são plantadas nos jacàzinhos com auxílio de plantadores, recebendo, então, cada jacá 3 ou 4 mudas, que deverão ser bem dispostas, para formarem, mais tarde, um pé de café.

Os jacàzinhos recém-plantados permanecem alinhados na clareira da mata ou no ripado e aí recebem as irrigações e os demais cuidados culturais. As mudas crescem ràpidamente e depois de 15 a 18 meses da semeadura, quando tiverem mais ou menos um centímetro de grossura poderão ser transplantadas para o lugar definitivo, isto é, para o futuro cafèzal, onde as covas já devem estar prontas para receber os jacàzinhos.

TRANSPLANTAÇÃO DE MUDAS COM RAÍZES NUAS

As mudas da sementeira, quando alcançam cêrc ade 10 centímetros, podem ser transplantadas para viveiros, guardando então a distância de 25 a 30 centímetros entre elas, em tôdas as direções. Os cuidados referentes às capinas e irrigações continuam, como anteriormente, até as mudas atingirem o ponto de transplantação definitiva, quando apresentarem 10 a 15 milímetros de grossura.

Por ocasião do preparo das mudas, o viveiro deve ser irrigado e os pequenos cafeeiros são então arrancados cuidadosamente. Com um podão bem afiado corta-se a raiz mestra e o caule a vinte centímetros do coleto, ao mesmo tempo que são aparadas as raízes secundárias. As mudas assim podadas são transportadas para o cafèzal, onde já encontram, à sua espera, as covas de antemão preparadas e cheias de terra superficial. Com um plantador comum de horta fazem-se 4 furos na terra, perto dos cantos, de modo a ficarem separados cêrca de 20 centímetros. As mudas são plantadas nesses furos com a devida cautela, tendo-se o cuidado de comprimir bem a terra contra o aparêlho radicular, ficando o coleto ao nível do chão. Quando essa operação é feita por ocasião das chuvas, poucas mudas deixam de pegar.

Os pequenos pés de café tirados do viveiro, onde gozam frescura conveniente e iluminação atenuada, tornam-se muito sensíveis à luz intensa, necessitando, por isso, de abrigos, após a transplantação definitiva. Êsses abrigos podem ser do mesmo tipo das arapucas indicadas anteriormente. Como proteção das plantas novas, usam plantar mamona

ao lado da cova, sendo preferível uma leguminosa de porte arbustivo, como, por exemplo, o guando, a tefrósia, a crotalária, etc.

A época mais conveniente para a transplantação das mudas de raízes nuas é, sem dúvida, no fim do outono, quando as plantas se preparam para entrar em relativo repouso e na ocasião em que o solo dispõe ainda de umidade conveniente.

Em certas zonas cafeeiras são aproveitadas mudas de 1 a 3 anos nascidas debaixo de velhos cafeeiros decadentes e improdutivos. Formam-se, então, nessas lavouras abandonadas, verdadeiros viveiros naturais, onde são encontradas plantas de aspectos e idades diferentes, vivendo em condições precárias por falta de tratos. Cada planta, depois de arrancada e aparada, como foi visto, constitui a conhecida **muda de tôco,** que é transplantada da mesma maneira como se fôsse tratada em viveiro. Essas mudas obtidas em lavouras abandonadas apresentam sérias desvantagens: são quase sempre raquíticas, porque vivem em solo esgotado; mostram-se de tamanhos diferentes e formam cafèzais sem uniformidade; não é possível nesse caso, praticar-se a seleção cuidadosa, que no viveiro é feita com resultados positivos.

* * *

O plantio de café em solo pouco fértil nas chamadas terras cansadas, exige abertura de covas de 60 a 70 centímetros de bôca por outro tanto de profundidade. Neste caso, cada cova deve receber terra adubada com 20 quilos de estrume de curral ou **composto** bem preparado, meio quilo de pó de ossos e meio quilo de cinza. Todo êsse material fertilizante deve ser caldeado com a terra que saiu da cova, voltando novamente para ela, a fim de receber as mudas de café (em jacàzinhos ou mudas aparadas).

TRATOS CULTURAIS

Cêrca de 30 a 40 dias depois da semeadura direta do café nas covas, começam a surgir as plantinhas. Quando aparecem as fôlhas primordiais, elas recebem a denominação vulgar de **orelhas de onça,** devido à forma característica das duas primeiras fôlhas. Começam por êsse tempo os cuidados culturais exigidos pelos cafeeiros, para se desenvolverem com vigor e uniformidade. Assim é que uma enxurrada mais forte, carregando detritos vegetais de tôda a sorte para o fundo das covas, pode ocasionar a morte das mudinhas, desde que elas sejam cobertas pelo material depositado pelas águas de escorrimento. Foi visto, por ocasião da semeadura, que a elevação de terra em forma decrescente concorre para proteger o fundo das covas. Apesar de tal precaução, é possível que aí se acumule certa quantidade de terra, fôlhas sêcas e outros restos vegetais; por conseguinte, é de tôda a conveniência limpar cuidadosamente o fundo das covas, de tempos a tempos.

As pequeninas mudas devem, portanto, crescer em ambiente limpo e a meia sombra, regulada pela boa disposição das achas de lenha que cobrem as covas. Se um cafèzal fôr maltratado ou abandonado nessa ocasião, pode contar com grande número de falhas e difìcilmente poderá alcançar mais tarde a uniformidade desejada.

Quando as plantinhas alcaçarem 12 a 15 centímetros de altura devem ser desbastadas, isto é, arrancadas as excedentes, com todo o cuidado, na ocasião em que a terra estiver bem molhada, para não abalar as que ficam. Permanecem no interior da cova, em geral, 4 mudas convenientemente espacejadas, as quais devem crescer bem eretas, para que, no futuro, o **pé de café** mantenha uma boa forma, que se aproxima da cilíndrica. O cuidado com as plantas novas é essencial, porque o bom aspecto e mesmo a produção de um cafèzal dependem, em grande parte, da maneira como são conduzidas as jovens plantas.

CAPINAS E CULTURAS INTERCALARES

Durante a formação dos cafeeiros, as capinas constituem o trato cultural mais importante. Como geralmente as lavouras cafeeiras são instaladas em terras de matas cheias de tocos, o referido cuidado cultural sòmente poderá ser feito a enxada. O número de capinas por ano é variável, de 4 a 6, conforme a riqueza do solo.

Os fazendeiros costumam confiar o novo cafòzal a empreiteiros, durante cêrca de 4 a 5 anos, ficando êstes com o direito de explorar as culturas intercalares, geralmente milho e feijão, assim como também pertence aos mesmos a pequena colheita do 3.º ano (catação), a do 4.º e às vêzes até a produção do 5.º ano, conforme o contrato. Findo êste tempo, o fazendeiro recebe o cafòzal já formado e em boas condições de limpeza e produção.

As culturas intercalares são geralmente assim distribuídas: no 1.º ano, milho e feijão em tôdas as ruas do cafòzal; no 2.º ano, milho em ruas alternadas e feijão em tôdas elas; no 3.º ano o milho é plantado na primeira rua, depois na quarta e assim sucessivamente, sempre saltando duas, sendo à vontade o plantio do feijão.

As culturas intercalares apresentam a vantagem de reduzir consideràvelmente as despesas de formação do cafèzal. Entretanto, só devem ser permitidas no período de crescimento dos cafeeiros, isto é, do 1.º ao 4.º ano, porque a maior parte da área do cafèzal, durante êsse tempo, fica descoberta e exposta à ação das enxurradas; de resto, os cafeeiros novos não podem aproveitar tôda a enorme cópia de elementos nutritivos encontrada nas terras recém-desbravadas. Nessas condições, as culturas intercalares, cobrindo o centro das ruas, impedem, em parte, a erosão do solo e alimentam-se, por seu lado, do quinhão de terra não utilizável pelos cafeeiros novos. No caso de cafèzal já formado, as culturas intercalares só podem ser prejudiciais, a não ser que a terra seja constantemente adubada e bem defendida contra a erosão.

Vejamos agora algo sôbre o fechamento das covas. Experiências concludentes sôbre o assunto não conhecemos, por isso vamos indicar

a maneira como se processa o referido fechamento das covas na quase totalidade das lavouras cafeeiras plantadas pelo sistema de semeadura direta. O cafeicultor deixa ao encargo das chuvas o nivelamento do solo; de fato, cada aguaceiro que cai transporta para o fundo das covas certa quantidade de terra; dêsse modo, no fim do 3.º ou do 4.º ano elas já se apresentam quase cheias. Servem, assim, como uma fraca ajuda na defesa do solo contra o arrastamento de suas partículas terrosas. Na ocasião de preparar o solo para a colheita, a enxada do colono se encarregará de nivelar a terra, se houver ainda alguma depressão.

Passados 10 a 15 anos, após o desbravamento, os tocos começam a apodrecer e tornar-se, então, possível o emprêgo de máquinas agrícolas no cafèzal.

O cultivador mais conhecido na lavoura cafeeira é, sem dúvida, o **bico de pato,** que é empregado principalmente quando as ervas daninhas se mostrarem já bem crescidas; segue depois a grade de dentes para completar o serviço e igualar o terreno. As capinas comuns são feitas com as capinadeiras do tipo Planet Jor, empregando-se também o cultivador de discos e outros.

A mobilização do solo de um cafèzal, com essas máquinas agrícolas, precisa ser feita com muita cautela, a fim de evitar que as águas das chuvas carreguem a terra sôlta, resultante de tais cultivações. Nos terrenos em declive é preferível deixar o mato crescer até certo ponto e depois ceifá-lo a alfange do que manter o cafèzal mobilizado superficialmente pelas enxadas dos cultivadores. Neste último caso, a terra permanecendo afofada, sôlta na superfície, não poderá oferecer resistência às enxurrádas.

A tendência hoje é deixar o terreno coberto com plantas da família das leguminosas, a fim de proteger o solo. As leguminosas mais empregadas para êsse fim são: feijão de porco (Canavalia ensiformis) e **crotalaria juncea.** Outras podem cobrir melhor o terreno, como por exemplo a mucuna e o "cowpea", mas se tornam indesejáveis, porque a ramagem avassaladora dessas plantas tende a cobrir também os cafeeiros. Nunca é demais repetir que essas culturas intercalares só devem vegetar durante a quadra das chuvas, pois se permanecerem no cafèzal durante o inverno, farão séria concorrência aos cafeeiros.

DEFESA CONTRA A EROSÃO

A situação dos terrenos de matas virgens, após o desbravamento e semeadura do café, é a seguinte: na superfície do solo ainda se encontra apreciável porção de húmus escapo ao incêndio, assim como grande quantidade de cinza proveniente da queimada. Cinza e húmus são preciosos para os cafeeiros e dariam para manter a cultura em boa produção durante muitíssimos anos, se não fôssem arrastados pelas enxurradas. Além da perda constante da terra fina e dos principais fertilizantes que vão enriquecer as baixadas, quando não são trans-

portados para as grandes massas dágua, os cafèzais ficam ainda expostos, pelo contínuo desgaste, à formação de verdadeiras ravinas, que deixam as raízes descobertas em chão duro. De princípio, o cafeicultor não percebe o dano, porque a ação da erosão é lenta e insidiosa; só mais tarde êle divisa o perigo, quando começarem a aparecer as valetas no cafèzal, quando o terreno vidrado já não possui mais a estrutura granular, que caracteriza a terra roxa apurada e bem provida de elementos nutritivos.

A defesa do solo precisa, pois, ser iniciada cêdo, por ocasião mesmo da incineração da mata. Para isso é necessário que a terra se mostre um tanto umedecida na ocasião da queimada; assim, a vegetação prostrada é consumida pelo fogo, poupando-se, no entanto, grande parte da matéria orgânica mantida em contato com a terra fresca. E' imprecindível, ainda, conservar na superfície do solo recém-desbravado a mescla de substâncias humosas e cinza. Dadas, porém, as condições especiais em que o terreno se encontra — cheio de tocos — o processo viável de defesa do solo consiste em dispor a madeira, que pode ser removida, no sentido contrário ao declive. Um tronco de árvore, pôsto em posição de cortar as águas, segura mais terra do que à primeira vista parece. Com o propósito ainda de reter as águas é aconselhável, como foi visto no capítulo anterior, durante a época das chuvas, uma cerrada vegetação de leguminosas, capaz de impedir a lavagem do solo.

Todo o encordoamento ou enleiramento do material existente na superfície do solo (palhas, varreduras, madeiras, restos de capinas, etc.) deve ser disposto de modo a quebrar a fôrça das águas, obrigando-as a penetrar na terra.

FOSSAS RETENTORAS

Outro processo bastante vulgarizado entre os lavradores consiste na abertura de covas retentoras, de 1 metro de bôca por outro tanto de profundidade. Êsses buracos são dispostos de modo a ficarem desencontrados, para melhor recolherem as águas das chuvas que escorrem no cafèzal. Quanto mais declivoso o terreno, maior número de fossas serão abertas. Todos os anos, no fim da estação sêca, as covas serão limpas da terra e dos detritos vegetais nelas acumulados; êsse material deve ser espalhado uniformemente no cafèzal.

ENFILEIRAMENTO PERMANENTE

Esta prática agrícola, preconizada pelo antigo Serviço Técnico do Café, constitui, a um tempo, defesa e adubação do solo; defesa porque as pequenas elevações de terra ao redor de cada cafeeiro são capazes de represar as águas superabundantes; adubação, pela abundante incorporação de matéria orgânica que o solo recebe, por ocasião de ser executado o processo em questão.

O enleiramento permanente é praticado da seguinte maneira: abrem-se largos sulcos, com o arado sulcador, no centro das ruas do

cafèzal, tanto no sentido longitudinal como transversalmente. Enchem-se êsses regos com o cisco do cafèzal, formado pelos restos vegetais de tôda a sorte. Na escassez dêstes é preciso trazer de fora o lastro de matéria orgânica que o processo exige. O estrume de curral é, sem dúvida, o melhor material para êsse fim; na falta dêsse adubo podem ser empregados os seguintes: palha de café, lixo das habitações, sarapilheira, restolhos de milho, ramagens de leguminosas e de samambaias, capins diversos, etc.

O amontoado de detritos vegetais dispostos no fundo dos sulcos é coberto com a própria terra que o sulcador levantou; no caso de matéria orgânica muito palhosa, convém seja a mesma bem acamada pelos pés dos trabalhadores, antes de ser coberta de terra. Formam-se, dessa maneira, elevações de terra em volta de cada cafeeiro; graças a êsses pequenos diques ou cordões, as águas das chuvas são distribuídas uniformemente, de vez que cada pé de café recebe o quinhão de que necessita, não sobrando água para formar enxurradas. A matéria orgânica incorporada ao solo pelo enleiramento permanente vai se decompondo aos poucos, servindo, assim, de alimento às plantas. No fim de certo tempo, torna-se necessário reformar as leiras ou camalhões, a fim de manter o cafèzal nas melhores condições de produtividade. A aludida reforma das leiras consiste em abri-las com ajuda do sulcador, suprindo-as, em seguida, com novo lastro de matéria orgânica. Para facilitar essa operação aconselha-se reformar alternadamente as leiras, isto é, uma é aberta e renovada, a outra não, e assim sucessivamente; no ano seguinte serão renovadas as que não foram tocadas, de modo que cada pé de café receberá todos os anos novo suprimento de adubo. Uma vez que a coroação dos cafeeiros mantem-se permanentemente, as capinas só poderão ser feitas a enxada; as ervas daninhas devem permanecer no lugar onde foram cortadas, não sendo, por conseguinte, aconselhável acumulá-las ao longo das leiras. Sòmente na época de preparar o cafèzal para a colheita deverá ser rastelado, para o centro das ruas, o mato cortado pelas enxadas.

VALETAS EM CURVAS DE NÍVEL

Êste processo consiste em abrir valetas no cafèzal, de distância em distância, valetas essas que acompanham as curvas de nível; nessas condições, ficam em posição de opor sério obstáculo às águas de escorrimento. A distância entre as valetas depende da declividade do terreno; assim, quanto mais acentuada esta se mostrar, tanto mais próximo os sulcos destinados a represar as águas. Para os declives fortes as valetas se distanciam, mais ou menos, de 20 metros, isto é, são distribuídas de 5 em 5 ruas de cafeeiros, ao passo que nas suaves ondulações a distância poderá ser de 32 a 40 metros (8 a 10 ruas).

As curvas de nível podem ser demarcadas com auxílio de uma armação de madeira do tipo de um nível de perpendículo. A distância entre os pés do referido nível é de 2 a 3 metros e a marcação no terreno de dois pontos do mesmo nível poderá ser indicada seja por

um nível de pedreiro prêso à travessa horizontal, seja por meio do fio de prumo.

Marcados que sejam, no cafèzal, os diversos pontos do mesmo nível, são êstes sulcados profundamente, para formar a valeta, sendo acumulada na parte mais baixa a terra que sai do rêgo. Essa elevação de terra deve ser batida a enxada, a fim de suportar bem a pressão da água que aí se acumula. Convém quebrar, de espaço a espaço, a continuidade das curvas de nível, com a formação de cordões de terra dispostos perpendicularmente às valetas, espécie de apêndices, que evitam o acúmulo exagerado de água em certos pontos.

TERRACEAMENTO

A defesa do solo por meio de curvas de nível apresenta como inconveniente o possível rompimento das elevações de terra (cordões) destinados a represar as águas por ocasião dos aguaceiros. O terraceamento propõe-se a corrigir o aludido inconveniente, uma vez que as valetas, em vez de correrem em nível, são traçadas com fraco caimento, o suficiente para dar saída às águas superabundantes. Verifica-se assim que as águas das chuvas que não penetram no solo são recebidas no terraço (conjunto de valeta e cordão), antes de ganhar velocidade. Nessas valetas traçadas em suave desnível, de 3 a 4 por mil, o excesso de água se escoa lentamente e vai cair num canal coletor (escoadouro) densamente vegetado ou num carreador também protegido contra a erosão por uma cobertura de vegetação densa.

A distância entre um terraço e outro varia de 20 a 40 metros, conforme a declividade do terreno e a natureza do solo. Nas encostas de acentuado declive, assim como nas terras arenosas, os terraços serão menos distanciados, cêrca de 20 metros, ao passo que nas terras pesadas e nas suaves ondulações essa distância entre dois terraços consecutivos pode chegar a 40 ou mais metros.

Para marcar o rumo dos terraços, inicia-se o trabalho na parte de cima do terreno. A locação é feita de acôrdo com as instruções indicadas para marcar as curvas de nível, tendo-se naturalmente o cuidado de manter o fraco declive, que caracteriza o processo de terraceamento.

A construção do terraço é também semelhante à da curva de nível, podendo o sulcamento ser praticado com um pequeno arado de aiveca reversível, que segue o alinhamento das estacas jogando a leiva para baixo; mais 2 ou 3 sulcos são abertos, juntos ao primeiro, do mesmo modo como se inicia uma lavra em terreno declivoso. Em seguida, a enxada retira a terra revolvida pelo arado, a qual será amontoada na parte baixa, para aí formar uma elevação, cordão de terra ou leirão. Depois de retirada tôda a terra dos sulcos, o aradinho recomeça o serviço, passando umas 2 vêzes no fundo da valeta recém-aberta. Findo êsse trabalho, a terra revolvida será puxada para aumentar o cordão. A enxada entra novamente em ação para o trabalho de acabamento e consolidação dos leirões.

Resumos e Transcrições

Instituto Brasileiro do Café

O TEXTO DA LEI SANCIONADA PELO CHEFE DO GOVÊRNO

E' o seguinte o texto da lei n.º 1.779, de 22 de Dezembro de 1952, que cria o Instituto Brasileiro do Café:

CAPÍTULO I — **Dos fins, diretrizes e atribuições:**

Art. 1.º — O Instituto Brasileiro do Café (IBC), entidade autárquica com personalidade jurídica e patrimônio próprio, sede e fôro no Distrito Federal e jurisdição em todo o território nacional, destina-se a realizar, através das diretrizes constantes desta lei, a política econômica do café brasileiro no país e no estrangeiro.

Art. 2.º — Para a realização dessa política adotará o IBC as seguintes diretrizes:

a) promoção de pesquisas e experimentações no campo da agronomia e da tecnologia do café, com o fim de baratear o seu custo, aumentar a produção por cafeeiro e melhorar a qualidade do produto;

b) difusão das conclusões das pesquisas e experimentações úteis à economia cafeeira, inclusive mediante recomendações aos cafeicultores;

c) radicação do cafeeiro nas zonas ecológica e econômicamente mais favoráveis à produção e a obtenção das melhores qualidades, promovendo, inclusive, a recuperação das terras que já produziram café e o estudo de variedades às mesmas adaptáveis;

d) defesa de um preço justo para o produtor, condicionado à concorrência da produção alienígena e dos artigos congêneres, bem assim à indispensável expansão do consumo;

e) aperfeiçoamento do comércio e dos meios de distribuição ao consumo, inclusive transportes;

f) organização e intensificação da propaganda, objetivando o aumento do consumo nos mercados interno e externo;

g) realização de pesquisas e estudos econômicos para perfeito conhecimento dos mercados consumidores de café e de seus sucedâneos objetivando a regularidade das vendas e a conquista de novos mercados;

h) fomento do cooperativismo de produção, do crédito e da distribuição entre os cafeicultores.

Art. 3.º — **Para os fins dos arts. 1.º e 2.º, são atribuições do I. B. C.:**

1 — Intensificar, mediante acôrdos remunerados ou não, com o Ministério da Agricultura, as Secretarias de Agricultura, e outras entidades públicas ou privadas, as investigações e experimentações necessárias ao aprimoramento dos processos de cultura, preparo de café.

2 — Regulamentar e fiscalizar o trânsito do café das fontes de produção para os portos ou pontos de escoamento e consumo e o respectivo armazenamento, e, ainda, a exportação, inclusive fixando cotas de exportação por porto exportador.

3 — Regular a entrada nos portos definindo o limite máximo dos estoques liberados em cada um dêles.

4 — Adotar ou sugerir medidas que assegurem a manutenção do equilíbrio estatístico entre a produção e o consumo.

5 — A qualidade dos cafés de mercado para o consumo do interior e do exterior, regulamentando e fiscalizando os tipos e qualidades no comércio interno

e na exportação, podendo adotar medidas que assegurem normal abastecimento do mercado interno.

6 — Promover a repressão às fraudes no transporte, comércio, industrialização e consumo do café brasileiro, bem como as transgressões da presente lei, aplicando as penalidades cabíveis, na forma da legislação em vigor.

7 — Defender preço justo para o café, nas fontes de produção ou nos portos de exportação inclusive, quando necessário, mediante compra de produto para retirada temporária dos mercados.

8 — Fiscalizar os preços das vendas para o exterior e os embarques na exportação para efeito de contrôle cambial, podendo impedir a exportação dos cafés vendidos a preços que não correspondem ao valor real da mercadoria ou que não consultem o interêsse nacional.

9 — Cooperar diretamente com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na organização de estatísticas concernentes à economia cafeeira.

10 — Facilitar, estimular ou organizar e estabelecer sistemas de distribuição, visando a colocação mais direta do café dos centros produtores aos de consumo.

§ 1.º Além das diretrizes e providências previstas neste artigo, poderá o Instituto Brasileiro do Café adotar implícitas nas finalidades definidas pelo art. 2.º inclusive assistência financeira aos cafeicultores e suas cooperativas.

§ 2.º São consideradas cooperativas de cafeicultores, para os efeitos desta lei, as constituídas de proprietários, de arrendatários e de perceitos, todos obrigatòriamente cafeicultores, bem como as especialmente constituídas por cafeicultores, para comércio exportação, beneficiamento, armazenamento, transporte e industrialização do café.

CAPÍTULO II — **Da Administração:**

Art. 4.º — A administração do I.B.C. ficará a cargo dos seguintes órgãos:

a) Junta Administrativas (J. Ad.);

b) Diretoria.

Art. 5.º — O órgão supremo da direção do I.B.C. é a Junta Administrativa constituida:

a) de um delegado especial do Govêrno Federal, que a preside, com voto deliberativo e de qualidade;

b) de representantes da lavoura cafeeira nos termos do § 2.º dêste artigo;

c) de cinco representantes do comércio de café, um de cada uma das praças de Santos, Rio de Janeiro, Paranaguá e Vitória, e o último em conjunto das demais praças;

d) de um representante de cada um dos Govêrnos dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo e de dois representantes designados em conjunto pelos Estados de Pernambuco, Bahia, Goiás, Santa Catarina e Mato Grosso.

§ 1.º — Os lavradores de café, membros da Junta Administrativa, serão eleitos pelos cafeicultores, segundo o processo eleitoral que for estabelecido pelo Poder Executivo em regulamento que deverá ser expedido dentro de 120 dias contados da vigência desta lei.

§ 2.º — Cada Estado produtor de café com produção exportável mínima anual de 200.000 sacas terá um representante cafeicultor na J. Ad. Os demais Estados terão um representante para cada milhão de sacas exportáveis ou fração superior a 500.000 sacas até o máximo de dez representantes por Estado.

§ 3.º — Cada representante referido neste artigo terá direito a um voto nas deliberações da J. Ad.

§ 4.º — Para o efeito do disposto no § 2.º, o Ministro da Fazenda declarará, trinta dias antes das eleições, o número de representantes cafeicultores com base na produção exportável média dos últimos cinco anos agrícolas.

§ 5.º — Os representantes do comércio do café e seus suplentes respectivos serão indicados pelas entidades representativas da classe das respectivas praças.

Art. 6.º — O presidente da J. Ad. será de livre nomeação do Presidente da República, demissível **ad-nutum**, e os demais membros e respectivos suplentes serão investidos em seus cargos mediante nomeação do Presidente da República.

Art. 7.º — O mandato dos membros da J. Ad. será de quatro (4) anos.

Art. 8.º — A J. Ad., para desempenho de suas funções, reunir-se-á em sua sede, ordinàriamente, independente de convocação, no primeiro dia útil da segunda quinzena de Abril e da segunda quinzena de Outubro; e extraordinàriamente, quando convocada pelo seu presidente, ou pela maioria de seus membros, ou ainda pela Diretoria do I. B. C.

§ 1.º — As sessões ordinárias durarão até dez dias, podendo ser prorrogadas sòmente no caso de assim o resolverem no mínimo 2/3 partes dos membros presentes.

§ 2.º — As convocações extraordinárias, que não poderão exceder o prazo das ordinárias, far-se-ão com antecipação de 15 dias, mediante convite direto e nominal aos membros da J. Ad., além de publicação pela imprensa.

§ 3.º — Na falta ou impedimento do delegado especial do Govêrno Federal, será nomeado substituto pelo Presidente da República.

§ 4.º — As deliberações da J. Ad. serão tomadas por maioria de votos de seus membros presentes e constarão sempre de ata lavrada em livro próprio.

§ 5.º — O suplente substitui transitòriamente o representante em suas faltas ou impedimentos e, definitivamente, no caso de renúncia ou falecimento.

Art. 9.º — As deliberações da Junta Administrativa, que o delegado especial do Govêrno Federal, ou qualquer representante do Govêrno estadual, julgar contrárias às diretrizes da política econômica do café, definidas no artigo 2.º, ou aos interêsses de determinado Estado, serão submetidas, com fundamentada exposição, e por intermédio do Ministro da Fazenda, à apreciação do Presidente da República, dentro de dez dias úteis, contados da data em que tiverem sido tomadas.

Parágrafo único. Considerar-se-ão aprovadas tais deliberações se, decorridos 30 dias do seu recebimento pelo Ministro, sôbre elas não se pronunciar o Govêrno, em despacho, para mantê-las, no todo ou em parte, ou suscitar a respectiva reconsideração pela Junta Administrativa.

Art. 10. — A J. Ad. compete:

a) elaborar o seu regimento interno;

b) baixar o orçamento anual do I.B.C. incluindo nele, obrigatòriamente, as importâncias que julgar necessárias para atender ao disposto nas letras "a", "b" e "c" do art. 2.º e no n. 1 do art. 3.º desta lei, de acôrdo com o Ministério da Agricultura e com as demais entidades citadas neste último dispositivo;

c) fiscalizar a execução do orçamento, tomar e aprovar as contas do exercício anterior;

d) apreciar o relatório anual da Diretoria, o qual conterá explícita demonstração das contas e dos atos praticados;

e) expedir os regulamentos de competência do I. B. C. necessários à conse-

cução das diretrizes e atribuições constantes dos artigos 2.º e 3.º desta lei e determinar as medidas financeiras que se tornarem necessárias;

f) apreciar as estatísticas da produção que lhes sejam propostas pela Diretoria, discutindo-as e firmando pontos de vista;

g) criar e extinguir cargos e funções, fixar os respectivos vencimentos e gratificações.

Parágrafo único. As medidas de amparo adotadas serão extensivas a todos os Estados produtores, em idênticas circunstâncias e guardadas as respectivas proporções de valores globais das regiões produtoras.

Art. 11. — Os membros da J. Ad. terão um subsidio que constará dos orçamentos anuais, arbitrados pelo Ministro da Fazenda.

Art. 12. — O I.B.C. terá uma diretoria constituída de 5 (cinco) membros, sendo que três, no mínimo, serão, obrigatòriamente lavradores de café, todos de nomeação do Presidente da República.

§ 1.º — Os diretores cafeicultores serão escolhidos pelo Presidente da República, de lista quintupla que lhe será apresentada pelos representantes da cafeicultura na J. Ad.

§ 2.º — O Presidente da República designará um dos Diretores para presidente da Diretoria.

§ 3.º — São incompatíveis para o cargo de membro da Diretoria as pessoas diretamente interessadas no comércio do café.

Art. 13. — Compete à Diretoria:

1. A fiel observância e a execução integral das deliberações da J. Ad. que tenham sido aprovadas pelo Govêrno Federal.

2. A superintendência e o controle imediato de todos os serviços do I. B. C.

3. A elaboração anual da proposta do orçamento da despesa dos serviços relativos à administração do I. B. C.

4. A organização do regulamento do pessoal do I. B. C.

5. A convocação extraordinária da J. Ad.

6. A elaboração do orçamento do custo da produção nas diversas regiões econômicas.

7. A promoção de entendimentos com os estabelecimentos bancários oficiais sôbre o financiamento da produção cafeeira, consertando, sempre que possível, os pontos de vista relativos à política financeira do café.

Art. 14. — A remuneração da Diretoria será fixada pelo Ministro da Fazenda.

Art. 15. — Ao presidente da Diretoria compete:

1. Representar o I. B. C., ativa e passivamente, em Juizo ou em suas relações com terceiros.

2. Efetivar as medidas administrativas devidamente aprovadas.

3. Assinar com qualquer dos outros Diretores Cafeicultores cheques, ordens de pagamento e demais papéis relativos às despesas do I. B. C.

4. Assinar com qualquer dos Diretores Cafeicultores contratos que importem na alienação de bens de propriedade do I.B. C. ou constituição de onus reais sôbre os mesmos, previamente autorizados pela J. Ad., bem como outorgar procurações.

5. Presidir às reuniões da Diretoria com voto deliberativo e de qualidade e convocá-la em carater extraordinário.

6. Nomear e promover os servidores do I. B. C., de acôrdo com quadro criado pela J. Ad., punir ou demitir êsses servidores, bem assim os do quadro efetivo como os da Tabela Numérica Suplementar, de que trata o art. 31 desta lei, na

forma que o regulamento estabelece e mediante inquérito administrativo; conceder férias, remoções, licenças e abonos de faltas.

7. Despachar todo o expediente do I. B. C.

8. Convocar extraordinàriamente a J. Ad.

CAPÍTULO III — **Do pessoal**

Art. 16. — Organizado o quadro do pessoal efetivo, os cargos e funções serão providos pelos ex-servidores do extinto D.N.C., de conformidade com o disposto na Lei n. 164, de 5 de Dezembro de 1947.

§ 1.º — No aproveitamento do pessoal a que se refere êste artigo, serão assegurados os vencimentos e as vantagens que os servidores percebiam a data em que foram dispensados do Departamento Nacional do Café, por fôrça do Decreto-lei n. 9.272, de 22 de Maio de 1946.

§ 2.º — Quando não houver mais ex-servidores do D.N.C. a serem aproveitados, os lugares que se vagarem ou resultarem de ampliações de quadro, dos serviços serão preenchidos mediante concurso de título e provas.

Art. 17. — O tempo de serviço prestado ao D.N.C., inclusive em sua fase de liquidação, será computado pelo I. B. C. para todos os efeitos de direito.

Art. 18. — Os servidores do I. B. C. com 70 anos e mais de idade e os que forem considerados inválidos para o exercício de função serão aposentados pelo I. B. C., de conformidade com o que estabelece o Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União.

§ 1.º. Ficam a cargo do Instituto Brasileiro do Café as aposentadorias concedidas pelo extinto Departamento Nacional do Café.

§ 2.º — Os proventos das Aposentadorias a que se refere êste artigo serão revistos nos termos do art. 193 da Constituição Federal.

Art. 19. — As contribuições dos servidores do I. B. C. para o IPASE serão calculadas nas mesmas bases estabelecidas para os funcionários públicos Civis da União, ficando-lhes asseguradas tôdas as vantagens de que gozam êstes últimos.

CAPÍTULO IV — **Do patrimônio.**

Art. 20. — O patrimônio do I. B. C. é constituído pelo acêrvo da extinto D.N.C., incluidos os seus haveres, direitos, obrigações e ações, bens móveis e imóveis, documentos e papéis do seu arquivo, que lhe serão incorporados na data do seu recebimento.

Parágrafo único. A Comissão Liquidante do D.N.C. efetuará a entrega do patrimônio da extinta autarquia e o I.B.C. receberá dentro do prazo de 60 (sessenta) dias, contados da vigência da presente lei.

Art. 21. Tôdas as importâncias em dinheiro pertencentes ao I. B. C. serão obrigatòriamente depositadas em conta especial em seu nome, no estabelecimento bancário oficial a que incumba o financiamente agrícola, sendo destinadas, com ressalva das que sejam necessárias ao custeio das despesas gerais e de administração, ao financiamento das medidas aprovadas pela J. Ad. na execução do programa do I. B. C.

Parágrafo único. O I. B. C. contratará com o banco a aplicação dêsses recursos, mediante participação no resultado das operações.

Art. 22. — Os armazéns de propriedade do I. B. C. poderão ser organizados como armazéns gerais, ou aproveitados como reguladores.

Parágrafo único. Os que forem julgados desnecessários poderão ser alienados mediante concorrência pública, com prévia autorização da J. Ad., para cada caso particular.

Art. 23. — Os imóveis atualmente ocupados por usinas de café e outros que sirvam para o mesmo fim poderão ser arrendados à Cooperativa de Cafeicultores ou às Secretarias de Agricultura dos Estados, onde estiverem localizados.

Parágrafo único. A maquinária das usinas a que se refere o presente artigo, terá o destino que fôr determinado pela J. Ad., observado o disposto no art. 9.º.

CAPÍTULO V — **Da taxa.**

Art. 24. — Para custeio dos serviços a seu cargo e atribuições que lhe competem, inclusive despesas de propaganda e outros encargos que venham a ser criados, o I. B. C. contará, além da renda do seu patrimônio, com o produto de uma taxa de Cr$ 10,00 (dez cruzeiros) por saca de 60 (sessenta) quilos de café, que é criada por esta Lei e será arrecadada na conformidade das instruções que baixará a sua Diretoria.

Art. 25. — Nenhuma licença para exportação de café, em qualquer ponto do país, será expedida pela autoridade competente sem lhe ser exibida a prova do pagamento dessa taxa.

CAPÍTULO VI — **Das Disposições Gerais e Transitórias.**

Art. 26. — Para os fins da presente lei, o I. B. C. poderá instalar e manter escritórios e delegados seus nas Capitais dos Estados, nos portos de exportação e mesmo no exterior.

Parágrafo único. Nos locais onde não existam serviços organizados pelo I. B. C. poderá êste transferir, mediante acôrdo, parte de suas funções executivas aos Governos Estaduais ou Instituições Cafeeiras capazes de, a seu juizo, executá-las.

Art. 27. — Enquanto não estiver constituida a J. Ad., a primeira diretoria composta de 3 (três) membros, de livre nomeação do Presidente da República, exercerá também os poderes daquela, competindo-lhe a guarda e a conservação do patrimônio do extinto Departamento Nacional do Café, por conta do qual correrão inicialmente as despesas e encargos do I. B. C.

Parágrafo único. — Constituída a J. Ad., o Presidente da República nomeará a Diretoria definitivamente na conformidade do art. 12 e seus parágrafos.

Art. 28 — Os representantes do Brasil nos órgãos ligados à economia cafeeira no estrangeiro, ainda que sem função diplomática, serão nomeadas pelo Presidente da República.

Art. 29. — Os representantes do Brasil, a que se refere o artigo anterior, remeterão mensalmente ao I. B. C. para a devida apreciação, relatórios e, se for o caso, balancetes mensais da receita e despesa, devendo ademais comparecer perante a J. Ad., pelo menos uma vez em cada ano, a fim de apresentar relatórios escrito ou verbal sôbre as atividades dos órgãos a seu cargo.

Art. 30. — Organizado o Quadro do Instituto Brasileiro do Café nos termos do art. 16, serão aposentados pelo novo orgão, conforme a § 2.º do art. 191, da Constituição Federal, com os vencimentos e vantagens assegurados no § 1.º do referido art. 16, os ex-servidores do Departamento Nacional do Café dispensados por fôrça do Decreto n. 9.272, de 22 de Maio de 1946, que, a data da instalação do referido orgão, contarem 70 anos ou mais de idade e os que forem considerados inválidos para o exercício da função.

Art. 31 — Os atuais servidores do D.N.C. em liquidação, dispensados por fôrça do Decreto-lei n. 9.272, de 22 de Maio de 1946, que não forem aproveitados no quadro efetivo, passarão, automàticamente, a servidores do I. B. C. integrando uma Tabela Numérica Suplementar que se extinguirá pelo aproveitamento de seus componentes no quadro, seja pelas vagas verificadas ou por qualquer outro motivo.

Art. 32. — São extensivos ao Instituto Brasileiro do Café os privilégios da Fazenda Pública, quanto a uso das ações especiais, prazos e regime de custas, correndo os processos de seu interesse perante o Juizo dos Feitos da Fazenda.

Art. 33. — No caso de extinção do I. B. C., o acêrvo existente terá a destitinação que fôr estabelecida pelas entidades representativas da lavoura cafeeira, as quais, para êsse fim, serão convocadas na própria lei que extinguir o Instituto.

Art. 34. — Dentro de 90 (noventa) dias da vigência desta lei, o Poder Executivo expedirá as necessárias instruções para a realização, dentro de igual prazo, da eleição dos primeiros representantes da lavoura cafeeira na J. Ad.

Art. 35. — São revogados o Decreto n. 9.784, de 6 de Setembro de 1946, e o Decreto-lei n. 9.272, de 22 de Maio de 1946, mantida a revogação do Decreto n. 6.213, de 22 de Janeiro de 1944.

Art. 36. — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 37. — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, em 22 de Dezembro de 1952; 131.º da Independência e 64.º da República.

(a) **Getulio Vargas** — Horácio Lafer — João Cleofas.

EQUILIBRE SUA ADUBAÇÃO COM
POTASSA
A GRANDE REGULADORA DAS COLHEITAS PESADAS.
COMPLEMENTO INDISPENSÁVEL
DO FÓSFORO E DO AZÔTO
Use Cloreto 60% ou Sulfato de Potássio 48% K20 — Fosfato bicálcico "Fertiphos" — 38 a 42% P205 — Sulfato de amônio 21% N
Folhetos gratuitos e informações para importação:
SOCIEDADE DE POTASSA E DE PRODUTOS AGRÍCOLAS LTDA.
Av. Ipiranga, 674 - 7.º - Salas 708 a 712 - Fone 34-1247 - Caixa Postal 6082
SÃO PAULO

REGULAMENTO INTERNO DO INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ

A diretoria do Instituto Brasileiro do Café acaba de aprovar o Regulamento Interno do Órgão recém-criado para a defesa da economia cafeeira. O Regulamento Interno, depois de discriminar as atribuições da Junta Administrativa e da Diretoria e a composição dos seus gabinetes, se fixa nos órgãos Departamentais da sede que passam a ser a Superintendência Administrativa, o Departamento de Divulgação e o Departamento de Economia e Assistência à Cafeicultura. A Superintendência terá, como Divisões, as de Comunicações, Pessoal, Material, Contabilidade, Controle de Exportação e Fiscalização cujas atribuições de seus Serviços e Secções são pormenorizadas.

No Departamento de Divulgação se situarão a Divisão de Documentação a qual estão afetos Planos, Documentos, Museu, Biblioteca e Gabinete de Desenho e a Divisão de Divulgação compreendendo Serviço de Extensão e Secções de Imprensa, Publicidade, Rádio e Televisão, Informações e Gabinete de Fotografia e Cinematografia. No Departamento de Economia e Assistência à Cafeicultura se concentrarão os serviços de amparo à Lavoura. Prevê-se no Departamento, uma Divisão de Assistência Técnica, Economica e Financeira, por sua vez compreendendo Serviço de Revenda de Material e Secções de Assistência Econômica, Financeira e Fomento ao Cooperativismo.

Haverá, ainda, uma Divisão de Estudos e Planejamentos com um Serviço de Tecnologia Beneficiamento e Industrialização e Secções de Produção, Política Cafeeira e de Conjuntura. No mesmo Departamento se vinculará a Divisão de Estatística com as suas atividades distribuidas pelas Secções de Exportação e Comércio Interestadual, Comércio Internacional, Censo e Cadastro, Análises e Pesquisas e Mecanografia. O I.B.C. terá agências de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes nos portos e escritorios nas Capitais dos Estados cafeeiros, cujas atribuições e organizações são previstas em regulamento próprio.

(Do Diário de São Paulo 13-3-53)

RESTAUREM SEUS CAFÈZAIS COM AS MISTURAS "POTAC"

FOSFATO BICÁLCICO
38/42% P205

CIANAMIDA CÁLCICA
20/21% N.

Adiantem sua primeira colheita adubando a plantação com as misturas especiais "POTAC".

Enriqueçam seu composto com CIANAMIDA CÁLCICA, FOSFATOS E POTASSA.

POTASSA E ADUBOS QUÍMICOS DO BRASIL S. A.
Rua Florêncio de Abreu, 36 — 5.º andar — Telefone: 36-6163 — São Paulo

UMA NOVA E SÉRIA EXPERIÊNCIA COM O HOMEM DO CAMPO

MURILO MARROQUIM

Os "Diários Associados" estão experimentando aqui, no meio sertão paulista uma experiência muito importante, no domínio social. O milho, o algodão e o café transformam a paisagem desses poucos hectares que, até poucos anos pareciam irremediavelmente condenados. O estigma da "terra cansada" deixara a sua melancolia nestes campos reverdecidos hoje; o café desbordou-se pelas fronteiras paulistas, à procura de húmus novos. A grande riqueza brasileira, durante ameaçada, fugia da terra que aparentemente esgotara; ocorreu um novo bandeirismo cafeeiro, cujo clima se observa, de modo tão impressionante, além dos marcos paranaenses. A civilização do café rumava para o sul e o oeste, aliando-se de modo não preconcebido duas exigências: o mêdo da terra esgotada e a grande necessidade de produzir para sobreviver. Esses dois fatores explicam o atual surto de bom imperialismo paulista, numa compacta e constante marcha para além das fronteiras do Estado. Aqui na Fazenda Rio Corrente existe, sobretudo, a demonstração de que se a tese do novo bandeirismo paulista e recomendável e boa, pois leva a riqueza para além das suas fronteiras, o princípio que a originou foi falso: Rio Corrente demonstra, com efeito, que a terra cansada é um acidente, sem dúvida desagradável, mas indubitavelmente fácil de ser vencido. O sr. Jorge Chateaubriand mostra-me, com orgulho, o milho alto e robusto; para além, o café tão bonito como nos melhores tempos em que a terra mal começava a ser cultivada; e, em seguida, aponta para as culturas de algodão, fortes, robustos, que ninguém imagina tenham eles apenas um ano.

* * *

Isto é, com efeito, um milagre da técnica e do homem. A produção desta fazenda aumentou dez vezes nos últimos quatro anos. A aplicação do adubo, por si só, não esclarece o êxito deste empreendimento modelo. Na realidade modelar, e que deve servir de advertencia a quantas fazendas em São Paulo e noutras regiões brasileiras, esboroam-se social, econômico e financeiramente. O que chama especialmente a atenção, aquí, é a restauração do homem; ou, melhor, a restauração da confiança do homem, na semente, no adubo no inseticida, na terra e em si mesmo. Na Fazenda Rio Corrente o colono merece uma outra designação; ele, na verdade, é muito mais o dono da terra, muito mais o senhor destas colheitas em perspectiva, do que os proprios "Diários Associados". os trabalhadores fazem, aquí, as suas experiencias permanentes com os produtos químicos à sua disposição; as misturas, de um modo particular, são suas, exclusivas — e fogem às percentagens dos compêndios. Quantos deles me dizem meio maravilhados com o poder dos inseticidas que não conheciam antes, que "assim faz bem viver na terra"? Enquanto os campos eram percorridos, ouvi, com o secretário da Agricultura de São Paulo, as observações de vários lavradores. Um deles, com toda naturalidade, disse para o secretario Pacheco Chaves: "O senhor examine à vontade; esteja em sua casa". E o fez com um tão visível sentido de orgulho e sobretudo de propriedade, que esta fazenda experimental dos "Diários Associados" deve ser efetivamente sua.

* * *

O sr. Jorgue Chateaubriand, que a dirige, não me esconde que os colonos ja podem emprestar à fazenda. Cerca de duzentos contos sairam do bolso deles, emprestados, para o florescimento destas três culturas. E' sem dúvida um fenômeno raro este de trabalhadores da terra possuirem o seu dinheiro em banco; contarem com depósitos disponíveis e crescentes, de modo que o seu próprio dinheiro circula na riqueza que as suas mãos vão multiplicando. Poucas vezes tenho visto — e sobretudo tão preso ainda ás atuais condições agrícolas nordestinas — uma tal comunicabilidade entre trabalhadores e chefes. Esta renovação do meio rural chama a atenção muito mais do que o exemplo da revitalização das terras, através da técnica. Parece-me que reside nessa revolução branca do meio rural o maior mérito de Rio Corrente. Eis onde a experiência dos "Diários Associação" assume uma importância fundamental, no quadro agrário brasileiro. E' de tanto maior relevo, porque coincide com as tarefas dos técnicos governamentais e dos estudos particulares de entidades, na análise em favor da reforma agrícola no Brasil. O interesse do colono pelo êxito de Rio Corrente ultrapassou, visivelmente, o desejo do lucro; pois êle é na verdade um homem com o orgulho da sua tarefa; sente-se responsável, plena confessa e heroicamente responsavel — que é o primeiro sinal de que uma nova mentalidade se inaugura no trabalho da terra. Todos sabem que reside justamente na irresponsabilidade diante de sua tarefa um dos mais alarmantes sintomas da via atual brasileira. Rio Corrente, ainda em desenvolvimento, é um modelo para a vida agrária do país. O sistema de meiação, aqui empregado, está oferecendo os resultados mais compensadores. Fez bem o governador Lucas Nogueira Garcez em vir até esta zona meio áspera do seu Estado de paisagem e clima tão semelhante às fronteiras da mata com o agreste do Nordeste. Aqui se faz, sem objetivo de lucros, mas em bases rigorosamente técnicas e econômicas, uma experiência muito séria com o homem do campo. Essa experiência será fundamental para a evolução agrícola de São Paulo, pois derruba inicial e simultaneamente dois tabus: o das chamadas terras cansadas e outro, bem mais importante, que é o comportamento do colono diante de sua terra de trabalho, em face do próprio trabalho que executa, dos resultados que obtem — o que lhes está dando, através desse franco orgulho, uma nova condição humana.

(Do "O Jornal", Rio — 30-12-52)

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.
Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CAMBIO
METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO
COUROS — ETC.

Assinaturas e mais informações nos seguintes endereços:

RIO DE JANEIRO: Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar — Fone: 23-0012

SÃO PAULO: Rua Libero Badaró, 488 - 2º andar — Fone: 3-4976

SANTOS: Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278

(p) Agências nos principais Estados do Brasil

AS ÚLTIMAS RECOMENDAÇÕES SÔBRE O COMBATE À BROCA DO CAFÉ

JALMIREZ G. GOMES (D. D. S. V.)

Comentemos, em síntese, as utilidades recomendadas no Combate à Broca do Café":

1 — **"Destruição de todos os cafeeiros abandonados e de lavouras decadentes que não compensem exploração econômica."**

Perdurando ainda as afirmativas de que o cafeeiro é o único hospedeiro da broca, esta medida não é de todo desaconselhável, pois que visando eliminar focos permanentes da praga, faculta o aproveitamento das áreas erradicadas para novos cultivos.

2 — **"Destruição dos pés de café da variedade coniion esparsos nas lavouras."**

Esta variedade, além de ser de pouca procura nos mercados e altamente preferida pela praga oferecendo condições propìcias a sua multiplicação normal.

3 — **"Iniciar a colheita mais cedo possível, pelos lugares mais infestados e praticando-a com o máximo cuidado".**

Dado o fato do café amadurecer rápidamente, a colheita deverá ser feita no menor tempo possível e de modo mais preciso. O café mal colhido implica sempre numa segunda operação por vezes mais trabalhosa e até mesmo mais onerosa que a primeira.

Os frutos deixados na lavoura constituem o melhor abrigo para a broca que neles evolui aceleradamente desde que as condições climáticas não lhes sejam adversas, como por exemplo as "secas" prolongadas.

4 — **"Utilizar a palha de café como adubo sòmente depois de convenientemente fermentado ou expurgado"**

Varios são os veículos da disseminação da broca do café (sacaria, utensilios, etc.) e a palha de café é um deles. A fermentação ou expurgo previo da mesma tem por fim eliminar o inseto nela abrigado, pois do contrário retornariam a cultura com toda a chance de multiplicar-se.

5 — **"Realizar o repasse perfeito".**

Embora esta medida encontre ainda certa relutância por ser em determinados casos de difícil execução e nem sempre compensar o custo da mão de obra empregado, continua a ser o meio mais eficaz e, portanto, o mais indicado para o combate ao **Hypothenemus.** E' necessário que o lavrador se capacite de que a verdadeira finalidade do repasse é eliminar da cultura, tanto quanto possível, o meio de nutrição e desenvolvimento do inseto, isto é, os frutos deixados na lavoura após a colheita. À retirada dos cafés remanecentes, quer nas árvores como no chão, sob a saia, representa um lucro futuro pela diminuição de infestação da nova safra, uma vez que esses asseguram à broca, quando as condições ambientais são favoráveis, um período de vida mais longo, posturas mais elevadas e por conseguinte maior número de adultos.

6 — **"Só armazenar o café em côco, em tulhas bem enxutas e quando fôr possivel, beneficiá-lo imediatamente".**

7 — **"Não amontoar o café colhido; transportá-lo com rapidez para os locais de secagem, se possível em sacos tipo lona".**

Uma vez procedida a colheita, todo o café deve ser imediatamente transportado para os locais de beneficiamento porque a amontoa na lavoura do café colhido, além

de prejudicar-lhe a qualidade, força a saida das fêmeas dos grãos brocados, as quais voltam à cultura a procura de abrigos ou novas fontes para infestar.

8 — **"Durante as práticas culturais, impedir que fiquem possíveis esconderijos para os grãos de café".**

9 — **"Praticar a catação profilática quando necessária".**

10 — **"Não enterrar o café com os restos de cultura".**

E' sabido que troncos ôcos, rachaduras ou intersticios da casca dos troncos e ramos; os grãos retidos nas forquilhas das árvores, em mistura com detritos vegetais, nas fendas e depressões do terreno ou na terra frouxa enterrados a pouca profundidade, constituem pontos de abrigo que muito favorecem a multiplicação da broca. Por conseguinte, deve-se ter em mira a conveniência de limpar as barrocas e depressões, fazendo a catação dos frutos arrastados pelas águas e que se acumulam nestas partes baixas do cafèzal; remover e destruir os detritos vegetais; retirar ou tapar troncos ôcos ou fendidos; enfim, evitar sempre que possível qualquer meio que possa esconder, na lavoura, grãos de café.

11 — **"Promover a multiplicação natural da vespa de Uganda (Prorops Nasuta)".**

Êste parasita, quando introduzido em regiões onde possa adaptar-se bem, desempenha papel importante no combate à praga. E' necessário, não obstante, encará-lo como um elemento complementar da luta, atuando em determinadas condições e em épocas mais ou menos distintas.

Exercendo a sua maior atividade sôbre a broca alojada nos frutos pendentes, deixando de procurá-la nos caidos ou abrigados na saia do cafeeiro, a **Prorops** pode parecer de pouca valia se a sua ação não fôr compensada pela execução de medidas que possam diminuir a população da broca ou eliminá-la dos pontos onde não é molestada pela vespa. Do contrário, perdurará sempre na cultura um desequilíbrio entre a população do parasita e a da broca o que poderá ser quebrado, razoavelmente, em favor do primeiro, pela aplicação sistemática do "repasse", da "catação" e de outras práticas que reduzem a quantidade de café brocado na lavoura.

12 — **"Empregar medidas profiláticas tendentes a evitar a contaminação das zonas indenes".**

Com o trânsito de pessoas, ferramentas, sacarias de retôrno, etc., de propriedades infestadas para zonas indenes, há possibilidade da praga ser disseminada, pois nestes veículos de disseminação sempre encontra pontos onde se abrigar.

Uma fiscalização rigorosa nesse sentido se impõe, quer da parte das autoridades, quer dos cafeicultores em geral.

13 — **"Difundir racional e permanentemente os métodos de debelação da broca, mediante campanha educacional intensa nos meios rurais."**

O êxito das medidas da luta ao **Hypothenemus** não se funda na ação exclusiva do govêrno, sendo também de suma importância que os agricultores, a par do conhecimento que devem ter do modo de vida dêste inseto, estejam devidamente instruídos quando à natureza, alcance a praticabilidade dos métodos que têm sido preconizados para debelá-lo.

(Do "O Jornal" Rio, 13-3-53).

O ANO CAFEEIRO DE 1952 NOS E.U.A.

PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS

Os principais acontecimentos no mercado cafeeiro dos Estados Unidos durante o ano de 1952 podem ser assim resumidos, com base em retrospecto organizado pela firma norte-americana George Gordon Paton:

Janeiro — A primeira semana de 1952 assinalou o mais ativo comércio e o mais acentuado avanço nos preços desde muitos meses; contudo o movimento geral do mês foi relativamente calmo e indeciso. Fatores dominantes no mercado: estimativas reduzidas da colheita brasileira em 1952/53, crença de que o produto alcançaria o preço-teto, permanecendo nessa base, e ameça de greve nas docas de Nova York. Os preços no varejo norte-americano subiram em 1 centavo de dolar por libra-peso. Em fins do mês o Santos 4 era cotado a 53-54 centavos e os colombianos a 58,75 centavos.

Fevereiro — Registrou-se lento declinio no mercado. Houve ligeira retração nas compras pelos toradores e a distribuição do café torrado não alcançou o rítmo dos meses anteriores. Indicações de que a safra brasileira de 1951/52 alcançaria mais um milhão de sacas a estimativa oficial de dezembro de 1951. Durante o mês, as importações norte-americanas elevaram-se a 2.286996 sacas — recorde mensal do ano — contra 1.069.965 em janeiro. Divulgou-se que o consumo "per capita" nos E.U.A. em 1951 montou a 16,78 libras-peso contra 16,54 em 1950. Cotação do Santos 4: 54 centavos.

Março — Ligeira atividade dos compradores, assinalando-se a chegada de grandes partidas compradas em dezembro e princípios de janeiro. A colheita brasileira de 1952/53 foi estimada em 15.199.500 sacas pelo sr. José de Queirós Teles. Cotação do Santos 4: 52 centavos.

Abril — A existência de grandes suprimentos contribuiu para a apatia dos torradores. A D.E.C. estimou a colheita brasileira de 1952/53 em 14.968.000 sacas. Importações norte-americanas: 1.702.449 sacas, contra 2.037.449 em março. Cotação do Santos 4: 52 centavos; colombianos, 5,5 a 55,3/8.

Maio — Embora as compras pelos torradores tenham sido esporádicas, o mercado apresentou-se estável. Intensificou-se a competição entre os torradores no varejo. Cotação do Santos 4: 53 centavos; colombianos, de 55,3/8 a 56,5/8.

Junho — Após um período de pouca atividade, o mercado tornou-se mais firme nos ultimos dias do mês, tendo para isso contribuido a possibilidade da terminação do controle de preços. Todavia, o Congresso aprovou a prorrogação do controle até 30 de abril de 1953. O fato de ter sido decretado novo regulamento de embarques no Brasil parece não ter exercido influência no mercado novayorkino. George Gordon Paton estimou a produção mundial exportavel, em 1952/53, em 31.369.000 sacas, contra 29.571.000 em 1951/52.

Julho — A alta nas posições futuras, que se prolongou de 18 de junho a 8 de julho, resultou em ganhos de 254 a 315 pontos. Seguiu-se uma reação e pouco depois o mercado recuperou firmeza, ante a notícia de que o govêrno brasileiro havia decretado um preço mínimo de exportação, na base de Cr$ 210.00 por 10 quilos FOB (Santos tipo 4).

Agôsto — A ameaça de greve de portuários na costa oriental e a reduzida estimativa da safra brasileira (13.693.000 sacas) foram os fatores que sustentaram o mercado em agôsto. Cotação do Santos 4: 51,15 centavos; colombiano, 58,5.

Setembro — Não se alterou a situação do produto brasileiro no mercado norte-americano. As importações do mês montaram a 1.866.086 sacas, total superior ao consumo previsto. Houve alta no preço do café vendido nos restaurantes.

Outubro — Declínio lento durante o mês, em consequência de baixa nos preços mínimos da Colômbia e de rumores sôbre a desvalorização do cruzeiro.

Novembro — Contribuiu para firmeza no mercado a fixação do preço mínimo do café em dólares, decretado pelo governo brasileiro, na base de 51,93 centavos para o Santos 4. O ministro da Fazenda do Brasil anunciou que os estoques do país mal dariam para satisfazer à procura mundial, devendo o ano comercial terminar pràticamente sem reservas.

Dezembro — O ano findou com a notícia de que o Instituto Brasileiro de Café, recentemente criado, seria mantido por uma taxa de 10 cruzeiros por saca exportada. Intensificou-se a procura, com a chegada do inverno, enquanto se anunciava que as importações norte-americanas durante o ano montaram a 20 milhões de sacas. Cotações dos Santos 4 — 51,25 centavas.

(Da "Fôlha da Manhã", 28-2-53)

O PRECEITO DO DIA

REFEIÇÕES SEM HORÁRIO

Quando não intervêm fatôres estranhos, as funções do organismo realizam-se com regularidade. Por isso é que, por exemplo, sentimos fome e sono em determinadas horas do dia. A falta do horário nas refeições é uma das causas de mal-estar geral e de várias perturbações digestivas, como falta de apetite, pêso no estômago e outras.

Evite a má digestão e a indisposição geral, fazendo refeições a horas certas. — SNES.

CONSERVAÇÃO DO SOLO EM CAFÉZAIS

CORDÕES DE CONTÔRNO EM MAIS DE DOIS MILHÕES DE PÉS

Pelos relatórios de janeiro e fevereiro dos engenheiros agrônomos da Divisão de Conservação do Solo, verifica-se que apesar da seca reinante em todo o Estado, foram protegidos por cordões em contôrno, numa área de 2.540,68 hectares, 2.075.816 pés de café.

Entre as fazendas beneficiadas com essa proteção, destacam-se pelo vulto de serviços executados, as seguintes: Fazenda da Cia. Agrícola da Variante em Valparaiso, da 9.ª Zona Conservacionista com 100.000 pés de café protegidos em 121 hectares; Fazenda Mandaguarí, do sr. Aluizio Conceição, de Garça, 1.ª Zona Conservacionista, que em 121 hectares protegeu 98.000 pés e a Fazenda Sta. Maria de Jau, 6.ª Zona Conservacionista, do sr. Francisco Campos, protegendo 88.000 pés de café em 110 hectares.

Terraceamento — Foram terraceados 848,93 hectares do Estado, cabendo só a Fazenda Santana do Rio Abaixo, do sr. Olivio Gomes, de Jacareí, 242 hectares.

Plantio em nível — Apesar de passada a época dos plantios comuns, ainda assim registraram os engs. agrônomos conservacionistas em seus relatórios 705,34 hectares de plantio em nível.

Na região de Araraquara, município de Boa Esperança, na Fazenda Ipê, do sr. Achiles Fezoni, foram plantados em nível 48 hectares de cana e na fazenda Cachoeira, do sr. José T. Fleury Filho, no município de Rincão, na mesma região, em 48,40 hectares, foram plantados 12.000 laranjeiras.

Nas 10 regiões conservacionistas do Estado, foram plantados em nível 244.014 pés de café.

Irrigação: — Com a criação de escritórios de irrigação no interior do Estado, começam a afluir inúmeros pedidos de fazendeiros interessados em tal prática.

Na Fazenda S. M. da Rio Pardo, do sr. Mario Vilela Andrade, e S. José do Rio Pardo, foram irrigados 28,80 hectares com cêrca de 25,00 pés de café.

Considerando-se a época, de pouca atividade conservacionista, foi protegida no Estado a apreciável área de 4.201,08 hectares assim distribuidos pelas 10 zonas conservacionistas e respectivas regiões, nos dois primeiros meses de 1953.

ZONA	Hectares
1.ª — Campinas	458,42
2.ª — Taubaté	413,82
3.ª — Piracicaba	223,23
4.ª — São João da Boa Vista	223,23
5.ª — Avaré	119,64
6.ª — Baurú	674,30
7.ª — Ribeirão Preto	249,21
8.ª — São José do Rio Pardo	609,88
9.ª — Araçatuba	901,47
10.ª — Presidente Prudente	327,79

(Do "Diário de S. Paulo", 20-3-53)

PRODUÇÃO AGRÍCOLA NO ESTADO DE SÃO PAULO
(Confronto da 3.ª previsão de 1952/53 com a produção estimada em 1951/52)

Produto	Unidade	2.ª previsão de 1952/53	Produção em 1951/52	% + ou — em 1952/53
Café beneficiado ...	60 kg	7.835.043	8.118.570	— 3,5
Algodão em caroço .	Arroba	42.215.816	57.575.550	— 26,7
Arroz em casca ...	50 kg	10.989.480	8.904.845	+ 23,4
Milho	60 kg	18.493.521	16.747.542	+ 10,4
Feijão das águas ..	60 kg	1.171.580	1.040.392	+ 12,6
Batata das águas ..	60 kg	2.738.825	2.706.540	+ 1,2
Mandioca	Ton.	670.467	647.121	+ 3,6
Cana de açúcar	Ton.	10.293.173	9.927.363	+ 3,7
Amendoim ag.	25 kg	3.419.445	4.239.243	— 19,3
Mamona	50 kg	902.340	988.250	— 8,7
Soja	60 kg	46.124	8.562	+ 5,4 vezes
Banana	Mil cachos	31.911	N/mencionada	—
Uva	Mil kg	43.076	43.215	— 0,3
Menta	Quilo	209.030	386.000	— 45,9
Alfafa	Ton.	22.170	20.658	+ 7,3
Laranja	Mil caixas	3.224	2.463	+ 30,9

(Quadro elaborado pela FÔLHA DA MANHÃ com números absolutos da Secção de Previsão de Safras, da Subdivisão de Economia Rural, da Secretaria da Agricultura).

POSIÇÃO ESTATÍSTICA DO CAFÉ ATÉ FEVEREIRO DE 53

RIO, 10 (Especial) — O Instituto Brasileiro do Café informa ser a seguinte a posição estatística do café, em 28 de fevereiro de 1953:

I — Saldo verificado a 30-6-1952, ao iniciar-se a safra 1952-53 inclusive estoques disponíveis dos portos de exportação		2.956.014
II — Café da safra 1951-52 apresentados a registo no decorrer da safra 1952-53 (Reg. de Embarques, art. 8.º)		56.319
III — Cafés da safra 1952-53 apresentados a registo nos meses de Julho de 1952 a fevereiro de 1953 (Reg. de Embarques — art. 8.º)		15.044.334
TOTAL		18.058.667
IV — O consumo do café retirado da produção exportável nos meses de julho de 1952 a favereiro de 1953, foi o seguinte:		
a) exportação para o exterior	10.829.092	
b) comércio de cabotagem — consumo dos Estados brasileiros não produtores de café	195.459	
c) consumo dos portos de exportação onde não se produz café	397.725	11.422.276
Disponibilidade para exportação em 28-2-53		6.636.391

ESTUDO PRELIMINAR SÔBRE O CUSTO DA IRRIGAÇÃO DE CAFÉ

Tem sido grande ùltimamente o interêsse do cafeicultor paulista, principalmente os que têm suas propriedades agrícolas na chamada zona velha como seja a Mogiana, no sentido de proporcionar às suas lavouras prática até então não aplicada no Brasil, como seja a irrigação por aspersão.

Com o intuito de conhecer mais em detalhes as operações comuns em uma irrigação, do que de levantar o seu custo pròpriamente dito, visitamos algumas fazendas no setor agrícola de Ribeirão Preto, que estão empregando esta nova técnica. Conseguimos, porém, com os elementos coletados nessas propriedades, esboçar um custo médio de uma irrigação em 1.000 pés de café, com uma aspersão de 25/30 mm em média. Todavia, forçoso é dizer que êsse custo é preliminar e não deve absolutamente ser admitido como verdadeiro para todo o Estado, porque é êle oriundo de uma amostra de uma única região, quando é sabido que em outras zonas, como a Nordeste, também já estão os lavradores tentando essa melhoria em suas lavouras. Além disso, das sete propriedades visitadas, apenas duas possuem o conjunto há dois anos e, assim mesmo, a primeira irrigação, ou seja, a levada a efeito na safra 50/51, foi incompleta. As demais, em número de cinco receberam os seus conjuntos já em pleno ano agrícola e apenas uma delas conseguiu executar três operações. As restantes fizeram uma única, portanto, com tôdas as imperfeições do noviciado.

Acreditamos, que futuramente êste custo poderá ser alterado, porque com o correr do tempo e consequente sucessão de operações irão os fazendeiros adquirindo maiores conhecimentos teóricos e práticos, e eliminando, consequentemente, despesas supérfluas, como o uso exagerado de braço, bem como poderão diminuir o custo médio, pela utilização do conjunto de irrigação para outras culturas. Essa derivação, redundará numa menor parcela de despesas fixas sôbre o café, como as de "juros de capital empatado" e "depreciação". Deixamos de incluir nos itens que formarão o custo da operação, os honorários da administração e gerência, em virtude da dificuldade de ser determinado. De fato, sendo na maioria das propriedades, a primeira vez que se executava essa prática, a assistência direta dos proprietários era imperiosa para elucidações das dúvidas que fatalmente aparecessem. No futuro, com a habilitação dos operários, essa assistência se normalizará e então poderá ser calculada a porcentagem do total da administração que caberá á irrigação do café. Outra falha que terá o presente trabalho será no que se refere a despesas gerais. Sendo todos os conjuntos de muito pouco uso, apenas dois deles precisaram de reparos de conservação. Os demais não tiveram senão despesas de montagem que já foram incluidas no item "capital".

Feitas essas ressalvas passamos à exposição do quadro I, onde estão alinhadas as propriedades e seus respectivos custos de operações.

Na média das operações e dos custos, não computamos as propriedades n.º 1 e 4, porque as mesmas fizeram aspersões bem maiores que as demais, ou seja, de 60 a 40 mm, respectivamente.

Como a transformação de suas despesas para uma chuva de 25 a 30 mm, que é a que predominará na região, pelo menos no momento, seria passível de erros ponderáveis resolvemos considerá-las individualmente. Apesas de nosso custo dizer respeito a asperações de 25/30 mm em cada 3 horas de funcionamento,

nos louvamos nas especificações das firmas vendedoras, porque ainda os lavradores, não verificaram se de fato foram dessa ordem as precipitações que êles executaram.

Passemos agora à análise de cada "item" que serviu para determinação do custo.

1 — **Juros do Capital Empatado:** — Computamos, como capital empatado, o preço pelo qual ficou o sistema pôsto fazenda, bem como o custo da construção de barragem para represamento de água, quando necessário. Alias, uma única propriedade não precisou fazer açude pois possuia água em quantidade suficiente mesmo na época mais sêca do ano; a taxa de juros adotada foi de 7% ao ano, que seria a remuneração normal do capital depositado em estabelecimento bancários.

A participação porcentual dêsse item sôbre o total do custo de irrigação de 1.000 pés foi bastante variável, como mostra o quadro II, porque variáveis foram os preços de compra de cada sistema. Para cada propriedade o orçamento dependeu de dois fatôres essenciais que foram: distância do manancial em relação ao café a ser irrigado e topografia do terreno, que determinou a maior ou menor potência dos motores.

II — **Braços:** — A importância gasta com operários, na irrigação, foi também muito variável de uma para outra propriedade. Aliás, as duas propriedades que tiveram menores gastos com êsse item foram justamente as mais antigas, portanto, já melhores orientadas. As diárias dos operários foram bem variáveis, de 25 a 40 cruzeiros, chegando algumas propriedades a pagar até Cr$ 50,00 para o serviço noturno. A média por 1.000 pés foi de Cr$ 60,57 por aspersão, o que daria uma importância de Cr$ 242,28 para uma irrigação de 4 aspersões.

III — **Combustível e Lubrificante:** — O gasto de combustível está condicionado à potência do motor e ao número de horas em que êle é utilizado. Assim é que algumas propriedades só utilizam dois motores em poucas horas durante uma aspersão, ao passo que outras trabalham com dois quase que em todo o período da operação.

O gasto médio do combustível por 1.000 pés irrigados uma vez, foi de Cr$ 114,36, ou seja Cr$ 457,24 nas quatro aspersões. Essa quantia representa o consumo de mais ou menos 304 litros de óleo crú (ao preço médio de Cr$ 1,50). O gasto de lubrificante foi de Cr$ 12,25 e 50,12, respectivamente para uma e para quatro aspersões.

IV — **Depreciação:** — Na depreciação do conjunto de irrigação, tomamos como norma o seguinte:

1.º) — Admitir uma duração média de 10.000 horas para os motores e considerar que ambos trabalham durante a execução da operação. (Adotamos êsse critério em virtude da imprecisão das informações sôbre o número exato de horas de trabalho de cada motor).

2.º — Admitir para as canalizações, esguichos, luvas etc., uma duração média de 20 anos.

Nessas condições encontramos as seguintes depreciações do conjunto completo:

A — para uma aspersão: — Cr$ 208,95
B — para 4 aspersões: — Cr$ 329,40

PARTICIPAÇAO PORCENTUAL NO CUSTO DE IRRIGAÇAO DE 1.000 PÉS DE CAFÉ

	juros s/ capital empatado		Braço		Combustivel e Lubrificação		Depreciação		Outras despesas	
	1 aspersão	4 aspersões	1 aspersão	4 aspersões	1 aspersão	4 aspersões	1 aspersão	4 aspersões	1 aspersão	4 aspersões
1	53,00	28,06	5,62	11,91	10,49	22,23	27,48	30,35	3,41	7,26
2	45,33	23,12	5,81	11,86	23,34	47,35	25,62	17,66	—	—
3	53,63	30,21	10,37	23,36	9,76	21,97	24,46	20,43	1,78	4,02
4	44,93	21,54	12,69	24,32	15,20	29,14	27,21	25,01		
5	48,32	25,49	7,23	15,26	16,21	34,23	28,23	24,99		
6	48,10	25,34	7,02	14,80	16,35	34,46	28,52	25,40		
7	57,06	33,22	6,84	15,93	11,42	26,60	24,68	24,24		
Media*	50,45	27,45	7,45	16,24	15,41	32,92	26,30	22,54		

(*)Excluidas as propriedades 1 e 4.

Nota-se que a depreciação de canalizações de esguichos e luvas é fixa; o mesmo acontece para o item "juros de capital empatado".

Vejamos agora a participação dêsses itens em 1 a 4 aspersões, respectivamente. (Vide quadro II)

A conclusão que se tira dêste estudo preliminar é que as perspectivas que esta técnica apresenta para a melhoria da produção de café, são bastante favoráveis porque bastará inversão de apenas Cr$ 1.470,55 por 1.000 pés para 4 aspersões de 25/30 mm por ano.

Para pagamento dêsse aumento no custo de produção da lavoura cafeeira basta que essa nova técnica adotada, aumente a produtividade do cafèzal de apenas 1,27 sacos beneficiados em média por 1.000 pés. Nestas condições é plenamente justificável o entusiasmo reinante no seio dos cafeicultores de Ribeirão Preto.

O apendice I mostra a maneira por nós adotada para o levantamento do custo de uma aspersão.

Apendice: — 1

PROPRIEDADE N.º 6

Custo de 1 aspersão de 25/30 mm em 1.000 pés de café.
Capacidade do sistema: 25/30 mm em 23 dias (2 horas) p/94.000 pés.

1 — Capital —

Preço do conjunto pôsto Santos	Cr$ 423.500,00
Fréte e transporte até fazenda	Cr$ 37.500,00
Construção de 1 açude	Cr$ 45.000,00
	506.000,00
Juros de 7%	35.420,00

Juros anuais para 1.000 pés (s/capital empatado) .... Cr$ 376,80

2 — Braço —

Cada aspersão nos 94.000 pés exigiu 5 serviços durante o dia e 5 durante a noite, sendo os primeiros a Cr$ 20,00 e os segundos a Cr$ 25,00, num total de 23 dias ou seja	5.175,00

Braço gasto com 1.000 pés irrigado .... Cr$ 55,00

3 — Combustivel e Lubrificante —

Gasto de combustivel em aspersão:
7.800 lts. a Cr$ 1,40 posto fazenda 10.920,00
Por 1.000 pés irrigado .... Cr$ 116,20
Gasto de lubrificante em 1 aspersão:
100 litros a Cr$ 11,25 .... 1.125,00
Por 1.000 pés irrigado .... Cr$ 11,90

4 — Depreciação:

a) Motores: — 10.000 horas (preço Cr$ 100.000,00)
depreciação por hora Cr$ 10,00.
Cada aspersão durou 483 horas ou seja 4.830,00
Por 1.000 pés irrigado .... Cr$ 51,38
b) canalizações, esguichos, luvas etc — 20 anos
preço 323.500,00)
Depreciação anual 16.175,00
Por 1.000 pés irrigado .... Cr$ 172,07

Total gasto com 1 aspersão de 25/30 mm em 1.000 pés .... Cr$ 783,35

O PRECEITO DO DIA

ALIMENTOS CONSTRUTORES

O organismo humano é uma máquina que trabalha sem cessar. Mesmo em repouso ou durante o sono, está funcionando e, portanto, gastando-se. Daí a necessidade de compensar êsse desgaste, dando-lhe elementos para reparar as perdas.

Inclúa sempre em suas refeições carnes, peixe, queijo, ovos, leite, legumes e frutas, para assegurar ao organismo a reparação das perdas contínuas. — SNES.

PREPARO DO CAFÉ

Os cuidados que se devem ter com o preparo do café começam na colheita. O café da árvore deve ser apanhado em balaios ou panos; o que caiu no chão integrado de pretos, ardidos e outras impurezas, precisa ser recolhido e sêco separadamente a fim de não prejudicar o outro tirado da árvore e que constitui matéria-prima para a obtenção de um produto de fina qualidade, em tipo e bebida, se não sobrevieram fermentações prejudiciais e receber sêca cuidadosa.

Colhido o café não se deve deixá-lo permanecer na roça amontoado, sob pena de sérios prejuízos. O café é transportado, diàriamente, para o local onde estão as instalações destinadas ou seu preparo, vindo a ser de terreiro ou despolpado conforme o processo a que fôr submetido.

Quer se trate do processo de preparo de café de terreiro ou despolpado, o produto que vem da roça passa pelo lavador, para que haja a separação do café cereja (fruto maduro), do boia (fruto maduro sêco) e de outras impurezas.

O depolpamento, bem conduzido, é uma prática que permite a obtenção de cafés de boa bebida (apenas mole, mole e estritamente mole) principalmente nas zonas de produção típica de cafés de má bebida (duro, riotado e Rio). Por isto impõe-se a sua adoção pelos cafeicultores.

Se o café vai ser preparado para dar o tipo de terreiro, após a lavagem, o cereja e o bom são espalhados, separadamente, nos terreiros de sêca.

No caso do despolpamento, o café cereja, durante a lavagem poderá alimentar diretamente o despolpador ou então ser encaminhado para depósitos apropriados. Nestes depósitos, não sendo possível o despolpamento no mesmo dia, o café, para que não venha a sofrer fermentação, deverá permanecer mergulhado nágua ou, então, espalhado bem fino no terreiro para ser despolpado na manhã seguinte.

O despolpamento nada mais é do que a retirada da casca (polpa) do café maduro, em estado de "cereja" pelo despolpador.

O despolpador é, em linhas gerais, compôsto de uma moega, um cilindro de ferro revestido de uma camisa de cobre com saliências (mamilos), uma lâmina de borracha fixa em madeira, que se aproxima ou se afasta do cilindro de ferro por meio de parafusos de regulagem, e uma peneira giratória de eixo horizontal.

O café caindo na moage do despolpador encontra em baixo o cilindro que, girando, arrasta-o e obriga-o a passar de encontro a lâmina de borracha, dando-se então o despolpamento.

A lâmina de borracha deve ficar longe do cilindro revestido da camisa de cobre uma distância a ser regulada pelo tamanho médio do café a ser despolpado; se ela ficar distante ou próximo demais do cilindro não operará ou ocasionará os grãos mordidos.

Os frutos do café de granulação excessiva, chamados "cabeça", de tamanho acima da média, serão sempre mordidos pelo despolpador; é verdade que tais frutos, geralmente, boiam por ocasião da passagem do café pelo lavador.

Os frutos de granação escassa, chamados "coquinho", de tamanho abaixo da média, não serão despolpados; êles poderão ser retirados, em grande parte, se o café "cereja", que vai ser despolpado, passar primeiro por uma bica de jôgo que, geralmente, é colocada junto da moega do despolpador. Neste caso, serão coletados uma bica e encaminhados para o local do bóia.

Após o despolpamento, em benefício da qualidade e facilidade de sêca, é necessário retirar-se o mel ou mucilagem que envolve as favas. Isto se consegue pela lavagem das mesmas. Esta lavagem pode ser manual com o uso de rôdo de madeira ou então por meio de batedor mecânico. O batedor mecânico, de um modo geral, é um eixo de ferro com aspas também de ferro girando dentro de um tanque onde se coloca água e o café recém-despolpado.

Para que a retirada do mel ou mucilagem seja mais fácil pode-se deixar em repouso a massa do café despolpado um certo período do tempo. Êste tempo é variável de acôrdo com o região e precisa ser controlado. O repouso sendo em excesso, a fermentação que se processa na massa pode atingir a uma fase indesejavel prejudicando a bebida do café. A prática pode determinar, em cada região, o tempo de duração dêste repouso. Para tanto, deve-se esfregar, de quando em quando, na mão, um punhado do café despolpado. Logo que o mel atingiu o ponto em que é fácil a sua retirada, ouve-se o ranger das sementes quando esfregadas umas de encontro às outras. Chegando a êste ponto procede-se, imediatamente, à lavagem de tôda a massa do café, enxaguando-a bem.

Uma vez lavado o café, segue-se a sêca, que é feita em terreiros de tijôlo requeimado, de pedra, em tulhas próprias e nos secadores mecânicos. Empregando-se tulhas ou secadores mecânicos, o café precisa passar primeiro pelo terreiro a fim de perder o excesso de umidade.

Na falta de terreiro de tijôlo ou de pedra que são os mais aconselháveis, pode-se utilizar de terreiro de chão, desde que êste esteja bem pisado, com 1,5 a 2% de declive, e coberto por uma ligeira camada de estrume de curral verde. Esta camada é obtida passando-se sôbre a superfície do terreiro, em dia de sol firme, com uma vassoura ou brocha de ramos finos da planta comumente chamada "vassoura" o estêrco de curral verde diluido em água.

Nos terreiros, o café é espalhado, durante o dia, em camadas a 2%.

Nos terreiros, o café é espalhado, durante o dia, em camadas de 6 centímetros mais ou menos, recebendo rôdo sempre que preciso. À tarde nos 4 primeiros dias de sua permanência no terreiro, o café é encordoado para ser espalhado, novamente, no dia seguinte. Daí para frente, durante o dia o café é espalhado em camadas mais grossas e, à noite, é amontoado em montes de 3 a 4 alqueires, até que seja atingido o ponto de meia-sêca.

Da meia sêca em diante, o café dorme em montes maiores (de 20 a 30 alqueires, dependendo do tamanho das lonas de que se dispõe) cobertos por lonas impermeáveis e durante o dia, após a saída do sol e quando o terreiro já estiver aquecido e livre de umidade (orvalho ou chuva) é espalhado grosso para ser, novamente, amontoado

ainda quente depois de receber 2 ou 3 horas de sol. À medida que a sêca fôr se aproximando do final vai-se diminuindo também a exposição do café ao sol. É o processo de seca lenta e os cafés sêcos assim dão sempre maior rendimento em xícaras.

Durante a sêca o café, no terreiro deve receber rôdo o maior número de vêzes possível.

A exigencia do café ser amontoado ainda quente nos terreiros é para que seja facilitada a igualação da sêca ponto importante nessa operação.

Como já foi dito, a sêca do café deve ser branda e, de um modo geral, para os despolpados ela exige 15 dias.

Terminada a sêca, não há conveniência em fazer-se o benefício do café logo a seguir. Em tulhas, é êle submetido a um período de repouso de um mês, pelo menos. Êste repouso permite que a igualação da sêca se completa em benefício da uniformização da côr do café.

A sêca do café de terreiro, em linhas gerais, segue os mesmos cuidados expostos, acima, sendo o seu tempo de duração de 30 dias, aproximadamente.

Tanto para os cafés despolpados como para os de terreiro, impõe-se uma sêca bem conduzida; cafés manchados ou chumbados oriundos de sêca mal orientada sofrem depreciações nos mercados.

O beneficio do café é feito em máquina apropriadas; estas podem dar um produto de bica corrida ou então, se dispõem de peneiras adequadas, separado pelo tamanho das favas.

Sendo a boa bebida, o tamanho da fava a côr verde azulada uniforme e a isenção de defeitos os requisitos para que um café tenha franca aceitação, a bom preço, todo produtor deverá esmerar-se para que o seu café vá aos mercados satisfazendo, ao máximo, aquêles atributos, certo de que, no café maduro, em estado de "cereja" livre de fermentações, originário de lavouras bem tratadas, está a matéria-prima para a produção dos CAFÉS DE FINA QUALIDADE.

HELIO RAPOSO — (Agrônomo Biologista).
(Do "O Radical", Rio, 15-3-1953)

ESTADOS UNIDOS

O CAFÉ E O CANSAÇO NO TRABALHO

Do boletim da firma local George Gordon Paton & Co., reproduz-se a seguinte nota sôbre aquêle assunto: "De um artigo do Dr. W. Schweisheimer a cêrca dos efeitos da cafeína em pessôas que se sentem cansadas por excesso de trabalho, transcrevem-se os seguintes trechos: 'Quais as causas do cansaço nos negócios? Para responder a essa pergunta, foram examinadas mais de 2.000 homens vítimas do cansaço, na clínica Benjamin Franklin do Hospital de Pensylvania, em Filadélfia. Muitos dos doentes eram de emprêsas comerciais e industriais cujos dirigentes se estavam preocupando com a saúde de seus empregados principais. Mais de 80% necessitavam atenção médica. Também foram necessários, em alguns casos os serviços de um alienista para tratar de convencer a esses doentes que tinham de trabalhar com mais pausa e preocuparem-se menos com o êxito pessoal. Segundo as observações dos médicos da referida clínica, as causas do cansaço dos homens de negócios são as seguintes:

1) ao abandonarem o escritório pela tarde continuam pensando nos problemas do dia em vez de se esquecerem dêles;
2) Quando vão almoçar deixam de comer para falar de negócios;
3) Não gozam férias por pensarem que são indispensáveis pois julgam que não podem delegar autoridade;
4) Não fazem exercícios frequentes. Crêm que um exercício por semana é suficiente.
5) Não sabem o que é moderação nem no trabalho nem em suas atividades de cultura física.

Ao chegar a tarde, o chefe de um escritório e o operário na fábrica sentem-se cansados e de mau humor. Alguem põe em frente dêles uma xícara de café. Tomam o café e em seguida uma onda de bem estar flue por todo o ser. O cansaço desapareceu, sentem-se bem e contentes.

Como compreender esses efeitos tão rápidos de uma simples xícara de café sôbre um corpo cansado e um cérebro fatigado?

Desde há muito tempo que sabemos que o café é estimulante do cérebro e outros centros nervosos do organismo. Parece, contudo, que a ação do café no organismo vae mais além dos centros nervosos. Recentes investigações demonstraram que a cafeína exerce uma ação direta sôbre os músculos. Aumenta a capacidade para o trabalho muscular em pessoas que se encontram em condições normais bem como no rítmo de restabelecimento muscular nas que estão cansadas. Outras experiências mostraram a diferença que há entre os efeitos da cafeína e os de outras drogas indicadas contra a fadiga. O restabelecimento depois de um trabalho excessivo não pareceu melhorar com a injeção dessas drogas, ao passo que com a cafeína sim. Algumas pessoas necessitam tomar café uma hora mais ou menos antes de se deitarem, sobretudo quando se sentem demasiado cansadas ou excitadas..."

"O CAFÉ, MARCO DE UMA NOVA ERA NO PARANÁ"

— Continuação —

VII

A máquina administrativa não se ajustou suficientemente ao rítmo de desenvolvimento econômico dos últimos tempos

FALTA DE UM ROTEIRO OFICIAL PARA O DESBRAVAMENTO

A riqueza recente do Paraná encontrou a velha máquina administrativa da época da extração e do pastoreio e teve e tem que lutar contra hábitos políticos e um rítmo de administração afeitos aos antigos tempos. O Estado se enriqueceu à base da iniciativa privada e mesmo o maior empreendimento de ordem coletiva que se registrou — a colonização do norte do Paraná — foi plano e obra de uma companhia particular. Na medida em que o govêrno se ligou mais diretamente à à política de terras, surgiram dramas e conflitos como os da região do Porecatu, no novo norte menos recente de Goioerê, já além do rio Ivaí, na área setentrional ainda em processo de desbravamento.

O sentimento de "novo rico" transformou o poder público no Paraná. Uma elite formada para dirigir nos antigos moldes patriarcais e que, nessas circunstâncias, era orgânica e mesmo brilhante, perdeu a noção do equilíbrio quando teve pela frente receitas em aumento vertiginoso, com orçamentos que pularam de 170 milhões de cruzeiros (média de 1941 e 1945) para mais de 1 bilhão de cruzeiros (média 1950-52). Para que essa sensação de "Estado nababo" perdure muito contribui a facilidade dos elogios, as reportagens encomendadas que enchem os jornais e as revistas do país e mesmo do estrangeiro e até as observações superficiais dos viajantes letrados que se preocupam com o estravagante e o pitoresco, com os que "queimam notas de mil cruzeiros", com os que ganham fortunas ilusórias, com a frequência às "boites" e o monumentalismo que conquista as principais cidades e o espírito dos homens públicos. Com êsse ambiente jornalístico, que dá a falsa impressão de que no Paraná não se trabalha, mas apenas se ganha dinheiro, formou-se um estado de euforia prejudicial à boa condução dos negócios paranaenses.

"CENTRO CÍVICO", ADMINISTRAÇÃO COMEMORATIVA

Mesmo os dois últimos govêrnos; que ná receberam injeções de realismo e atualidade, pelo processo eleitoral, em virtude da pressão demográfica e econômica do norte, se mostraram possuidos daquele espírito ilusório. E nada mais significativo para caracterizar êsse fenômeno — originário do romantismo do sul em face do progresso desnorteante da economia do norte — do que o "Centro Cívico", obra monumental, que custará cêrca de um terço de um orçamento anual. Gastam-se 50% mais com essa construção palaciana do que se deverá despender em 1952 com

estradas de rodagem, que são de primeira necessidade num Estado pioneiro. Os 400 milhões de cruzeiros empregados em edifícios públicos de luxo refletem aquele espírito de "novo rico" a que nas referimos e que ganhou a maioria dos homens de governo do Paraná, preocupados, numa província de formação recente, com grandiosas obras de carater comemorativo ("O Centro Civico" será inaugurado em 1953, ano do I centenário).

FERROVIAS

Essa crítica preliminar não significa porém que, no bojo do espírito governamental dominante, deixe de formar-se um novo, mais realista, mais afeito aos problemas práticos que atormentam o Paraná de hoje. E assim, no meio da euforia geral de gastar um dinheiro que surge magicamente, traçam-se planos de envergadura, como a ferrovia Central-Paraná, que desafogará o escoamento do café e outras mercadorias produzidas no norte, servindo principalmente a região do Ivaí. Essa ferrovia, partindo de Apucarana, procurará Ponta Grossa, onde se entroncará com o sistema ferroviário do sul e ganhará Paranaguá, a leste. Assim o porto paranaense ficará ligado ao norte cafeeiro, através de Ponta Grossa, por duas ferrovias, em forma de tenaz: ao lado direito, pela Viação Paraná-Santa Catarina, que margeia a parte leste do Estado e, ao norte, volta-se para o oeste, ultrapassando no momento Apucarana; e de outra, pela nova ferrovia, que cortará a parte central do Estado de norte a sul, no sentido sudeste. A nova ferrovia deverá percorrer 320 quilômetros. Desse total, cerca de 130 quilômetros já se acham com serviços de terraplenagem prontos: 80 quilômetros de Ponta Grossa para o norte e 50 de Apucarana para o sul. Calcula-se que foram removidos 5 milhões de metros cúbicos de terra, desde o início dos trabalhos em 1949 (o cálculo de remoção total é de 18 milhões de metros cúbicos). Quando estivemos há poucos meses no Paraná, a companhia concessionária dos serviços "Byigton", aguardava equipamento para fazer serviço de pedra. Entrementes, o govêrno toma a si o encargo de assentar os trilhos, tendo iniciado obras nesse sentido junto de Apucarana. Anuncia-se que o primeiro assentamento de dormentes e trilhos se fará entre Apucarana e Araruva, numa extensão de cerca de 40 quilômetros. Cogita-se ainda de iniciar o assentamento da linha entre Ponta Grossa e Tibagi, ao sul. Volta Redonda já negociou 3 mil toneladas de trilhos com o govêrno do Estado. Entretanto, no ritmo em que vai a ligação ferroviária Apucarana-Paranaguá não pode ser esperada para antes dos próximos 10 anos, considerando-se que a zona a ser percorrida é muito acidentada, exige bastante serviço de pedra, cortes profundos, aterros longos e altos, pontes e outras obras de arte. O sistema de concessões a emprêsas especializadas poderia apressar a marcha dos trabalhos, mas, pelo que parece, o govêrno tende a abandonar êsse processo, preferindo construir a estrada diretamente. Quanto à ferrovia federal que segue para o oeste, no norte, está ela parada ainda em Apucarana, com há numerosos anos. Estão assentados trilhos até Maringá, cerca de 60 quilômetros, mas não há estações e o tráfego não se faz. Uma grande e rica zona está seriamente prejudicada por êsse incrível atraso.

RODOVIAS

No setor rodoviário, a mais recente notícia é a de um grande plano estadual, que seria realizado por etapas e se compõe de vias tronco, vias paralelas e vias longitudinais. As primeiras, em número de 6, procurariam ligar o interior ao

litoral e correriam rumo noroeste-sudeste; as segundas visariam atender ao mesmo tempo ao comércio com São Paulo e à penetração do interior e correriam no sentido leste-oeste; e as últimas teriam carater de ligação norte-sul, dentro do Estado e nas comunicações com os demais Estados, ficando uma delas constituindo o trecho paranaense da BR-14 (Transbrasiliana). Para custear a primeira fase dêsse plano foi elaborado um esquema financeiro quinquenal, segundo o qual 15% das rendas estaduais se destinariam ao serviço de estradas de rodagem. Tal esquema, já aprovado em lei, asseguraria, segundo recente divulgação da revista paranaense "Pioneira", uma renda bruta de 1,2 bilhões de cruzeiros em cinco anos. Além dessa verba, existe a proveniente do Fundo Rodoviário Nacional e que segundo a mesma fonte, proporcionaria 295 milhões. Além disso, seriam realizadas operações financeiras, com emissão de apólices estaduais, para reforço do orçamento de rodovias. Nessas condições, o Departamento Estadual de Estradas de Rodagem calcula uma receita bruta em 5 anos de 2,411 bilhões de cruzeiros. Dentro do novo plano, aos 4.288 quilômetros de estradas de rodagem atualmente existentes, o Paraná teria em 1956 mais 3.255 quilômetros.

Entretanto, no terreno prático o que se registra no norte do Paraná, é o início do asfaltamento da rodovia de Melo Peixoto (na fronteira paulista) a Apucarana. Pequenos trechos estão prontos, como amostra e experiência. E o serviço de retificação, do traçado continua sendo atacado, para que possa ser construída uma rodovia asfaltada de primeira classe. Outra iniciativa que interessa ao norte é a rodovia paralela à ferrovia Central-Paraná, que ligará Apucarana a Ponta Grossa (preocupação governamental em puxar o movimento cafeeiro para o sul e Paranaguá). Será uma das linhas-tronco do projeto oficial. Entre Apucarana e Ortigueira (já fora da área cafeeira) há muitos trechos em tráfego, como tivemos oportunidade de observar. Daí para Ponta Grossa, porém, os serviços são incipientes. Afirma-se que a rodovia encurtará em 113 quilômetros a distância entre Apucarana e Paranaguá.

Grave falta é a de pontes, como sôbre o Ivaí e o Paranapanema. As comunicações com o "novo norte" e com São Paulo são muito afetadas por essa lacuna, que exigiria menos planos e mais obras.

A preferência na execução do plano rodoviário nem sempre obedece a motivos de ordem econômica; muitas vezes, predominam o militar e o político. De um modo geral, as estradas do sul são superiores às do norte. Vários motivos concorrem para isso: a) — menor transito; b) — composição física mais resistente do terreno; c) — melhor conserva oficial. Êste último fator é atribuido no norte ao "ressentimento sulista", que, na esfera governamental, implica em desviar mais verbas para serem aplicadas no sul. Alguns elementos técnicos ponderam, todavia, que ao norte de nada vale a conserva, devido ao intenso tráfego e à permeabilidade do terreno; e a solução está na rodovia de asfalto. Essa explicação não parece convencer bastante, mesmo porque não se poderá esperar o asfalto, já que não existe, cada ano, produção crescente a transportar. O fato é que percorremos centenas de quilômetros de estradas ao norte e ao sul: e na região meridional viam-se com frequência trabalhos de conservação, o que não acontecia ao norte onde as rodovias, incomparàvelmente mais movimentadas, se achavam em péssimo estado (antes das últimas chuvas ainda).

Assim como a ferrovia, a rodovia tem grande importância para o desenvolvimento econômico do Paraná, Estado que, por sua situação geográfica e suas possibilidades agrícolas, tem apreciável intercâmbio terrestre com São Paulo e outras

zonas do país. Ao contrário do comércio de cabotagem, que é relativamente modesto (137.480 toneladas exportadas em 1949), aquele efetuado por vias internas é o mais volumoso do Brasil, por Estado, quanto à exportação (1.077.718 toneladas em 1949) e um dos mais valiosos (quase 2 milhões de cruzeiros no citado ano). São dados do I.B.G.E.

Quanto ao comércio exterior, registre-se como particular que a expansão do café está exigindo a intensificação dos melhoramentos em Paranaguá, muito em breve o segundo porto cafeeiro do Brasil.

CRÉDITO

São constantes as queixas contra o suprimento de crédito no Paraná. Zona nova, não existe crédito especializado para a formação de fazendas e sítios, pelo menos em escala apreciável. Embora seja o terceiro Estado do país, em importância agrícola, os empréstimos da carteira especializada do Banco do Brasil atingiram ali em 1951 apenas cerca de 92 milhões de cruzeiros, nível inferior ao observado em São Paulo (quase 1,2 bilhões), em Pernambuco (408 milhões), no Rio Grande do Sul (296 milhões), em Minas (153 milhões) e em Alagoas (122 milhões). E' interessante observar a influência da cana de açúcar na destinação das aplicações da Carteira do Crédito Agrícola: Pernambuco e Alagoas, com produção geral menos valiosa, são melhor assistidos que o Paraná.

Quanto aos empréstimos gerais do Banco do Brasil (inclusive a entidades oficiais ou para-oficiais), o Paraná ocupava em 1951 o sexto lugar no país, com cerca de 818 milhões de cruzeiros de saldos de fim de ano. Entre 1947 e 1951, os empréstimos do Banco à produção, ao comércio e a particulares subiram continuamente, de 167 milhões a 765. Êsse acréscimo de 4,5 vezes foi superior ao geral do país, para o mesmo tipo de empréstimos, e que atingiu menos de 3 vezes.

Em 1947, o Paraná absorvia dos empréstimos do Banco do Brasil destinados à produção, ao comércio e a particulares menos de 2%; em 1951 ultrapassava 3%. Isso indica que, apesar de não ser ainda satisfatória, a posição do Paraná em face do suprimento de crédito pelo Banco melhorou nos últimos 5 anos.

Não se deve esquecer, entretanto, que se tratando de zona nova, que proporciona mais rápida e abundante rentabilidade, o Paraná atrai provàvelmente hoje no setor agrícola maior volume de capitais que qualquer outro Estado brasileiro, com exceção de São Paulo. E', além disso, um Estado importador de capitais — seguramente o que mais os importa no Brasil atual. Ademais, os bancos particulares, atendendo ao chamado de investimentos rendosos, se multiplicam no Estado, particularmente no norte. Daí poder concluir-se que, embora oneroso, o dinheiro é mais abundante no norte do Paraná que em outras zonas do país, onde o crédito oficial prepondera. Aliás, são relativamente poucas as agências do Banco do Brasil no Paraná (apenas 9), em cotejo, por exemplo, com o Rio Grande do Sul (27), Minas (40), Bahia (25) e mesmo Mato Grosso (10).

De acôrdo com dados recentes, o maior movimento bancário do Estado, depois do de Curitiba (4,6 bilhões de cruzeiros) é o de Londrina (cerca de 1,5 bilhões), seguindo-se Paranaguá, (800 milhões), Cornélio Procópio (730 milhões) e Ponta Grossa (730 milhões). Essas cinco praças registram cerca de 60% do movimento bancário geral do Estado, feito por 205 estabelecimentos em 62 praças.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Não é apenas no setor da estrada e do crédito que as providências oficiais ficam além do movimento expansionista da economia paranaense. No setor da assistência técnica a organização do poder público ainda é precária. Só no atual govêrno se cuidou da organização de "Casas da Lavoura", com a designação de agrônomos regionais, aliás em pequeno número ainda. Está-se procurando treinar uma equipe de técnicos em São Paulo, para melhor organizar o fomento paranaense. Existem os postos agropecuários federais, lentos como os demais do país. No setor da pesquisa e da experimentação, quase nada existe de prático, sendo as estações experimentais existentes, como a de Ponta Grossa, pertencente ao govêrno federal, mais voltadas para as culturas subtropicais. O café vive, tècnicamente, da experiência paulista, inclusive nas inovações. A própria broca, que já se alastra pelos cafèzais paranaenses, inclusive em parte do norte novo, não está sendo enfrentada com decisão. As medidas profiláticas são precárias. Em Jacarèzinho existe uma estação produtora de sementes de milho híbrido, de firma particular — a Agroceres, do consórcio Rockefeller. Quanto ao govêrno do Estado, não possui êle ainda produção de sementes, organizada em escala satisfatória. No próprio terreno do algodão, em que o Estado apresenta grandes possibilidades, e onde seria relativamente fácil multiplicar as variedades paulistas, e que se vê na prática é um abastecimento ostensivo ou clandestino de material de plantio produzido em São Paulo.

A PEQUENA ESTATURA DO "GOVÊRNO"

Sendo o Paraná um Estado novo, em processo de desbravamento, seria mister que a formação de lavouras de café e outras tivesse uma orientação técnica oficial. Mas, como já dissemos, a destruição das florestas se efetua pelos mesmos métodos primitivos e a implantação das culturas principais refletem alguma melhoria geral, ditada por elevação da média de esclarecimento dos lavradores do centro-sul do país; mas, em linhas gerais, cometem-se êrros contra o solo e as plantas que o govêrno não está aparelhado para evitar. Escolhem-se terras para café empìricamente, sem dados técnicos ao alcance do formador sôbre qual a temperatura, o regime de chuvas, a altitude e o tipo de solo que se devem adotar. E quando falamos em govêrno aqui queremos aludir também ao govêrno federal, que deixa ao acaso dos interêsses individuais e da rotina uma das últimas faixas de terras virgens para café que existem no país. Infelizmente a posição do poder público no Paraná, em face do desbravamento, ainda é, guardadas as proporções, o simples exator, o do "rei que cobra os quintos" e se deleita com a orgia de dinheiro que o "ouro" da exploração extrativa do solo lhe vai proporcionando. Fazendo referência ao regime da propriedade e à colonização , em reportagem ulterior, feriremos mais aspectos de pouca estatura que o Estado adquiriu no fenômeno de desbravamento do Paraná, onde as proezas individuais todavia, atingem dimensões consideráveis.

O MATE

O Paraná de hoje conserva duas de suas principais atividades antigas: a extração do mate e da madeira. É o principal produtor e exportador de mate

no Brasil, sendo grande o movimento pelo pôrto de Paranaguá. Observa-se tendência de racionalização dos estabelecimentos de extração e beneficiamento, mas ainda é grande a quantidade de explorações primitivas. A produção é estimada entre 30 e 50 milhões de cruzeiros por ano, conforme o volume e as cotações do mercado. Isso nas zonas produtoras; na exportação dão o dôbro.

O PINHO

O pinho constitui o objeto da principal exploração florestal do Paraná. A Serraria caminha atrás dos pinheirais, cujas reservas se esgotam. O corte é pouco fracional, não se aproveitando apenas a época do ano mais indicada. O desperdício é considerado grande. As maiores reservas de pinheiro do país ainda assim se acham no Paraná, atingindo cêrca de 60 milhões de árvores (1950), com 110 milhões de metros cúbicos. O pinho é exportado serrado e compensado, fornecendo ainda matéria-prima para o fabrico de celulose dentro e fora do Estado. Para o interior do país é grande ainda o movimento de remessas de toras. A produção anual de pinho serrado deve orçar em cêrca de 600 mil metros cúbicos, mais ou menos. Mas o Paraná não é o principal Estado exportador, já que as remessas para o estrangeiro de pinho paranàense, por deficiência de instalações portuárias, se fazem também através de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Assim em 1950, de cêrca de 500 mil toneladas exportadas pelo país, no valor de mais de 600 milhões de cruzeiros, o Paraná aparentemente participou apenas com 60 mil toneladas, no valor de 63 milhões, figurando o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, menores produtores, com cifras exportáveis mais elevadas. Atualmente, devido a dificuldades comerciais com a Argentina (principal importadora) e com països da Europa, conserva-se relativamente baixo o volume da exportação madeireira. Os mercados do Distrito Federal e de São Paulo devem absorver quantidade de pinho paranàense mais ou menos igual à exportada. Assim em 1951 entraram 837 milhões de metros cúbicos de pinho nacional naquelas praças e exportaram-se 1.074.000; mas acontece que aqueles dois centros devem receber cota proporcional maior do Paraná do que do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O pinho, a imbuia e outras madeiras devem proporcionar anualmente à economia paranàense um ingresso superior a 1 bilhão de cruzeiros. É a segunda riqueza, depois do café; mas observa-se tendência de declínio da produção florestal, em virtude do próprio avanço da agricultura e a falta de uma política racional de aproveitamento das matas, tanto no setor da madeira branda como no da dura (peroba, cedro, imbuia, etc.).

Tanto o mate como o pinho são atividades tipicamente sulinas. No norte a exploração florestal tem por objetivo as madeiras duras das florestas tropicais.

CARVÃO E PAPEL

Fora do setor agrícola e pecuário e do da extração de mate e madeira, a economia paranàense apresenta algum interêsse no da mineração do carvão de pedra (terceiro Estado produtor do país, com produção avaliada em cêrca de 100 mil toneladas, no valor de 23 milhões de cruzeiros (1950), e na indústria de papel, com cêrca de 36 mil toneladas (a Fábrica Monte Alegre, do grupo Klabin, é a maior do Brasil, embora o Paraná não seja o maior produtor, ficando abaixo de São Paulo, que produz cêrca de 130 mil toneladas). A principal produção paranàense é a de papel para jornal (quase 90% sôbre o total). O Anuário Estatístico do Brasil, que consultamos, não registra o valor da produção. O papel

tem por base a celulose da araucária. Quanto à indústria da serraria, já a englobamos com a exploração florestal, inclusive na avaliação da safra anual: ela acompanha o pinheiral, proporcionando a predominância das saídas de madeiras elaboradas. (18-12-52)

VIII

Sem plano racionalmente executado e dificultado pela política partidária o problema da colonização nas regiões desbravadas

BASES DO EMPREENDIMENTO: PEQUENA GRANJA INDIVIDUAL, SOLIDARIEDADE COOPERATIVISTA, AGROPECUÁRIA RACIONAL E FORTE LAÇO RELIGIOSO

A política partidária comprometeu sèriamente a política de terras no Estado do Paraná, impedindo a colonização à base de uma divisão mais racional da propriedade, mesmo dentro das contingências brasileiras. Exceto o empreendimento da Cia. de Terras do Norte do Paraná, de formação britânica e hoje de posse de um grupo brasileiro, quase nada existe para assinalar em matéria de distribuição planejada do solo, especialmente na esfera oficial. E aquela própria companhia teve vez por outra de fugir aos seus esquemas, como aconteceu nas glebas de Jandáia, em virtude de influências oficialistas, que ameaçavam retirar-lhe o contrôle da área de que era concessionária. Daí a formação da grande propriedade cafeeira, na referida zona, contra os planos oniciais da emprêsa. Por outro lado, a falta de assistência financeira e técnica aos adquirentes de lotes contribuiu, em muitos casos, para a concentração do domínio em poucas mãos, desfazendo-se assim a política territorial que a companhia e o govêrno — pelo menos nominalmente — pretendiam seguir. A situação agravou-se quando, finda a guerra, voltaram-se para o Paraná as atenções de numerosos investigadores de capital, que desejavam expandir ou consolidar fortunas — ganhas ou aumentadas durante o conflito — à custa de terras boas e relativamente baratas. Não só a procura de glebas, no âmbito particular, se acentuou, dando origem a grandes reservas privadas e a grandes fazendas, como o poder público foi pressionado e não soube resistir, tornando-se conivente na negociata de requerimentos, vendendo fora das normas legais e chegando — segundo afirma o novo govêrno — a vender mais terras devolutas que aquelas que o Estado possuia, já demarcadas. Daí os conflitos como o de Porecatu, onde humildes posseiros foram desalojados por fazendeiros poderosos, que obtiveram títulos que os pequenos haviam requerido antes, e outros, de menores proporções, que se verificaram e ainda se verificam a oeste do rio Ivaí. E hoje, quando parece ter-se apoderado do govêrno mentalidade mais equilibrada em matéria de colonização — o poder público pràticamente não dispõe de áreas bem situadas e, se quiser realizar planos colonizadores, tem que valer-se da desapropriação de glebas particulares, o que encarece consideràvelmente a iniciativa.

Entretanto, isso não significa que haja empreendimentos — particulares ou oficiais — que não mereçam menção. Nestas duas últimas reportagens sôbre o Paraná, examinaremos dois, no sul — bem abaixo do "paralelo do café" — que constituem amostras do que se poderia fazer no Estado mediante uma política

racional de terras e de colonização. Uma delas, de que trataremos hoje, é a colónia de Carambeí, de holandeses calvinistas, em Castro, perto de Ponta Grossa, fundada há cêrca de 40 anos, e de iniciativa particular; e outra, de alemães da Iugoslávia, que acaba de instalar-se recentemente em Entre-Rios, nos campos de Guarapuava, por iniciativa do govêrno.

TAMANHO DA PROPRIEDADE RURAL

Não conseguimos dados sôbre a divisão da propriedade rural, atualmente no Estado do Paraná, embora os solicitassemos ao Departamento Estadual de Estatística. Aparentemente, na zona que poderiamos chamar de "colonial", ocupando partes do primeiro e do segundo planalto (ao "sul", digamos genéricamente), domina a pequena propriedade. Quem desce de Apucarana para Ponta Grossa, passando por Araruva, Ortigueira e Tibagi, verifica, na medida em que caminha para o centro-sul do Estado, que a estrada se enfeita de casas de tipo germânico ou eslavo, relativamente bem tratadas, dominando pequenas faixas de pastos ou culturas. Zona evidentemente mais pobre, mas possuindo média de situações individuais mais estável e possìvelmente mais elevada que ao norte. Já voltando-se para o sudoeste, rumo de Guarapuava, surge a grande propriedade pastoril, onde predomina o elemento brasileiro, de origem paulista ou gaucha (Guarapuava, embora bem ao sul do Estado, reflete a influência bandeirante, herança do velho comércio de tropas, até casas antigas, de telhados semi-horizontais, sem as grandes quedas semi-verticais que dominaram na arquitetura pós-emigração germânica e eslava). Quanto ao norte do Estado, que é a região mais tìpicamente pioneira, não se pode falar em grande propriedade indiscriminadamente, pois é elevado o número de sitiantes, sobretudo na área colonizada pela Companhia de Terras, cuja polítca é seguida pela sua sucessora na venda das últimas glebas que possui às margens do Ivaí. Entretanto, os únicos dados oficiais da Prefeitura que logramos obter sôbre a divisão de propriedades no Estado e referentes a Londrina, a capital do novo norte, e município de solo fertil, fazem supôr uma subdivisão menos acentuada do que se proclama. Assim existiriam 11 propriedades de área entre 1.000 e 2.000 alqueires, 1 com 3.100 e outra com 14.800. Anota-se ainda a reserva dos índios com 47 mil alqueires, o que significa quase a metade da atual área territorial do município e que, como é praxe em zonas controladas pelo Serviço de Proteção aos Índios, está mal explorada. Excluindo-se a reserva indigena, teriamos, para os 55 mil alqueires restantes do município cêrca de 30 mil ou 55% ocupados por propriedades acima de 1.000 alqueires, ficando as demais 1.570 propriedades, entre 5 e 500 alqueires com 25 mil alqueires ou 45%. Se nos limitassemos a áreas abaixo de 50 alqueires, poderiamos calcular que 1.457 propriedades ou 92% do número total de estabelecimentos não cobririam mais de 15 mil alqueires ou cêrca de 27% sôbre a superfície total entregue a particulares. Evidentemente é elevado o número de pequenas propriedades; mas a maior área do município está ocupada por grandes estabelecimentos. Isso sem falar na possibilidade de que duas ou mais propriedades pertençam a um mesmo dono (não obtivemos dados da propriedade por emprêsas).

O INICIO HUMILDE DOS HOLANDESES, HA 40 ANOS

Considerando-se que ocupam área de campos pobres, possìvelmente os mais pobres do Paraná, e que se organizam agrícolamente à base da família em re-

gra numerosa, os holandeses de Carambeí, reunidos em colônia e posteriormente em (1926) vivem há 40 anos no regime da pequena propriedade. E sobretudo viveram social e economicamente, apesar da falta de auxílio oficial. Trata-se de uma colonização iniciada em 1911, por iniciativa da ferrovia inglesa, que passava por Castro e Ponta Grossa e hoje é federal: loteou ela terras perto da estação de Carambeí e interessou imigrantes holandeses, da religião calvinista. As 4 famílias iniciais (2 delas ainda vivem na colônia) instalaram-se pobremente, mas graças ao elo religioso atrairam outras, inclusive de nacionalidade alemã e francesa. Receberam um lote de 100 hectares, 1 pequena casa, 2 bois, 9 vacas e 1 arado, para pagamento a prazo. Os franceses e alemães fixaram-se menos e hoje, das 70 famílias existentes, 64 são de origem holandesa e 6 de alemã. "Mas das 400 pessôas dessas famílias a maioria é composta de brasileiros" — faz questão de acentuar o presidente da Cooperativa, sr. Leonardo de Gens, membro de uma das famílias pioneiras. Contam-se anedotas hoje sôbre as dificuldades iniciais: um dos 4 colônos possuia 300 cruzeiros em dinheiro e era o "mais rico" de todos.

FOCO DE ATRAÇÃO DE NOVOS IMIGRANTES

A área da colônia, inicialmente de 5 mil hectares, foi acrescida de mais 2 mil (sinal da prosperidade econômica da comunhão), e os 7 mil hectares estão possuídos por 70 famílias, como dissemos: média, por família, portanto de 100 hectares, ou cêrca de 41 alqueires paulistas. Existem diferenças de tamanho, e o maior proprietário possui 600 hectares; mas "à propriedade é da família" e êle tem 9 filhos, dos quais 6 homens. E cada um destes, quando casa recebe um lote (e quatro já o fizeram); dessa forma a perspectiva mais ou menos imediata da partilha implica em subdivisão dos 600 em 6 propriedades de 100. A herança territorial, naturalmente por motivos de origem religiosa, cabe aos filhos varões; as moças, quando casam, recebem dote em dinheiro e gado, e assim na abertura da sucessão as famílias fàcilmente se adaptam ao regime sucessório brasileiro, sem que a "terra deixe de passar de homem a homem".

O elevado índice de fixação das famílias e o aumento constante destas têm criado problemas de espaço, que foram resolvidos inicialmente com os 2 mil hectares acrescidos aos 5 mil iniciais. Agora, porém, observa-se a necessidade de nova expansão e a Cooperativa propôs aos govêrnos estadual e federal adquirir uma área contígua, mediante financiamento do Banco do Brasil. Dessa forma, ela não só daria oportunidade aos moços que sem terra, tendem a evadir-se, como possibilitaria a entrada de novos imigrantes especializados — o que seria vantajoso, pois êles se aclimatariam ràpidamente num meio onde já existe a experiência de patrícios durante 40 anos. Aliás, têm havido sempre novas contribuições de holandeses à Colônia; já existem famílias vindas após a guerra. E há casos de moços que vão buscar mulher na Holanda. Entretanto, registram-se casamentos fora da colônia e da nacionalidade, parecendo que o veto dominante é o da religião, não sabemos se absoluto.

A RENDA BRUTA OBTIDA DO CAMPO POBRE

"Quando chegamos aqui e nos instalamos, fabricávamos um queijo por dia — disse-nos o presidente da Cooperativa. Hoje fabricamos 600 quilos." Com isso, quis êle retratar todo o progresso observado nos últimos 40 anos. Além dessa produção

de queijo (a principal), a Colônia produz mais 500 quilos de manteiga por semana e vende 1.000 litros diários de leite em Ponta Grossa. Os colonos estão organizados na Cooperativa Batavo, de natureza mista e adaptada às leis brasileiras desde 1941. Essa cooperativa comercializa a maior parte da produção da colônia, possuindo uma máquina de pasteurização e instalações para o fabrico de queijo e manteiga. A produção de lacticínios é assim socializada. Começou a operar êste ano também na venda de porcos dos cooperados, reprodutores bovinos (gado holandês), aves e ovos e alguns produtos agrícolas. A receita bruta obtida pela Cooperativa, só de queijo, leite e manteiga, é de 500 mil cruzeiros mensais. Não seria difícil adicionar mais 200 mil para as vendas restantes pela Cooperativa e pelos cooperados diretamente — já que só de porcos aquela está vendendo mensalmente de 60 a 80 mil cruzeiros. Teríamos, assim, em terras de campo fraco, 7 mil hectares, ou cerca de 2.894 alqueires paulistas, produzindo uma renda anual de Cr$ ...... 8.400.000,00, ou sejam cerca de Cr$ 2.900,00 por alqueire. (Cr$ 120.000,00 em média, por família). Uma renda dessas — em que não se inclui o leite para o gasto, a batata, o milho e outros alimentos caseiros — equivale 8 a 10 vezes ao que comumente se ouve falar sôbre a produtividade econômica dos melhores campos paranaenses.

PADRÃO DE VIDA ELEVADO

O mais importante, porém, é o padrão de vida que a exploração daquela área de campo permite às 70 famílias ali instaladas: casas muito acima da média do nosso fazendeiro comum, de tijolos ou madeira pintada, assoalhada, enceradas, atapetadas, acortinadas, forradas, mobiliadas com gosto, limpas e amplas, possuindo fogões econômicos, instalações sanitárias, água encanada (de moinhos de vento), luz elétrica (de Ponta Grossa), rádios, geladeiras, quadros e outros ornamentos, etc. Existe naturalmente algumas diferenciações, mas a média é eloquente, e o viajante poderá entrar em qualquer residência, a qualquer hora, que encontrará a mesma impressão de ordem, asseio, gosto e elevado padrão material.

E' grande a frequência de autos, jipes, charretes, motocicletas e bicicletas na colônia, o que revela também o progresso econômico e social que a comunidade alcançou. A alimentação é rica dedicando-se os lavradores também a culturas de subsistência, como o trigo, o arroz e a batata. Informe sôbre a dieta habitual: carne, leite, ovos, batata, feijão, arroz e verduras. E o visitante que chega para uma conversa não deixa de provar um vermute.

LACTICÍNIOS, A PRINCIPAL EXPLORAÇÃO

A principal atividade da Colônia é a de produção de leite e lacticínios. A Cooperativa pensa ampliar as suas instalações, melhorando as máquinas de pasteurização e de fabrico de queijo e manteiga. Por sua vez, existe um trabalho incessante para maior produtividade de leite, com o melhoramento do gado e do forrageamento. Cooperados importam periòdicamente reprodutores da Holanda, revendendo alguns e mantendo outros para melhoria dos rebanhos. Projeta-se mesmo a criação de um posto de inseminação artificial na Colônia, em cooperação com o govêrno federal: o posto serviria inclusive a criadores nacionais da região e seria um centro de melhoramento do gado leiteiro.

O rebanho da Colônia é semi-estabulado, exceto os reprodutores finos, que

são totalmente estabulados. Os campos vêm sendo progressivamente melhorados, com aração e cultivo de forrageiras de colheita e outras culturas, bem como formação de pastagens artificiais. Assim, além das gramíneas nativas têm podido, graças a êsse processo de melhoramento, proporcionar rações mais nutritivas aos animais. As principais culturas têm por objetivo a alimentação do gado e são o milho e batata doce. A Cooperativa adquire, para redistribuição aos associados, farelo e farelinho de trigo e torta de caroço de algodão, já que a produção local de forragens não é suficiente quantitativa e qualitativamente. O gado holandês predominante é o preto e branco e há muitos animais mestiços. A média de produção de leite, na Colonia, é de cerca de 8 litros por dia, o que atesta o excelente regime de exploração que os holandeses conseguiram realizar numa área pobre.

RACIONAL, A CRIAÇÃO DE PORCOS

A suinocultura vem tendo grande desenvolvimento últimamente. O maior criador, chegado da Holanda após a guerra (está na colônia há apenas 5 anos), possui cêrca de 500 suinos. Vende de preferência para os laboratórios de vacinas contra a peste suina, que consideram mais vantajoso adquirir animais para a produção de laboratório a estabelecimentos racionalmente organizados. O gado suino criado e engordado na Colônia é todo estabulado e se alimenta de forragens ali produzidas, como o milho, e também de adquiridas fora, como o farelo e o farelinho. O preço do porco, há poucos meses, n mercado de Ponta Grossa, era de 150 cruzeiros por arroba. As instalações daquele maior criador, embora rústicas, são excelentes, e nós fomos encontrá-lo cuidando pessoalmente de um animal machucado. Aliás essa é a regra: cada colôno cuida diretamente da cultura e da criação, em companhia da família e, em muitos casos de alguns assalariados.

"NO MATO SE ROUBA; NO CAMPO SE DÁ"

A agricultura da Colônia está subordinada à pecuária. O campo é lavrado sobretudo para a produção de forragens, reservando-se pequenas áreas para cultura de subsistência. Daí o predomínio do milho e da batata doce na superfície cultivada. Outras culturas: arroz, trigo, batata inglesa. Existem ainda pomares, a arborização plantio de leguminosas melhoradoras do campo, como a mucuna, o lupino e as crotolárias, etc. A acácia negra é bastante plantada. Observa-se uma tendência acentuada para a lavoura de um ano para cá, em virtude da aquisição de maquinário motomecanizado, facilitada por financiamento do Banco do Brasil. Até a safra passada, o campo era trabalhado só a tração animal; hoje os tratores roncam na Colônia, arando, gradeando, plantando, arrancando batatas, etc. (êles seriam uma contribuição indireta do café, que abriu mercados e esparramou dinheiro, a essa iniciativa pioneira de colonização, que o precedeu em era.)

O comportamento dos holandeses diante do campo pode encerrar toda uma filosofia agrícola: "No campo, não se pode roubar a terra — disse-nos o velho holandês Jacob Voonsluys, duro e obstinado, um dos quatro que primeiro pisaram o solo de Carambeí. A mata fértil é que se rouba. No campo, a gente precisa dar para que êle melhore. Êle não é ruim; apenas fraco". E conta as advertências que recebeu de brasileiros, técnicos ou não, possuidos pelo preconceito da agricultura extrativa, sôbre o fracasso certo de uma aventura agropecuária no campo. A melhor resposta da sua agricultura de acrescentação está na sua aposentadoria con-

fortável, em boa casa, o filho — (brasileiro, que serviu o Exército 3 anos e se orgulha disso — com mulher procurada na Holanda e êle — o setuagenário — guardando como relíquia, ao pé do novo lar, a velha casinha onde começou a "aventura", há 40 anos passados. Como agricultor de origem européia, preocupado com a estabilidade, a principial crítica que Jacob Voonsluys faz à política agrícola brasileira se refere à instabilidade de preços, que não são garantidos regular e eficientemente. Cita como exemplos o trigo e a batata inglesa..

SUPRIMENTO DE ADUBOS

Contando com solo difícil, os holandeses precisam muito de adubos. A Cooperativa Batavo, que se encarrega da compra de forragens, também cuida da aquisição de fertilizantes (farinha de ossos, salitre do Chile, etc.). Nesse setor — aquisição de adubos e forragens — vêm-se concentrando ùltimamente os maiores esforços da Cooperativa, dada a dificuldade de obtenção de tais produtos e os altos preços com que são cotados no mercado. Está ela mesmo interessada na importação de fertilizantes.

ELEVADA A PRODUTIVIDADE AGRÍCOLA

Graças a processos racionais utilizados, a produtividade por hectare é elevada. Segundo nos informou o sr. Keimper van der Meer (holandês chegado em 1933, diretor-secretário da Cooperativa Batavo e presidente da Cooperativa Central Agrícola do Paraná, que reune 17 cooperativas), um hectare de batata doce adubado rende em média 50.000 quilos; um de milho, 4.000 quilos (162 sacos de 60 quilos por alqueire paulista); um de trigo, 2.000 a 3.000 quilos. Trata-se, como se vê, de resultados surpreendentes para terra de campo. Afirma-se mesmo que foi a obra dos holandeses de Carambeí que inspirou o ex-secretário da Agricultura do atual govêrno, o agrônomo Lacerda Werneck, a tentar uma obra de recuperação dos campos paranaenses, através de formação de pastagens e do cultivo do trigo.

O cultivo da batata inglesa não tem muita influência entre os colonos, devido a dificuldades de mercado. O sr. van der Meer, mais como presidente da Cooperativa Central, vem insistindo na necessidade de especializar-se o sul do Paraná na produção de batatas-semente, já que não pode concorrer, para consumo, com a batata paulista, que se acha mais próxima dos grandes mercados (Rio e São Paulo). Acha interessante sob êsse aspecto um convênio com o govêrno e os produtores paulistas.

TRABALHO FAMILIAR

Embora a maior parte da população da colônia seja de brasileiros, quase todos êstes descendem de holandeses. Há pioneiros com filhos e netos nascidos em Carambeí. Existem todavia brasileiros de origem que trabalham nas granjas como assalariados, bem como na Cooperativa. Os trabalhadores avulsos recebem de Cr$ 30,00 a Cr$ 50,00 por dia, além de comida, conforme a habilitação. Os mensalistas da fábrica da lacticínios recebem Cr$ 1.000,00 mensais, logo que entendam um pouco do serviço. Há holandeses assalariados nas granjas, mas poucos; geralmente estão integrados nas famílias dos granjeiros e logo obtêm o seu pedaço

de terra, desde que casados. Todavia, o grosso do trabalho na granja, como dissemos é efetuado pelo próprio proprietário e família. Não vimos mulheres trabalhando na lavoura; dedicam-se aos afazeres domésticos e à criação estabulada.

ELEVADO O CUSTO DE PRODUÇÃO

O custo da produção leiteira, dadas as suas características, é elevado. Atingiria Cr$ 3,00 por litro, se se computassem os juros do capital empatado e a mão de obra (na maior parte ou inteiramente, conforme o caso, familiar). Parece assim que o segredo do êxito obtido reside antes na organização da propriedade (posta a serviço da família e por esta trabalhada) do que na grande rentabilidade da exploração principal. Só a redução dos custos das forragens e adubos poderia, no momento, diminuir substancialmente o custo da produção leiteira.

PREÇO DE TERRA

O preço de terra de campos na colônia é de 600 a 700 cruzeiros o hectare, nível mais elevado que o comum da zona. Evidentemente, os campos melhorados custam mais. Uma propriedade de 170 hectares, com sede e instalações para suinos, pòde valer de 600 a 700 mil cruzeiros.

RELIGIÃO, O LAÇO MAIS FORTE

O laço mais forte na comunidade talvez não seja o econômico nem o nacional, mas o religioso. O calvinismo, religião que leva à austeridade e ao desprezo pelas pompas, une fortemente os holandeses e alemães e seus descendentes e constitui certamente um dos fatores do êxito da Colônia em ambiente tão naturalmente pobre. A comunidade tem a sua igreja que já está ficando pequena, seu cemitério (alguns pioneiros estão lá enterrados, como símbolo do desejo de permanência da Colônia), o seu armazem e loja e o seu fundo de assistência social. O pastor calvinista, pago pela colônia, além de dirigir o culto, gere êsse fundo, que assiste os que se encontram em dificuldades financeiras, com empréstimos e donativos. O pastor ainda é o conselheiro para as crises morais e de família, no que é coadjuvado pelos mais velhos (os conselheiros da Colônia).

A língua falada em casa é o holandês, salvo evidentemente nas poucas famílias alemãs. Até os 6 anos, a criança aprende em casa a língua dos pais. Aos 7, frequenta as duas escolas brasileiras da colônia, onde aprende o português. O pastor ensina a gramática e a leitura holandesa às crianças alfabetizadas em português 2 vezes por semana.

ESFORÇO DE PERPETUIDADE

E' satisfatório o grau de sanidade da colônia. As maiores despesas se fazem com dentista, pois o solo e a água são pobres em elementos minerais. "Os nossos dentes se estragam logo aqui" — informa mos que vieram da Holanda.

A ordem parece absoluta. "Nunca houve crime entre nós" — afirmaram os diretores da Cooperativa, que encontramos reunidos. Existe uma autoridade "pro forma", um inspetor de quarteirão nomeado pela delegacia de Castro, por indicação da colônia.

Os colonos mantêm boas relações na zona, sendo geralmente vistos com simpatia. Possuem quadros de futebol e volibol que competem com comunidades vizinhas, de brasileiros. Existem casos de casamento com pessoas de origem brasileira. Festas, há poucas na colônia, o que deve resultar de motivos religiosos e de hábitos de sobriedade. "Festas só em casamento" — disse-nos um informante. E' uma informação muito de acôrdo com o espírito da comunidade, absorvida em trabalhar para perpetuar-se; e regozija-se prafanamente apenas quando lança, nas bodas, mais uma ancora para o futuro.

P.S. — Na introdução da reportagem anterior, onde se acha escrito: **"Na** medida em que o govêrno se ligou mais diretamente à política de terras, surgiram dramas e conflitos **como os da região de Porecatu no novo norte menos recente de Goioerê, já além do rio Ivaí,** na área setentrional ainda em processo de desbravamento", deve-se ler: "Na medida em que o govêrno se ligou mais diretamente à política de terras, surgiram dramas e conflitos, **como os da região de Porecatu, no novo norte, e mais recentemente os de Goioerê, já além do rio Ivaí...**" etc. — Como se vê são duas regiões distintas, e não apenas uma, como o fazia supor nas bodas, mais uma ancora para o futuro.

IX

Surgiu por acaso o maior empreendimento de colonização racional que se processa atualmente no vizinho Estado.

Planejado um estabelecimento agropecuário que tenderá a vender produtos acabados — Grandes construções e 500 moradias edificadas em pouco mais de um ano.

Uma das mais importantes iniciativas de colonização que se processam presentemente no Brasil nasceu por acaso em 1951. De encontro eventual em Curitiba entre um almirante brasileiro e um amigo germânico que estava de passagem por ali, em viagem de observação, ficou a Secretaria da Agricultura do Paraná informada de que o visitante estava cuidando da transferência para Goiás de 500 famílias de imigrantes alemães — suábios do Danúbio — que haviam sido despojados de suas pequenas propriedades agrícolas na Iugoslávia e viviam na Áustria como assalariados rurais. A ida para Goiás já estava praticamente assentada, quando o secretário da Agricultura do Paraná conseguiu contato com o visitante, que era o sr. Scheppenberg, representante da Auxiliadora Suiça da Europa, entidade criada para colocar refugiados católicos e outros em países de imigração e que contaria com o apôio do Vaticano. E em dois dias, mudou-se a face do problema: os alemães interessaram-se por uma visita mais prolongada ao Paraná e procuraram uma área que, localizada relativamente perto dos centros do consumo, permitisse a cultura do trigo em larga escala, por processos motomecânicos.

Foram-lhes mostrados os campos nativos de Palmas, Clevelândia e Guarapuava — os mais finos do Estado — e êles se fixaram numa área a sudoeste de Guarapuava, no bairro denominado Entre-Rios. Trata-se de campos planos — os mais planos do Paraná — com a altitude de 1.160 metros, temperatura satisfatória para os europeus (muito frio em agôsto quando lá estivemos) e distantes

cêrca de 30 quilômetros da cidade de Guarapuava, que se acha ligada por boa rodovia a Ponta Grossa e no trajeto de um ramal ferroviário, que está a poucos quilômetros da cidade e que também a ligará com aquele grande entroncamento das vias de transporte do Estado. Dados divulgados pelo geógrafo Reinhard Maack indicam que as chuvas em Guarapuava (situada no chamado "terceiro planalto paranaense", a sudoeste do Estado, conforme observações de um período de 28 anos, são relativamente equilibradas, chovendo a média de 654,7 milímetros nos meses de inverno (abril e setembro), sendo julho o mês de menores precipitações nesse período (66,4 milímetros). O total das precipitações anuais, na media de 28 anos, foi de 1.709,7 milímetros, cabendo assim aos meses de verão (outubro a março) a cota de 1.055 milímetros. Essa circunstância favorece à cultura de cereais de inverno, como o trigo, propiciando-lhe a necessária umidade. No entanto, sob êsse aspecto, Palmas levaria vantagem , pois, ali, segundo a mesma fonte, em 13 anos observou-se mais chuva durante o inverno — período de desenvolvimento do trigo — que no próprio verão. Entretanto, o fator transporte e o topográfico decidiram os alemães.

COMO SE VENCEU A REAÇÃO TRADICIONALISTA

Embora não planejada, não se pode negar o mérito da iniciativa governamental no plano da colônia de Entre-Rios. O govêrno agiu ràpidamente. Como as terras pretendidas pelos suábios pertenciam a particulares, fazendeiros tradicionais no Estado e de marcante influência política, houve grande luta contra a proposta de desapropriação, inclusive pela imprensa e o rádio. Registraram-se até comícios de protesto e organização de delegações para dissuadir o governador. A tradição estava ferida e posses de algumas gerações não eram para vender. Mas encontrou-se uma fórmula conciliatória: a comissão da Auxiliadora Suiça estava disposta a pagar Cr$ 1.300,00 por alqueire paulista pelas terras (cerca de 9 mil alqueires), que valiam cêrca de Cr$ 1.000,00, e só por aquelas. Mas os fazendeiros queriam mais. O govêrno, que ainda dispunha de terras devolutas no norte do Estado, logrou obter dos desapropriandos que êstes recebessem terras no norte do Paraná, pagando o preço de lei de Cr$ 700,00 por alqueire. Como as terras do norte valiam mais no comércio normal (Cr$2.500,00), os fazendeiros acabaram recebendo Cr$ 1.300,00, por alqueire e adquirindo os lotes setentrionais. E a desapropriação consumou-se. Também havia que resolver a situação dos pinheirais e da madeira de imbuia, existentes nas terras, e essenciais à futura colônia alemã. E o govêrno cedeu mais glebas setentrionais, pelo preço de Cr$ 700,00, na razão de 1 alqueire por 17,5 pinheiros ou imbuias, de 18 polegadas, transferidas em escrituras à Colônia. E, assim, em junho de 1951 os alemães já estavam de posse das terras, depois de 3 meses de conversações, tendo a Auxiliadora desistido da colonização em Goiás. O sr. Lacerda Werneck, secretário da Agricultura ao tempo da transação, comenta: "Foi a imigração mais barata que já se fez no Brasil. O Estado não gastou nada na desapropriação, porque as terras do norte venderia por Cr$ 700,000 a qualquer um. E o Departamento Nacional de Imigração apenas custeou a passagem das famílias de Santos a Guarapava."

A COOPERATIVA, UMA INICIADORA

As 500 famílias alemãs já se acham instaladas no norte do Paraná e ainda na safra de 1951 houve trabalho agrícola na Colônia. Fundou-se a Cooperativa

Agrária de Entre-Rios, que, entre outras, tem a incumbência de organizar os trabalhos preliminares de instalação, até que os lavradores se instalem nos lotes. cerca de 2.500 pessoas constituem atualmente a população da Colônia, divididas em cinco aldeias, das quais uma central, onde tem sede a Cooperativa e se acham (em fase de acabamento, mas já funcionando) as instalações de natureza coletiva: serraria, etc. Esperava-se, para êste ano agrícola, de 1952-53, que os colonos de máquinas, etc. Esperava-se, para êste ano agrícola, de 1952-53, que os colonos já estivessem de posse dos seus lotes e,dentro do plano geral, iniciassem suas atividades agropecuárias por conta própria. Até agora (safras de 1951 e de 1952), as plantações de trigo e arroz foram efetuadas pela Cooperativa, em bases coletivas, pagando salários de Cr$ 25,00 para homêns e Cr$ 20,00 para mulheres, além de uma ajuda de Cr$ 8,00 por pessoa da família que não pode trabalhar (crianças e velhos). Como se tratava da fase de instalação da Colônia, com grande necessidade de mão de obra para construção de casas, escolas, hospital, oficinas, usina, etc., a Cooperativa iniciou o desbravamento das terras, com uma grande frota de tratores e em 1952 semeou 2.300 hectares de trigo, prevendo-se produção que será igual a 5% do total paranaense. No próximo ano o plantio deverá atingir 5 mil hectares em toda a Colônia.

ORGANIZAÇÃO RURAL DE ALDEIA

Quando estivemos em Entre-Rios, a unica proprietária era a Cooperativa. Mas os lotes estavam sendo demarcados em torno das 5 aldeias (Vitoria — a central —, Jordãozinho, Socorro, Samambaia e Cachoeira) e deveriam começar a ser entregues ainda êste ano. Para a realização do plano completo de distribuição, a Cooperativa precisará de mais 1.000 alqueires. Mais gente, não, salvo para substituir as famílias que não se fixarem. Segundo informações que nos prestaram na Colônia, das 500 famílias chegadas, 340 se constituem de agricultores; as restantes 160 são empregadas nas oficinas, nos serviços gerais de administração e assistência e nas obras de construção. Parte delas naturalmente permanecerá, vindo a constituir a futura população de artífices, comerciantes e outras profissões urbanas, essenciais nas relações com o campo; outra parte, quando terminar o "ciclo de desbravamento e instalação" provàvelmente se deslocará, salvo se o progresso econômico da Colônia permitir meios de vidas para todos, inclusive os que não se dedicam diretamente à agropecuária.

Dessa forma, o plano da Cooperativa será o de dividir cerca de 10 mil alqueires paulistas entre 360 famílias. Teríamos assim a média, por propriedade familiar, de 36 alqueires. No entanto, deve-se deduzir a área urbana, a destinada a construções de interesse coletivo, as reservadas para experimentação, possíveis culturas comuns (como o reflorestamento) e também as reservas para distribuição futura, na medida em que as famílias crescerem.

O plano de distribuição parece refletir o desejo de estilizar em Guarapuava a tradicional organização da aldeia européia — mais campo que cidade. Existem três propriedades distintas para cada família: a casa de moradia na aldeia de tamanho variável, com quintal de meio hectare, que se destina a horta, estábulo, chiqueiro e animais de uso imediato; outra, nos arredores da aldeia, de 1 hectare, para produção de forragens para animais e culturas de subsistência; e uma terceira, a propriedade agrícola pròpriamente dita, no campo, para as culturas de carater comercial. A área mínima desta última será de 20 hectares, havendo acrés-

cimo de 10 hectares por filho de 12 anos acima e 5 hectares por filha de 14 anos acima. O critério do tamanho obedece assim a uma subordinação da propriedade agrícola às necessidades de consumo e possibilidades de trabalho da família.

SORTEIO PARA OS LOTES

Não é dado a nenhuma família escolher o lote. Os campos de Entre-Rios são o mais possível uniformes, de maneira que a maior desvantagem, para a gleba de exploração comercial, consistirá na distância da aldeia, onde as famílias residirão. Também as casas foram sorteadas. O colono que receber moradia na orla da aldeia — portanto mais longe dos recursos centrais — terá uma compensação, ficando com o hectare, destinado à produção de forragens e plantio de subsistência, pegado ao meio hectare da residência. Do ponto de vista do trabalho agrícola, será uma vantagem.

O prazo de pagamento dos lotes será de 5 e 6 anos.

PLANO DE DESCOLETIVIZAÇÃO

No momento, como dissemos, existe apenas uma cooperativa, dirigida pelo agrônomo Michael Moor e que conta com a cooperação do engenheiro Peter Petchel (que instalou a nova usina Diesel), do agrônomo silvicultor Adolf Ebenlich (êste com mais tempo de Brasil) e do agrônomo agricultor George Sendelbach, a quem está afeta a execução dos planos agrícolas iniciais e que dirigirá a assistência técnica às granjas que se instalarem.

A Cooperativa, além de dona das terras que serão vendidas, possui todo o equipamento mecânico e as instalações centrais, (usinas, moinho, ferraria, marcenaria, oficina de reparos, etc.) bem como as casas de moradia construidas. Faz as vezes ainda de compradora em comum para a Colônia e de patrão. Mas todas essas funções são transitórias. Com o tempo, distribuidos os lotes e organizadas as granjas, se transformará ela numa cooperativa central de compras e vendas em comum, de industrialização de transporte, de orientação técnica e experimentação. Em cada aldeia, haverá uma cooperativa dos granjeiros, de compras e vendas em comum. E o maquinário agrícola — quase todo de origem alemã — passará para uma cooperativa especial de mecanização, que prestará serviços aos cooperados, evitando que êles precisem adquirir, para pequenas áreas, máquinas próprias. Possìvelmente, alguns setores atualmente coletivos, como a marcenaria e a ferraria, serão transferidos a particulares, quando terminar a fase de instalação.

OS PLANOS E AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS AGRÍCOLAS

Ainda não estão delineados pormenorizadamente os planos agrícolas da Colônia. Os agrônomos estão na fase de aclimatação e observam as reações do solo, para as diretivas finais. Em princípio, porém, a Cooperativa deverá dedicar-se à cultura de trigo e de arroz. Ao mesmo tempo lançará as bases de um grande estabelecimento pecuário, para a produção de lacticínios, que seriam industrializados e comercializados no futuro pela Cooperativa Central. A suinocultura será outra atividade fundamental da comunidade. Prevendo o surto pecuário, por enquanto pràticamente doméstico, planejam-se plantações milho, forrageiras, leguminosas, bem como a formação de pastos. Por outro lado, está bosquejada uma tentativa de produção de frutas e hortaliças, para abastecimento interno e, se

possível, para comercialização em centros de consumo do Estado. E os suábios do Danúbio não se esquecem dêste detalhe: o reflorestamento. Já iniciaram uma experiência com a araucária, o pinheiro nativo, tendo plantado 30 hectares.

Os 2.300 hectares de trigo da safra deste ano foram todos adubados, de acôrdo com fórmula mista de fósforo, potássio e salitre. O agrônomo Suldeback salientou a importância do superfosfato em experiências que vem realizando junto dos trigais, em áreas prèviamente escolhidas. Acha que com bastante estêrco e adubo verde, em matéria de fertilizante químico bastaria o superfosfato, cuja influência sôbre a produtividade se revela muito mais acentuada que o potassio e o azôto. Existe ainda a necessidade de correção do solo, pois os campos são ácidos. O consumo de calcário pela Cooperativa deverá ser grande. No setor extamento até recentemente verificado, o agrônomo estava inclinado a classificar como mais adaptadas a Entre-Rios as variedades Ponta Grossa 1 (selecionada na Estação Experimental de Ponta Grossa, do Ministério da Agricultura), Alegrete e Trinta e Cinco. A Frontana apresentava um desenvolvimento que a permitia classificar apenas como média. E a Rio Negro evidenciou resultados desfavoráveis.

Dados de rendimento que nos foram fornecidos sôbre o ano passado (plantio muito atrasado, de julho a agôsto) acusam rendimento de 600 quilos por hectare. Este ano, esperava-se rendimento melhor em área muito maior. O fator principal que limitou a superfície de cultivo em 1952 foi a falta de sementes. Será possível que a Colônia venha a multiplicar as próprias sementes em áreas coletivas, reservadas para esse fim. A cultura arrozeira em 1951 52 foi afetada pela geada, fora de tempo, que danificou 800 hectares plantados. De acôrdo com informação do agrônomo, um hectare colhido de trigo custou à Cooperativa na safra passada Cr$ 1.300,00: na base de venda de Cr$ 2,50 o quilo, haveria ainda lucro, apesar de tratar-se de safra anormal. Para 1952, aguardava-se safra melhor.

Um agrônomo paranàense — o deputado Lacerda Werneck — calcula que os campos de Entre-Rios forneciam aos fazendeiros tradicionais uma renda de Cr$ 200,00 por alqueire paulista; hoje, na base da experiência tardia do trigo de 1951, fornecem a renda bruta de Cr$ 5.000,00. Introduziu-se assim uma revolução na fisionomia rural de Guarapuava, e lavradores brasileiros, mais esclarecidos, estão procurando imitar os alemães, procurando "dar aos campos" na linguagem pitoresca dos pioneiros holandeses de Castro, o que nos referimos em reportagem anterior.

TRABALHO EM RÍTMO DE "BLITZ"

Um moinho beneficiará o trigo da Colônia. Está com a montagem terminada e tem capacidade para 200 sacos por dia, devendo ser aperfeiçoado e ampliado na medida das necessidades. O objetivo da Cooperativa, no setor do trigo, como do leite e dos suinos, é vender o produto o mais possível acabado: a Colônia plantará, cultivará, colherá, beneficiará e, em muitos casos, transformará.

Uma usina de 300 HP, que substitui a pequena inicial, garantirá fôrça para a industrialização da Colônia, acionando o moinho de trigo, a serraria, que em 10 meses havia beneficiado 8.400 metros cúbicos, fornecendo toda a madeira para as construções existentes em Entre-Rios.

Aliás, o rítmo de trabalho na Colônia é impressionante. Em um ano e meio, os colônos colheram duas safras, construiram mais de 500 casas, fizeram instalações básicas, revolucionaram os campos à margem dos rios Jordão e Pinhão.

Uma verdadeira "blitz" foi operada pelos suábios do Danúbio, sôbre a direção da Auxiliadora Suiça. Até as mulheres deixaram os afazeres domésticos e aguardam a hora de tratar do seu setor na granja futura, trabalhando em construções, pintando casas e edifícios centrais. Foram construidas 3 escolas e 1 hospital provisório.

FUTEBOL: A PRIMEIRA GRANDE AFINIDADE

Visitamos detidamente uma casa de colôno, futuro grangeiro. De madeira, pintada, assoalhada, arrumada à camponesa: sem o "refinamento" dos holandeses de Castro, mas confortável na sua rusticidade. No quintal de meio hectare, o casal de suábios faz milagres de arrumação. Numa aparência de deserto, surgem de repente os porcos, o touro, a vaca, as aves, todos instalados em construções rústicas, mas engenhosamente localizadas e construídas. Das 500 famílias, 460 são católicas e 40 protestantes. Há dois padres e um ministro evangélico. Existem ainda freiras para os trabalhos de hospital e educativos. As 3 escolas são brasileiras. O hospital é dirigido por uma senhora, médica brasileira de origem alemã. A população de suábios é saudável, apresentando belos tipos e se mostra alegre. Ninguém, exceto alguns diretores da Cooperativa falava o português, até há poucos meses. Na escola, com a cooperação das freiras, está-se transmitindo a língua do Brasil às famílias, através da criança. Elementos brasileiros trabalham na Colônia em serviços gerais e podem contribuir para isso. O futebol é a indicação da primeira grande afinidade entre os suábios e o meio brasileiro: o campo está entre as primeiras realizações da Colônia. Uma publicação alemã de São Paulo falou em exôdo dos suábios para as cidades. "E de fato constatamos que alguns procuram as cidades, para lídes domésticas; mas parece que não se recrutam entre os agricultores, e sim entre os "imigrantes auxiliares", que deveriam dedicar-se a misteres nas oficinas e serviços gerais. Na Colônia, não se fala em exôdo e parece que não se o teme. Uma bela moça, que surpreendemos empurrando um carrinho de lenha para casa, parcia exprimir, nesse mister rústico, o desejo de vencer as primeiras dificuldades e fixar-se. Os suábios parecem reagir favoràvelmente nos altos e planos campos de Entre-Rios, onde o homem do interior paulista, acostumado à paisagem obrigatória de colinas e quebradas, tem uma forte sensação de desconforto, com os ventos frios soprando continuamento em torno dêle.

UMA EXPERIÊNCIA QUE ABALOU GUARAPUAVA

Como se verificou, os investimentos da Cooperativa são vultosos. Quem lhes fornece os fundos Parece que ela recebe financiamentos do exterior, através da Auxiliadora Suiça, que transportou as famílias para o Brasil. Além disso, o Banco do Estado do Paraná lhe fez empréstimo de 3 milhões de cruzeiros, em caráter comercial. O Banco do Brasil tem efetuado empréstimos pròpriamente agrícolas e industriais, devendo estar com um saldo de 12 milhões. Não são apenas as grandes construções (usina, serraria, marcenaria, oficinas, etc.) nem 500 moradias construídas de um jato, que dão idéia do vulto dos capitais aplicados; o maquinário agrícola e industrial e o equipamento de transporte são impressionantes. Grandes caminhões alemães cortam as estradas para Guarapuava e 80 tratores sulcam os campos de Entre-Rios. Trata-se, na verdade, de um empreen-

dimento planejado de colonização de envergadura talvez sem precedentes no Brasil; e certamente sem comparação em matéria de eficiência e rapidez nas instalações. E para isso, serão precisos bons técnicos, bom material humano de trabalho e boa organização; mas também muito dinheiro. Um fazendeiro de café do norte do Paraná, que abre plantações nessa região, exclamou ao vêr o rítmo de trabalho em Entre-Rios: "Com tanto dinheiro, nós também fariamos isso". Queria aludir à falta de assistência financeira que se verifica para a formação de fazendas na zona setentrional, onde o desbravamento e a instalação se fazem à maneira rústica de nossos avós. Na realidade porém, a colonização alemã em Guarapuava, que transforma a economia dos velhos campos do sul e atrái a simpatia de uma população antes amedrontada no seu nativismo e no seu apêgo à rotina — representa um estilo acima da "colonização do café". Tal como se efetua entre nós esta última é intermediária entre o "safrista" nômade e Entre-Rios.

A experiência de Guarapuava só poderia encontrar ambiente no Paraná depois de iniciada a "era cafeeira", mais complexa que a da extração e do pastoreio. A reação inicial dos fazendeiros do sul a esse tipo de colonização científica bem demonstra que uma mentalidade econômica e social mais evoluida, fomentada pelo "ouro verde" e a situação geral do país, permitiu às esferas governamentais vencer o tradicionalismo. Essa ocupação da terra, para exploração racional, com base na propriedade individual — mediante planos prèviamente elaborados e supervisionados e assistidos na sua execução, e supondo um organismo centralizador — chocou o velho burgo pastoril de Guarapuava, mas 14 meses depois, com a vida nova que a colônia introduziu, o reporter podia ouvir de um bancário, seu velho conhecido de São Paulo e testemunha local dos acontecimentos: "O povo quase fez revolução contra os alemães; mas agora está entusiasmado com o movimento econômico que trouxeram e faria outra se êles saissem".

M. MAZZEI GUIMARÃES.

P. S. — A "FÔLHA DA MANHÃ agradece a cooperação das pessôas que proporcionaram ao seu redator facilidades, informações, sugestões e opiniões para a elaboração das reportagens sôbre o Paraná, hoje terminadas. Entre elas, mencionamos: engenheiro agrônomo Lineu de Sousa Dias, fazendeiro paulista do norte do Paraná, que percorreu grande parte do Estado com o nosso enviado especial e forneceu várias das fotografias utilizadas nesta série; deputado Lacerda Werneck; Leonardo de Gens, Keimper van der Meer e Gilberto Voonsluys, e outros diretores da Cooperativa Batavo; engenheiro agrônomo Jorge Sendelbach e agrônomo silvicultor Adolf Ebenhich, da Cooperativa Entre-Rios; engenheiro José Pedro Godói Gomes, chefe de obras da ferrovia Central-Paraná; engenheiro Hugo Cabral, o lavrador Omar Mazzei Guimarães, o agrônomo regional de Maringá e o presidente da Associação Rural de Londrina.

N. da R. — As reportagens anteriores desta série, que hoje termina, foram divulgadas em nossas edições de 14, 20, 28, e 30 de novembro e 5, 11, 18 e 27 do corrente.

(30-12-1952)

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 814 CARTA SEMANAL DO MERCADO 6 de Fevereiro de 1953

SITUAÇÃO GERAL: Segundo comenta a imprensa econômica e financeira é bem possível que o país esteja, agora, no começo de um novo período de reajustamento no sentido de adaptar a economia ao programa do govêrno recentemente formado em Washington. A falta de estabilidade no mercado de valores, durante os últimos dias, parece aliás indicar uma tal tendência, de acôrdo com os comentários dos analistas na praça. Êles enumeram os seguintes fatores na presente situação: 1) orientação deflacionária da mensagem de segunda-feira, ao Congresso, pelo Presidente Eisenhower; 2) o decidido esfôrço do Govêrno no sentido de equilibrar o orçamento nacional; 3) a possibilidade de que a eliminação de contrôles sôbre os preços e os salários provoque uma luta entre patrões e operários sôbre novos contratos de trabalho, luta que poderia causar greves e a consequente redução nos lucros da indústria e finalmente o fato de que a capacidade produtora do país já excede a procura.

No que diz respeito aos preços, prevê-se que os índices gerais vão ser afetados por movimentos contraditórios de vez que contra a subida que poderá ter lugar nalguns produtos haverá a baixa que afetará outros, particularmente naqueles em cuja estrutura ainda se encontram elementos inflacionários. Não é de estranhar portanto, concluem aquêles analistas, que o movimento de correção agora evidente no mercado de valores indique que o mundo financeiro está tomando uma posição defensiva na espetativa das alterações econômicas que deverão ocorrer e as quais eventualmente restituirão à economia do país base mais sã.

MERCADO DE CAFÉ: A greve dos rebocadores nêste pôrto junto com o baixo nível dos estoques de café aqui tiveram decidida influência no mercado do grão. Como é natural, a atividade foi boa particularmente no que respeita aos disponíveis locais e ao café fora das docas. Como resultado dessa maior atividade os preços mostraram decidida firmeza perante a constante procura dos torradores. A mesma firmeza, mas em grau mais moderado também foi observada para a produto sôbre água e para embarque.

No têrmo local a tendência altista foi muito sensível mas predomina aqui a impressão de que ela obedece a outros fatores entre os quais avulta a eliminação dos preços tetos, que se espera para 30 de Abril. Como é sabido a presença dêsses preços tetos têm exercido uma influência fundamentalmente baixista no mercado da rubiácea durante os últimos dois anos. Os outros fatores são a perspetiva de uma situação apertada, até à próxima safra, no que respeita aos cafés brasileiros e por último a pronunciada procura por parte dos operadores com posições descobertas e que se viram obrigados a comprar ativamente em face da subida no mercado.

Essa maior atividade significou um movimento de 828 lotes, o maior volume registrado desde a segunda semana de Janeiro do ano passado quando 1.403 lotes foram negociados. Os ganhos no Contrato "S" foram de 45 a 68 pontos, segundo as posições. O fato de que a posição aberta diminuiu desde 2.096 para 1.973 é

uma prova das operações para "cobrir" as quais constituiram o fator predominante no têrmo durante a semana e excederam o volume das novas posições estabelecidas.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: À vista da greve torna-se impossível determinar as cotações para os cafés na praça, de vez que os preços não só obedecem às condições de cada lote negociado mas também são afetados pelas respetivas circunstâncias em que se encontram quer o comprador quer o vendedor. Os cafés brasileiros para embarque estão muito firmes e de 51,75c/ para cima para o Santos 4 e de 51,25c/ para cima para o Paraná 4. Os colombianos para embarque foram cotados de 55,50c/ a 55,75c/ na base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais — Destinos Principais — Europa	Outros	Total
BRASIL*	31-1-1953	193.000	107.000	10.000	310.000
	24-1-1953	158.000	102.000	15.000	275.000
	2-2-1952	151.000	59.000	4.000	214.000
COLÔMBIA**	31-1-1953	93.660	11.153	4.837	109.650
	24-1-1953	138.351	12.120	4.482	154.953
	2-2-1952	67.679	4.442	1.925	74.046

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 31-1-1953	24-1-1953	2-2-1952
BRASIL*	Santos	1.765.000	1.747.000	2.006.000
	Rio	300.000	296.000	575.000
	Vitória	37.000	51.000	115.000
	Paranaguá	1.827.000 a	1.944.000 b	972.000c
	Pernambuco	10.000	12.000	18.000
	Bahia	23.000	22.000	12.000
	Angra dos Reis	24.000	30.000	47.000
	TOTAL	**3.986.000**	**4.102.000**	**3.745.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	131.739	107.369	148.846
	Cartagena	74.971	78.823	71.285
	Buenaventura	144.583	138.725	132.119
	Cucuta	146.579	145.033	85.637
	TOTAL	**497.872**	**469.950**	**437.887**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
31-1-1953	61.354	105.668	104.579	271.601
24-1-1953	63.235	98.885	100.703	262.823
2-2-1952	113.769	82.574	66.588	262.931

(*) Dadas da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(a) Das quais 610.000 liberadas e 1.217.000 por liberar
(b) Das quais 731.000 liberadas e 1.223.000 por liberar
(c) Das quais 599.000 liberadas e 393.000 por liberar

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

Equador: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 2 do corrente, reproduz-se a seguinte nota sôbre o novo impôsto ao café naquele país: "Segundo decreto publicado a 26 de Novembro de 1952 no "Registro Oficial", foi criado um impôsto de 5 Sucres para cada quintal de café e cacau cultivados na Província de Los Rios. Esse impôsto deverá durar seis anos. Durante esse período espera-se arrecadar uns 10.000.000 de sucres, de cujo total uns 15% são provenientes do impôsto sôbre o café. A receita proveniente do referido impôsto será aplicada na construção de uma escola para professores rurais em Quevedo e para escolas e estádios noutras cidades e povoações da Província de Los Rios".

Colômbia: Da revista "Tea and Coffee", edição de Janeiro último, reproduz-se a seguinte nota sôbre a situação naquele país: "Os círculos cafeeiros locais mostram grande otimismo. O ano foi caraterizado pela negociação de uma série de tratados comerciais com a Europa, fato que indica um aumento nas exportações de vez que as quantidades estipuladas nos contratos mostram claramente cifras consideráveis. Os tratados em questão foram assinados com os seguintes países europeus: Alemanha, no valor de US$45.000.000 dos quais vinte e cinco milhões destinam-se para a aquisição de café; Espanha, no valor de US$3.000.000 dos quais um milhão e meio destina-se ao mesmo fim; Itália, no valor de nove milhões de dólares, dos quais US$7.200.000 são para café; Inglaterra, no valor de US$...... 10.000.000 cujo total poderá ser usado exclusivamente para comprar café colombiano; França, no valor de US$5.000.000 completamente para café. Assim, o total em dólares destinado à compra de café colombiano por parte dos países acima mencionados atinge a cifra de US$49.400.000. Há informações de que a lavoura espera uma safra abundante para este ano a qual já começou a ser recolhida em Antióquia, Caldas e parte de Tolima. A colheita nessas regiões deverá render cêrca de 1.500.000 sacas, ou seja uma terça parte do total das exportações anuais de Colômbia".

ESTADOS UNIDOS

Torrefação de Café pelo Exército: A revista "Tea and Coffee" em sua edição de Janeiro último publicou a seguinte notícia sôbre aquele assunto: "O Govêrno deu ordens ao Exército para que encerrasse seus estabelecimentos de torrefação de café em Filadélfia e Chicago durante o ano em curso. Continuarão abertos, porém, os estabelecimentos de Brooklyn, para abastecimento das instalações do Nordeste; Atlanta, Geórgia, para abastecimento do Sudeste; Oakland, Califórnia, para abastecimento do Sudoeste; e Seattle, Washington, para abastecimento do Noroeste. O Govêrno calcula que o encerramento das usinas em Filadélfia e Chicago poderá significar uma redução de $50.000.000 nos estoques de café cru e despesas relacionadas com sua armazenagem, pessoal, etc."

Sôbre o mesmo assunto, reproduz-se da revista "Food Field Reporter", de 26 de Janeiro último a seguinte nota: "Thomas B. Curtis, deputado pelo Estado de Missouri declarou no Congresso que o Departamento de Defesa deveria economizar $300.000 em vez de $100.000 ao consolidar suas atividades de torrefação de café a respetiva distribuição. Comentando sôbre uma ordem recente do Govêrno para a consolidação das atividades de torrefação e distribuição em quatro estabelecimentos regionais, o deputado Curtis disse o seguinte: "A verdade é que os militares não desejam participar em tarefas de torrefação nem em questões de distribuição do café". A ordem foi o resultado de uma investigação do subcomitê do Comitê da Câmara sôbre Operações do Govêrno realizada no ano passado e que abrangeu vários operações militares nas quais havia suspeita de uma duplicação desnecessária de trabalhos e mau emprêgo de fundos. As operações de café foram incluídas nesse estudo. Uma das cousas averiguadas dizia respeito às vendas de café torrado ao público conduzidas nas instalações militares. O Contador Geral emitiu a opinião de que essas vendas eram ilegais e que tinham de terminar".

N.º 815 CARTA SEMANAL DO MERCADO 13 de Fevereiro de 1953

SITUAÇÃO GERAL: A nota dominante da semana foi, como é natural, a suspensão dos contrôles sôbre preços de muitos produtos manufaturados e matérias primas, demonstrando assim que o novo Govêrno está realizando a política de descontrôle gradual anunciada pelo Presidente Eisenhower em sua mensagem ao Congresso há duas semanas. Embora essa medida vá significar preços mais altos para alguns artigos, a espetativa geral é que os reajustamentos de preços que terão lugar como resultado dela não provocarão subidas para os limites superiores que aqueles contrôles impunham.

A realização tão rápida dessa política de descontrôle, que o comércio em geral vinha solicitando, dá neste momento a impressão de haver colhido o mundo comercial de surpresa e essa relativa confusão revela-se no movimento dos índices econômicos, principalmente o do mercado de valores no qual se registram oscilações mais amplas que de costume sem uma tendência definida no respetivo curso das cotações. O curso do índice geral do mercado de produtos naturais básicos também mostra certo nervosismo, mas neste caso, como se sabe, existe uma situação desafogada de suprimentos que desde há tempo vem reajustando os preços para níveis mais de acôrdo com a lei da oferta e procura.

No que diz respeito ao consumidor, essas alterações no panorama econômico da nação são ainda demasiado recentes para que se possa medir o efeito que terão em sua atitude, mas não seria ilógico pensar que, em ocasiões anteriores, o público sempre mostrou resistência ao movimento altista dos preços e que por consequência numa economia livre como a que projeta o novo Govêrno, os preços em última análise serão determinados pela lei da oferta e procura.

MERCADO DE CAFÉ: Neste mercado o fator dominante da semana continuou sendo a notável firmeza dos cafés brasileiros, tanto no mercado físico do produto como no têrmo. No que respeita aos cafés de outras procedências o resultado da solução da greve dos rebocadores do pôrto consistiu nalguns reajustamentos no mercado de disponíveis, mas a maior firmeza observada nos cafés para embarque foi geralmente atribuída aqui à subida nos cafés brasileiros.

Na Bolsa de Café e Açúcar de Nova York, as operações no Contrato "S" atingiram um bom volume, 556 lotes, cifra comparável com a da semana anterior à vista de que a semana em apreço apenas contou com quatro dias de negócios devido ao feriado de Lincoln Day. A tendência de firmeza manifestada e os ganhos líquidos para a semana foram substanciais, flutuando entre 57 e 59 pontos. Em contraste com as semanas anteriores e posição aberta expandiu-se e para esta manhã somava 2.046 lotes em comparação com 1.973 lotes na sexta-feira da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: A atividade no mercado físico do produto foi bastante notável e o interêsse dos importadores locais está confrontado pela ausência de pressão por parte dos países produtores. Isso deu o resultado de uma alta nos níveis de preços, os quais são como se segue no momento de se escrever a presente CARTA: cafés brasileiros, base Santos 4, de 52,25c/ para cima e Paraná 4, de 51,75c/ para cima; Excelso colombianos para embarque, de 56 a 56,25c/.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais			
	Semanas	Estados	Destinos Principais		
	terminadas em:	Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	7-2-1953	199.000	59.000	15.000	273.000
	31-1-1953	193.000	107.000	10.000	310.000
	9-2-1952	256.000	66.000	15.000	337.000
COLÔMBIA**	7-2-1953	62.909	9.014	4.066	75.989
	31-1-1953	93.660	11.153	4.837	109.650
	9-2-1952	112.991	1.165	3.296	117.452
	Dados Mensais				
BRASIL*	Janeiro, 1953(&) ...	788.000	429.000	52.000	1.269.000
	Dezembro, 1952	817.000	495.000	141.000	1.453.000
	Janeiro, 1952	871.000	617.000	116.000	1.604.000

COLÔMBIA**	Janeiro, 1953	396.223	37.870	14.069	448.162
	Dezembro, 1952	502.385	43.467	16.129	561.981
	Janeiro, 1952	422.933	36.010	14.369	473.312

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semana terminada em:		
	Portos	7-2-1953	31-1-1953	9-2-1952
BRASIL*	Santos	1.765.000	1.765.000	2.086.000
	Rio	293.000	300.000	635.000
	Vitória	25.000	37.000	112.000
	Paranaguá	1.761.000 a	1.827.000 b	943.000c
	Pernambuco	12.000	10.000	17.000
	Bahia	21.000	23.000	13.000
	Angra dos Reis	23.000	24.000	39.000
	TOTAL	**3.900.000**	**3.986.000**	**3.845.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	113.339	131.739	155.671
	Cartagena	71.573	74.971	88.826
	Buenaventura	181.911	144.583	102.135
	Cucuta	145.505	146.579	85.637
	TOTAL	**512.328**	**497.872**	**432.269**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
7-2-1953	51.924	112.955	102.709	267.588
31-1-1953	61.354	105.668	104.579	271.601
9-2-1952	112.307	89.527	70.217	272.051

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(a) Das quais 259.000 liberadas e 1.102.000 por liberar
(b) Das quais 210.000 liberadas e 1.217.000 por liberar
(c) Das quais 572.000 liberadas e 351.000 por liberar.

N.º 7 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 13 de Fevereiro de 1953

PAÍSES PRODUTORES

Colômbia: Da revista "Tea and Coffee", edição de Janeiro último, reproduz-se a seguinte nota sôbre a situação naquele país: "Esperam-se boas safras em Caldas, inclusive Quindio e Norte de Tolima, apesar das chuvas extraordinárias durante a época da florada, as quais invariàvelmente causam a queda da flor. Até 29 de Novembro, último dia do ano civil em que há registros oficiais, as exportações atingiram 4.412.475 sacas contra 4.189.852 sacas no mesmo período corres-

pondente a 1951. Até ao fim do ano, isto é 31 de Dezembro, devem-se recolher cêrca de um milhão adicional de sacas, fazendo subir a safra para 5.000.000 de sacas, no valor de $800.000.000 contra o valor de $740.000.000 para a safra do ano anterior. O consumo doméstico para o ano é calculado em umas 650.000 sacas".

ESTADOS UNIDOS

Café em lata: Da revista "Food Field Reporter", de 9 do corrente, reproduz-se a seguinte nota: "Uma emprêsa cafeeira de Broklyn declarou que as donas de casa reconhecem hoje em dia as marcas de café nas lojas pelo tamanho e formato das latas e não tanto pelo rótulo das mesmas. A emprêsa em questão vae lançar no mercado sua marca de café em latas de um novo tipo, acompanhadas de uma intensa campanha de propaganda pelo rádio e televisão".

EUROPA

Finlândia: Este país importou durante 1952 um total de 363.189 sacas de café, ou seja um aumento de 48% sôbre o total das importações em 1951, o qual foi apenas de 246.184 sacas. A seguir apresenta-se uma relação das importações de café naquele país desde 1949 para mostrar o aumento gradual no consumo de café pela população finlandesa:

1949	188.792	sacas
1950	248.651	"
1951	246.651	"
1952	363.189	"

ALEMANHA OCIDENTAL

Importações: No mês de Setembro último a Alemanha Ocidental importou .. 73.627 sacas de café cru, com cuja cifra as importações para os primeiros nove meses de 1952 sobem a 642.957 sacas em comparação com o total de 471.962 sacas importadas durante o mesmo período de 1951. A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessas importações, classificadas por país de origem e em sacas de 60 quilos:

País de origem	Janeiro-Setembro, 1952	Janeiro-Setembro, 1951
Brasil	334.157	156.637
Colômbia	155.817	136.532
Kênya e Uganda	55.072	49.498
Holanda	17.668	705
Indonésia	17.168	27.888
Costa Rica	15.725	12.397
O Salvador	9.940	1.122
Guatemala	7.223	3.257
Congo Belga	6.677	21.075
África Ocidental Portuguesa	3.593	20.000
Suiça	3.003	——
Tanganyika	2.990	4.427
México	2.955	7.405
Equador	1.908	2.462
África Ocidental Francesa	1.443	30
Venezuela	1.752	3.035
Outros Países	5.866	25.492
TOTAL	642.957	471.962

N.º 816 CARTA SEMANAL DO MERCADO 20 de Fevereiro de 1953

SITUAÇÃO GERAL: Os jornais durante a semana comentaram largamente sôbre a primeira entrevista concedida à imprensa pelo Presidente Eisenhower. O Presidente disse nessa entrevista que o assunto dos contrôles de preços estava ocupando a atenção do público à vista de que o Govêrno encontrava-se agora na tarefa de descontrolar a economia do país para que ela possa funcionar livremente de maneira a poder manter um alto nível de vida. Êle reiterou sua crença na atuação normal das leis econômicas — com muitos dos problemas relativos à produção bélica já solucionados — que deveriá manter os preços dentro de sua devida inter-relação. O Presidente acrescentou, porém, que se o Govêrno não suceder no objetivo que tem em vista, êle não perderia tempo em pedir ao Congresso as medidas que se julguem necessárias. Êle admite a hipótese de que alguns preços poderão subir ao passo que outros tenderão a baixar mas que, em qualquer caso, o país tem que ser libertado da ameaça contínua da intervenção do Govêrno.

Essa política, acrescentou o Presidente, constitue prova da sua confiança na honestidade e probidade dos dirigentes da indústria, do comércio, dos sindicatos operários e outros importantes grupos econômicos, pois êle está certo de que nenhum grupo vae se aproveitar dessas liberdades para criar crise econômicas que exijam, de novo, intervenção por parte dos poderes públicos, possìvelmente, outro sistema de contrôles. O Presidente concluiu dizendo que o problema dos controles econômicos estava em vias de solução mas seria uma grande desilusão para êle ter que desdizer e confessar que as medidas de descontrole não deram resultado e de que havia que restabelecer os referidos contrôles.

MERCADO DO CAFÉ: O notável movimento altista nos preços dos cafés brasileiros constituiu o acontecimento dominante da semana e o tópico principal das conversas na praça. A esse respeito ouve-se dizer que a razão para a extraordinária firmeza do café brasileiro consiste no otimismo sugerido pelo fato de que para 30 de Abril expirar a lei que regula os contrôles de preços sôbre o café cru.

Entrementes os níveis de preços dos cafés de outras procedências também melhoraram. A atividade no mercado foi pronunciada e ao que parece o interêsse dos torradores recaiu principalmente nos cafés para embarque, de vez que no caso de Colômbia, essa posição mostra mais firmeza que a de disponíveis.

No têrmo local o rítmo da atividade foi pronunciado, tendo sido negociados 7156 lotes, ou sejam 200 mais que na semana passada. As altas durante a semana foram as maiores que desde há tempo se registraram, variando entre 71 e 130 pontos no Contrato "S". Contudo, a-despeito de toda essa atividade, a posição aberta apenas mostra uma alteração de um lote no total existente. Para esta manhão essa cifra era de 2.045 lotes em comparação com 2.046 na sexta-feira da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: No que respeita aos preços do Brasil, FOB, as cotações flutuam ao redor de 52,75c/ para o Santos 4 e 52,35c/ para o Paraná 4. Como dissemos acima, o interêsse dos torradores está sobretudo concentrado nos cafés para embarque e, nesse sentido, a cotação que se menciona para os

cafés colombianos flutua entre 56-3/4c/ e 57c/, cêrca de 1/2c/ acima do preço para os disponíveis locais. Últimamente correu a notícia de que houve maior aumento na procura de cafés disponíveis fora de Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

Dados Semanais

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	14-2-1953	160.000	110.000	17.000	287.000
	7-2-1953	199.000	59.000	15.000	273.000
	16-2-1952	170.000	139.000	50.000	359.000
COLÔMBIA**	14-2-1953	81.852	18.643	1.931	102.426
	7-2-1953	62.909	9.014	4.066	75.989
	16-2-1952	81.632	5.682	2.962	90.276

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semana terminada em: 14-2-1953	7-2-1953	16-2-1952
BRASIL*	Santos	1.809.000	1.765.000	2.057.000
	Rio	246.000	293.000	676.000
	Vitória	12.000	25.000	103.000
	Paranaguá	1.717.000 a	1.761.000 b	883.000
	Pernambuco	11.000	12.000	13.000
	Bahia	19.000	21.000	13.000
	Angra dos Reis	17.000	23.000	42.000
	TOTAL	3.831.000	3.900.000	3.787.000
COLÔMBIA**	Barranquilla	140.023	113.339	153.856
	Cartagena	76.409	71.573	88.065
	Buenaventura	178.663	181.911	120.391
	Cucuta	144.750	145.505	85.637
	Total	539.845	512.328	447.949

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
14-2-1953	47.259	110.387	101.063	258.709
7-2-1953	51.924	112.955	102.709	267.588
16-2-1952	124.004	91.114	72.501	287.619

*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York

**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

a) das quais 743.000 liberadas e 774.000 por liberar.

b) das quais 659.000 liberadas e 1.102.000 por liberar.

c) das quais 552.000 liberadas e 331.000 por liberar.

N.º 816 SUPLEMENTO A CARTA SEMANAL 20 de Fevereiro, 1953

Para informação dos leitores, reproduz-se a seguir o discurso que o Sr. Edward Aborn, Presidente da National Coffee Association pronunciou perante a reunião do Conselho Diretor da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia em Bogotá, no dia 13 de Fevereiro último:

"Certamente é uma grande honra para mim assistir à presente reunião de tão ilustre associação. Os círculos cafeeiros nos Estados Unidos têm grande consideração pela Federação Cafeeira colombiana e eu, como Presidente da National Coffee Association, tenho grande prazer em discutir com os senhores nossos problemas comuns.

"Estão aqui representados os dois fortes braços da indústria cafeeira, braços que abrangem todo o mundo civilizado. Os senhores representam o setor da produção; êsse braço tem que ser forte e produtivo, para que o outro não se debilite e falhe. Por meu lado, represento o braço industrial que constitue todo o comércio cafeeiro dos Estados Unidos. E se êsse braço não é forte para distribuir e vender o produto a milhões de consumidores que podem comprá-lo, então o braço produtivo não passaria de um órgão inútil.

"Nos últimos anos a indústria cafeeira teve a sorte de contar com dois braços de fôrça comparável. O café que os senhores produzem temo-lo vendido a preços que há uns anos nem sequer se sonhava serem possíveis. Porém, se isso é uma condição muito satisfatória, considero que é óbvio que a indústria cafeeira encontra-se hoje numa encruzilhada em que se deve tomar uma decisão. E' agora que se deve decidir se já chegou a seu destino ou se atingiu a madureza de adulto.

"Na realidade, não é ùnicamente o fato de que nos encontramos numa situação em que se possa decidir isso. A verdade é que urge decidir qual vae ser sua condição no futuro. Todas as observações humanas levam à conclusão de que nada permanece estático neste mundo. Se é certo que chegamos ao ponto máximo como indústria, então deveremos considerar as consequências da descida inevitável. Se há muitos entre nós que aceitam — convencidos — que já chegamos à última etapa de nosso desenvolvimento, existe o perigo de que esta convicção se converta num fato...

"Neste mundo onde existe uma concorrência tão desenvolvida, a vitória pertence ao mais atrevido. E os argumentos do mais atrevido nos Estados Unidos baseiam-se em que o café pode-se vender em volume cada vez maior, sempre que os preços se mantenham dentro de limites razoáveis. Nos países produtores, êsses argumentos são fortalecidos pelo mecanismo mercantil altamente eficiente que existe nos Estados Unidos o qual pode vender fàcilmente o produto, neutralizando cada aumento na produção com nova procura.

"Se a maioria entre nós, em ambos campos, tivermos o atrevimento e a coragem de manter essa atitude, o café não entrará num período de gradual declíneo, mas continuará progredindo até atingir pontos até agora nunca ouvidos.

"Tenho absoluta certeza de que a maioria do comércio cafeeiro nos Estados Unidos crê nisso e sei que a maioria está traduzindo êsse pensamento na prática, todos os dias. Exemplo dessa confiança é o fato de que êste ano os torradores norte-americanos gastarão mais de cincoenta milhões de dólares em novas fábricas e maquinária. Foi essa mesma confiança no futuro de nosso produto que levou a diretoria da National Coffee Association a pedir-me que viajasse ao Brasil no verão passado e aceitar seu gentil convite para visitar Colômbia. Estando a produção e

consumo tão estreitamente equilibrados, preocupamos-nos com o problema da produção futura que necessitaremos para satisfazer a expansão do consumo e cremos que unicamente por meio de mútuo entendimento e mútua cooperação poderemos encontrar solução para êsses complexos problemas.

"Mas antes de nada, permitam que lhes fale um pouco acêrca da National Coffee Association, seus objetivos e as pessoas que realmente representam essa entidade. A National Coffee Association é uma associação comercial. Seus membros são os torradores, intermediários, vendedores por atacado e representantes dos exportadores estrangeiros. Essas pessoas manejam mais de 90% dos negócios de café nos Estados Unidos. Nossas atividades estão nas mãos de uma junta de 27 diretores e três funcionários. Êles representam todos os ramos da indústria e todas as regiões do país. Dessa forma qualquer declaração oficial da National Coffee Association reflete a opinião da indústria em conjunto. A associação não vende nem compra café nem está diretamente interessada nos preços do produto. Com efeito a lei proibe que se discutam, entre nós, os preços. À associação apenas interessa "o bem-estar geral da indústria em conjunto, o fomento e a expansão do consumo do café e vigiar constantemente contra qualquer desvio de caráter privado de nosso comércio livre.

"Sob todos os aspectos, a National Coffee Association tem tido enorme êxito. Talvez já pertença agora à história, mas creio que devam saber que durante a segunda guerra mundial foi a National Coffee Association que assegurou nos navios o espaço necessário para os embarques de café. A associação também obteve os recipientes necessários para a distribuição do café torrado aos consumidores e manteve a venda do produto fora das mãos do Govêrno para que continuasse por sua via regular o comércio de café e estabeleceu um sistema para adquirir café destinado às fôrças armadas dos Estados Unidos. A associação tinha a responsabilidade de manter intacta a indústria e saimos da guerra sem havermos perdido fôrça mas pelo contrário com maior vitalidade e mais unidos.

"Nosso esfôrço em tempo de paz dirige-se principalmente no sentido de expandir o consumo do produto e proteger a indústria. Trabalhamos muito estreitamente com o Bureau Pan-Americano do Café porque sabemos que o estímulo do Bureau, quando encontra o apôio dos torradores nos Estados Unidos, pode ter êxito tremendo. Além disso o Bureau é o único meio de propaganda para fomentar o consumo do café nos Estados Unidos como bebida, quando comparado com outros concorrentes como o leite, o chá, bebidas carbonatadas e a cerveja.

"Sendo tão aguda a concorrência nos Estados Unidos entre as várias marcas de café, o torrador individual não pode se dar ao luxo de fazer o que chamamos a propaganda geral ao café como bebida, pois necessita dêsse dinheiro para fomentar o consumo de sua própria marca de café.

"Creio que lhes interessará saber que, na opinião da National Coffee Association, o trabalho do Bureau é muito eficaz a-pesar de que essa entidade não está adequadamente financiada. Indubitàvelmente, uma das razões principais dêsse êxito é o excelente trabalho que Andrés Uribe na direção do Bureau. O comércio cafeeiro norte-americano respeita altamente o Sr. Uribe e a êle muito se deve o êxito conseguido no sentido de manter os assuntos do Bureau a um nível satisfatório e tão de acôrdo com os melhores interêsses do comércio cafeeiro das Américas. Colômbia pode estar muito orgulhosa com seu representante nos Estados Unidos.

"Deve-se lembrar que, em suas atividades de propaganda, o Bureau fala aos clientes dos torradores norte-americanos, os quais conhecem seu negócio e sabem que o tipo de propaganda produzirá resultados. Êles insistem portanto que a propaganda do Bureau seja executada com a cooperação da National Coffee Association. Dessa forma fica assegurado o apôio do comércio dos Estados Unidos e se estimulam os interêsses cafeeiros da melhor maneira.

"Temos grande esperança de que o futuro imediato das contribuições dos países produtores ao Bureau Pan-Americano do Café aumentem materialmente de seu nível atual, o que é extremamente baixo para o trabalho que tem a realizar. Quando se considera que o valor das importações norte-americanas de café está se aproximando a dois mil milhões de dólares por ano, ressalta à vista que uma verba de dois milhões de dólares por ano para a propaganda é excessivamente pequena e inadequada, particularmente quando se toma em conta as quantias que as indústrias concorrentes de cerveja e chá gastam com a sua propaganda.

"Creio que se fôsse aumentada a contribuição ao Bureau, para uma cifra que se aproximasse aos vinte ou trinta centavos por saca, o consumo dentro dos Estados Unidos poderá aumentar em dez milhões de sacas nos próximos dez anos. Êsse é um objetivo que vale bem a pena prosseguir e estou certo que todos compreendem que isso representa imenso para os paises produtores. Similarmente contribuirá indubitàvelmente para a manutenção da paz mundial ao criar esse enorme mercado adicional. "Para se obter tal objetivo" torna-se necessária a completa cooperação de todos os elementos da indústria cafeeira, Peço aos países produtores das Américas para que trabalhem juntos em harmonia e coordenem suas atividades com a indústria que representam.

"Como sabem acabo de passar dois dias no seu maravilhoso centro experimental de Chinchiná. Uma das cousas que mais me animou é o trabalho que a Federação está realizando sob a direção de seu ilustre gerente Sr. Manuel Mejia. E' evidente que a Colômbia está conseguindo progresso real para uma maior produção de café, de uma qualidade superior.

"Em Junho do ano passado visitei um centro experimental do Brasil, a estação de Campinas em São Paulo e observei o excelente trabalho alí realizado sob a direção do Dr. Krug. Nesse mesmo sentido trabalham também a Guatemala e Costa Rica e o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos trabalha, outrossim, ativamente nesse campo.

"Desejaria ùnicamente sugerir que todos os países produtores neste hemisfério desenvolvessem um plano para o intercâmbio completo de informações com o fim de que no futuro a nossa indústria seja melhor servida. Estou certo de que tal intercâmbio de informações contribuiria para que num futuro mais próximo se pudessem obter respostas para os problemas de uma produção adequada, proteção contra as doenças letais da árvore e contra os efeitos nocivos de uma repentina safra perdida.

"Também desejaria pedir aos países produtores para que unificassem seus métodos de fornecer estatísticas sôbre as exportações e a produção. A Secretaria de Estado dos Estados Unidos sugeriu essa medida a qual quando adotada trará consideráveis vantagens para todos. Os métodos atuais são tão variados que bem se poderia dizer que não existe hoje em dia um serviço dessa natureza para a maioria dos propósitos.

"Por meio da National Coffee Association o comércio de café dos Estados Unidos sabe que embora nossos interesses individuais nos coloquem em concor-

rência êsses interêsses são, contudo, melhor servidos quando trabalhamos unidos e cooperamos nos problemas que afetam a todos. Da mesma forma não podemos pensar que os produtores como um grupo tenha por único objetivo obter a maior quantidade possível de nossos dólares, nem podem os produtores olhar para nós como uma fôrça cujo único objeto é conseguir o melhor tratamento possível para ela.

"E' natural que sendo bons comerciantes os senhores sempre queiram um preço mais alto para o seu café e nós, que encontramos a resistência do consumidor, queremos sempre comprá-lo por um pouco menos. Tais diferenças em nossos objetivos são naturais e salutares. Sob todos os outros aspectos, nossos destinos estão unidos para sempre.

"Verdadeiro progresso só se conseguirá quando Colômbia, Brasil e os outros países produtores das Américas estejam trabalhando juntos e combinem seus esforços com a indústria dos Estados Unidos.

"Por ocasião da comemoração em Nova York dos primeiros vinte e cinco anos da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia e da exibição do filme magnífico dessa entidade mostrando os vários aspectos da produção de café, tive a oportunidade de fazer uma exposição, como Presidente da NCA, cujos termos foram por mim cuidadosamente considerados. Posso assegurar-lhes que as opiniões expressas no sentido de reconhecer o importante papel desempenhado pelo Sr. Manuel Mejia como gerente da Federação Nacional de Cafeeiros são as mesmas que tive a oportunidade de ouvir de todos os elementos do comércio de café que assistiram a essa reunião. Agora, durante a visita a êste país, tive a satisfação de comprovar que êsse trabalho do Sr. Manuel Mejia não se limita exclusivamente ao aspecto comercial da indústria, mas abrange tudo aquilo que se relaciona com o melhoramento das condições de vida do produtor, não só quanto à defesa de seus cafèzais como também de suas condições de habitação e outros aspectos essenciais para o melhoramento de suas condições de vida.

"Para concluir, senhores, apresento-lhes em nome de minha esposa e em meu nome nossos agradecimentos mais sinceros pela sua amabilidade e pelo convite para visitar seu maravilhoso país. Por tudo que fizeram, vamos regressar a casa cheios e felizes memórias de um povo magnífico."

N.º 14 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 20 de Fevereiro de 1953

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Do boletím da firma local George Gordon Paton & Co., de 13 do corrente, reproduz-se a seguinte nota: "Segundo informa o Instituto de Café do Brasil, os estoques disponíveis (para exportação, consumo nos portos e cabotagem) eram, em 31 de Janeiro último, de 7.568.000 sacas ou seja uma redução de 782.000 sacas durante o mês. Nesse total não está incluído a parte da safra 1952-53 ainda nos cafèzais. O referido Instituto informa também que 14.708.000 sacas de safra 1952-53 já foram encaminhadas aos portos de exportação. Dêsse total, 495.000 sacas sairam das plantações durante o mês de Janeiro último e 893.000 sacas durante Dezembro de 1952. A seguir apresenta-se um quadro descritivo da situação estatística naquele país:

Excedentes a 1 de Julho de 1952	2.956.014
Registradas para exportação até 31 de Janeiro de 1953	14.765.634 *
Estoques disponíveis "visíveis"	17.721.648

Menos, Exportações de Julho de 1952 a Jan. 1953 .	9.623.000	
MENOS: Consumo nos portos e cabotagem	531.000	10.154.000
Estoques visíveis a 31 de Janeiro de 1953		7.567.648

*) Inclue 57.634 sacas da safra 1951-52.

Colômbia: Do mesmo boletim transcreve-se a seguinte nota: "Uma delegação da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia foi a 18 do corrente para Costa Rica, El Salvador e México com o fim de se reunir alí com os cafeicultores dêsses países para estabelecer normas para um intercâmbio crescente de informações técnicas e científicas entre os países produtores de café suave. O Sr. Manuel Mejia, Gerente Geral da Federação chefia a referida delegação na qual toma parte também o Sr. Andrés Uribe, representante da referida Federação nos Estados Unidos. Acompanha a delegação um grupo de técnicos e cientistas."

AFRICA

Egito: Do boletim de George Gordon Paton & Company, reproduz-se a seguinte nota sôbre as importações de café naquele país: "As importações de café crú neste país continuaram diminuindo durante 1952. O total importado durante o ano em questão representa uma redução de uns 8% comparado com as importações de 1951. Das 81.415 sacas importadas em 1952, umas 46.864 procederam do Brasil ou sejam 58%. Na sua ordem de importância, os outros países que exportaram café para o Egito, durante 1952, foram:

Brasil	46.864	sacas
África Oriental Inglesa	20.774	
Aden	6.768	
Etiópia	4.543	
Yemen	1.473	
Inglaterra	741	
Somalia Francesa	252	
Total	81.415	

EUROPA:

França: Do boletim de Jacques Louis DeLamare do Havre, reproduz-se a seguinte nota sôbre a situação cafeeira naquele país: "A produção exportável de cafés africanos destinados a França calcula-se em 1.700.000 sacas. Diz-se que o acôrdo Franco-Brasileiro, para ser assinado brevemente, proporcionará a êsse país 900.000 sacas ao passo que a Colômbia, Haití, Venezuela e outros países deverão exportar para a França umas 250.000 sacas, de maneira que êsse país poderá receber, em 1953, uns 2.850.000 sacas.

Em 1952, cêrca de 59% do café importado na França veio das colônias e uns 41% de outros países. Em 1951 essas mesmas percentagens foram respectivamente: 57% e 43%. Depois de tomar em consideração o aumento registrado na população francesa em 1938, o consumo deveria exceder 3.500.000 de sacas. A razão porque êsse aumento não ocorreu devem-se a vários fatores aliás comuns a toda a Europa, entre os quais se deve mencionar a ausência total de propaganda ao produto."

N.º 817 CARTA SEMANAL DO MERCADO 27 de Fevereiro de 1953

SITUAÇÃO GERAL: O acontecimento da semana sôbre o qual mais se comentou neste país, foi a decisão tomada pelo Govêrno de reduzir de 75% para 50% a margem legal necessária para as operações na Bolsa de Valores. Isso quer dizer que doravante o dinheiro necessário para comprar ações naquêle mercado será apenas metade do valor, cobrindo o corretor os outros 50%. Essa medida, ideada para aumentar o volume de operações na Bolsa, deve ser também considerada antideflacionária e, sob êsse ponto de vista, ela assume importância pois mostra possivelmente um receio por parte do Govêrno de um movimento deflacionista.

Ao comentarem sôbre o assunto, os analistas exprimem a opinião de que o pensamento do Govêrno teria sido baseado em que existe agora grande concorrência entre os produtos e que ela será ainda maior com o tempo, fenômeno que poderia traduzir-se numa redução dos lucros e consequentemente em cotação mais baixas para as respectivas ações. A redução da margem no mercado de valores tenderia assim a criar uma procura maior para as respectivas ações que poderia servir de freio a qualquer movimento exagerado de oscilações e liquidações forçadas. Os analistas concluem dizendo que a nova medida do Govêrno deverá ser classificada como essencialmente prudente, de vez que a maioria das transações até agora têm sido em dinheiro e que portanto não deve haver receio de uma repetição do caso de 1929 quando as ações eram compradas e vendidas apenas com 10% em dinheiro.

MERCADO DE CAFÉ: Os cafés brasileiros, prosseguindo em seu movimento irresistível que dura há semanas, atingiram durante a semana em apreço o máximo permitido pela lei. Como resultado dêsse movimento altista, a procura por parte do comércio local concentrou-se sobretudo nos cafés de outras procedências cujas cotações adquiriram súbita firmeza. A forte estabilidade do mercado é tão pronunciada neste momento que a decisão do Governo de não suspender os controles sôbre o café não afetou o produto. Como é óbvio não se estranha o interêsse dos compradores nos cafés de outras procedências além do Brasil, à vista daqueles se encontrarem dois ou três centavos abaixo dos preços tetos.

No Contrato "S" da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York houve 596 operações, cifra que é de comparar com 756 lotes negociados na semana anterior. A presente semana, porém, contou apenas com 4 dias de negócios devido ao feriado de de George Washington. Os ganhos foram um tanto limitados pelos preços tetos, havendo flutuado entre 52 e 98 pontos segundo as posições, estando essas agora sem exceção ao máximo legal ou seja 55,78/c. A posição aberta expandiu-se sensìvelmente e para esta manhã era de 2.148 lotes, ou sejam 103 lotes mais que na semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: No que respeita aos cafés brasileiros, as cotações FOB estão pelo menos na base equivalente ao máximo legal aqui e êsse fato, naturalmente, limitou sensìvelmente a procura. Por outro lado e como se vê no quadro anexo sôbre o mercado local de disponíveis, a procura para os cafés de outras procedências foi muita ativa e resultou numa alta sensível nas cotações. Os Excelsos colombianos vende-se nesta praça a 58-1/4/c ao passo que os lotes para embarque chegaram até 58-5/8 /c base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	21-2-1953	224.000	83.000	8.000	315.000
	14-2-1953	160.000	110.000	17.000	287.000
	23-2-1952	170.000	149.000	6.000	325.000
COLÔMBIA**	21-2-1953	170 462	27 905	5 566	203 933
	14-2-1953	81.852	18.643	1.931	102.426
	23-2-1952	42.742	2.348	—	45.090

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 21-2-1953	14-2-1953	23-2-1952
BRASIL*	Santos	1.753.000	1.809.000	1.976.000
	Rio	241.000	246.000	660.000
	Vitória	14.000	12.000	104.000
	Paranaguá	a 1.625.000	b 1.717.000	c 858.000
	Pernambuco	9.000	11.000	11.000
	Bahia	18.000	19.000	13.000
	Angra dos Reis	18.000	17.000	23.000
	Total	3.678.000	3.831.000	3.645.000
COLÔMBIA**	Barranquilla	122.643	140.023	180.285
	Cartagena	67.288	76.409	89.885
	Buenaventura	121.139	178.663	160.432
	Cucuta	145.225	144.750	85.637
	Total	456.295	539.845	516.239

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Semana de:	Países de origem (sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
21-2-1953	48.718	115.709	84.354	248.781
14-2-1953	47.259	110.387	101.063	258.709
23-2-1952	131.455	95.759	81.569	308.783

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO:*

Safra	Janeiro, 1953	Dezembro, 1952	Janeiro, 1952
1950-51	—	—	2.000
1951-52	2.000	2.000	3.088.000
1952-53	2.701.000	3.166.000	—
	2.703.000	3.168.000	3.090.000

Despachos por estrada de ferro durante 1 de Julho de 1952 a 31 de Janeiro de 1953 para:

Santos	6.714.000
Rio	387.000
Angra dos Reis	25.000
Outros(&)	601.000
	7.727.000

*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
a) das quais 729.000 liberadas e 896.000 por liberar.
b) das quais 743.000 liberadas e 974.000 por liberar.
c) das quais 625.000 liberadas e 233.000 por liberar.
&) Inclue sacas de Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Do boletim semanal "Notícias", de 17 do corrente, reproduz-se a seguinte nota sôbre a irrigação naquele país: "O Ministro da Agricultura brasileiro declarou que a produção de café em São Paulo poderia aumentar em 2.500.000 sacas adicionais por ano se um sistema racional de irrigação fôsse geralmente adotado em todas as regiões produtoras. O Ministro explicou que a maior parte dos lavradores podem financiar individualmente o material para irrigação, mas que têm de ser importados motores e máquinas pesadas de alta capacidade, cujo valor sobe a uns quarenta milhões de dólares. O Presidente Vargas recebeu do Ministro o pedido para colocar o problema nas mãos da Comissão Econômica Brasil-Estados Unidos, afim de que seja devidamente estudado. Se o projeto proposto pelo Ministro chegar a ser aprovado, o Brasil terá de solicitar um crédito para a compra de equipamento ao Export-Import Bank ou ao World Bank."

Cuba: De uma circular da Associação Nacional de Cafeicultores reproduz-se o seguinte: "Os pontos mais salientes tratados na Assembléia Nacional realizada em Santiago de Cuba no passado domingo, dia 15, foi sem dúvida os que se referem ao pedido feito ao Govêrno de que se fixe aos cafeicultores uma quota obrigatória de 3% do valor do preço mínimo que tenha o café a partir da safra 1953-54, para ser destinada à criação de um fundo de estabilização do café."

O Salvador: Segundo informa a imprensa local, o Ministro de Agricultura de Costa Rica em declarações feitas à imprensa recentemente disse que, como chefe da delegação de seu país na próxima reunião de Ministros de Agricultura, colocará a necessidade de centralizar os estudos que vem realizando separadamente os países pertencentes à Federação (FEDECAME) destinados a controlar as doenças que afetam os cafèzais.

Costa Rica: A filial de FEDECAME nesse país informa que produziu uma película sôbre a indústria de café naquele país sob o título "O Café, Grão de Ouro em Costa Rica". Tem legendas em espanhol e inglês pois o filme em questão será exibido tanto nos Estados Unidos como nos países compradores de café de Costa Rica.

Equador: Do boletim oficial do Instituto de Café de Jipijapa, reproduz-se a seguinte nota: "O Instituto Equatoriano do Café está progredindo lenta mas seguramente e com o tempo deverá tornar-se num organismo de interêsse nacional. Os resultados conseguidos são excelentes até a data. O Instituto tem dedicado sua atenção ao incremento da cultura de café, ao progresso técnico no melhoramento do café exportável e das safras em geral. Para o aumento da cafeicultura o Instituto já classificou uma enorme quantidade de pedidos dos lavradores sobretudo da Província de Manabí, no valor de um milhão oitocentos mil sucres, distribuindo em quantias pequenas entre o maior número de lavradores aquele total. Essa democratização do crédito, concedido a longo prazo através do Banco de Fomento, deverá contribuir para a melhoria gradual do nível de vida do lavrador equatoriano."

ESTADOS UNIDOS

Consumo: Do boletim de George Gordon Paton & Co., desta cidade, reproduz-se a seguinte nota sôbre o consumo de café neste país: "Nossos estudos preliminares acêrca do consumo de café pela população civil dos Estados Unidos durante o ano 1952, indicam que houve um aumento geral nesse consumo de 405.034 sacas (na base de café crú), ou seja um aumento de 2,1% aproximadamente, apesar de que os preços do café torrado mantiveram-se ao mesmo nível de 1951. O consumo per capita também aumentou — de acôrdo com nossos cálculos — de 16,78 lbs. por pessoa em 1951 para 16,91 lbs. em 1952, ou seja um aumento de 8/10 de 1%."

EUROPA

Holanda: O mesmo boletim informa que no ano civil de 1952 êsse país importou 327.025 sacas de café cru ou seja uns 16% mais que as importações de 1951. O café importado pela Holanda durante 1952 veio na sua maioria dos seguintes países: Brasil, Angola, Indonésia, Colômbia, Kenya e Uganda, Bélgica-Luxemburgo, Congo Belga, Guatemala, Portugal, Costa Rica e Inglaterra. O Congo Belga, que em 1950 exportou para a Holanda 79.005 sacas (excedido unicamente por Brasil e Angola) em 1952 sòmente exportou para o referido país 4.359 sacas."

O PRECEITO DO DIA

FEBRE TÍFICA E MOSCAS

As moscas podem transportar, das dejeções e secreções dos doentes para os alimentos e objetos, o germe da febre tífica. Por isso é preciso destruí-las ou, pelo menos, impedir seu contacto com alimentos, vasilhames e outros objetos de uso doméstico.

No combate à febre tífica, o extermínio das moscas é medida particularmente útil. — SNES.

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XIX — São Paulo, 13 de Março de 1953 — N.º 326

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1952/1953
CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	julho/jan.º	1.ª dezena fevereiro	2.ª dezena fevereiro	3.ª dezena fevereiro	Totais
Santos a Jundiaí	59 329	—	—	—	59 329
Sorocabana	1 208 279	3 093	2 233	4 408	1 218 013
Paulista	2 428 313	1 100	2 714	3 401	2 435 528
Mogiana	408 182	1 209	344	1 684	411 419
Araraquara	1 352 126	1 147	140	1 256	1 354 669
N. do Brasil	1 253 558	461	—	420	1 254 439
C. do Brasil	—	—	—	—	—
E. Rodagem	2 977	—	—	—	2 977
Total	**6 713 964**	**7 010**	**5 431**	**11 169**	**6 736 374**

Nota: — Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.
Não foram recebidos os dados da 3.ª dezena de fevereiro da Estrada de Ferro Central do Brasil.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviario	Rodoviário	
Julho/jan.º	111 917	275 163	1 210	23 763	412 053
1.ª dez. fev.º	1 537	3 569	—	—	5 106
2.ª " "	800	584	—	—	1 384
3.ª " "	—	120	—	—	120
Total	**114 254**	**279 436**	**1 210**	**23 763**	**418 663**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho/jan.º	1.ª dezena fevereiro	2.ª dezena fevereiro	3.ª dezena fevereiro	Totais
Paraná	** 483 010	6 600	4 800	500	494 910
Minas Gerais	106 358	—	2 376	* 28	108 762
Goiás	35 584	—	—	—	35 584
Mato Grosso	1 850	—	—	—	1 850
Total	**626 802**	**6 600**	**7 176**	**528**	**641 106**

(*) — Incompletos
(**) — E.F.P.S.C. dados retirados de acôrdo com as informações prestadas pela E.F.C.

MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1952/1953 — (ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1953)

Paulista	Despachado	Destino Alterado e Cancelado Apreendido	Total	Liberado	A liberar
Anteriores	3 550 084	330	3 549 754	3 549 754	—
3.ª Dez. Agôsto	851 406	—	851 406	851 406	—
1.ª " Setembro	604 789	—	604 789	350 221	254 568
2.ª " "	488 655	430	488 225	—	488 225
3.ª " "	357 168	1 360	355 808	* 201	355 607
1.ª " Outubro	238 751	4 995	233 756	—	233 756
2.ª " "	153 930	1 058	152 872	—	152 872
3.ª " "	155 018	3 230	151 788	—	151 788
1.ª " Novembro	67 092	1 958	65 134	—	65 134
2.ª " "	63 805	2 440	61 365	—	61 365
3.ª " "	50 376	716	49 660	* 30	49 630
1.ª " Dezembro	40 412	592	39 820	—	39 820
2.ª " "	29 696	—	29 696	—	29 696
3.ª " "	17 112	—	17 112	—	17 112
1.ª " Janeiro	5 836	—	5 836	—	5 836
2.ª " "	17 680	—	17 680	—	17 680
3.ª " "	10 251	—	10 251	* 5	10 246
1.ª " Fevereiro	7 010	—	7 010	—	7 010
2.ª " "	5 431	—	5 431	—	5 431
3.ª " "	11 169	—	11 169	—	11 169
Total	**6 725 671**	**17 109**	**6 708 562**	**4 751 617**	**1 956 945**
Despolpado	7 726	—	7 726	7 726	—
Rodoviário	2 977	828	2 149	—	2 149
Total Geral	**6 736 374**	**17 937**	**6 718 437**	**4 759 343**	**1 959 094**
(Outros Estados (até 28 de Fev.º)					
Paranaense	494 910	—	494 910	297 630	197 280
Mineiro	108 762	—	108 762	82 797	25 965
Goiano	35 584	—	35 584	30 921	4 663
Matogrossense	1 850	—	1 850	1 850	—
Total	**641 106**	**—**	**641 106**	**413 198**	**227 908**

(*) — Trânsito Especial

Destino Alterado p/"Interior e Capital"	3 579	
Apreendido	12 930	
Cancelado	1 428	17 937

SAFRA 50/51 — Por liberar (dependendo de Ação Judicial — 1 080 scs.)
SAFRA 51/52 — Apreendido — 1 000 scs.
ESTA PUBLICAÇÃO RETIFICA AS ANTERIORES.

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE FEVEREIRO DE 1953

VIAS	PROCEDÊNCIAS							
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Paraná	Bahia	Goiás	TOTAL
E. F. C. do Brasil	6.685	300	—	—	—	—	—	6.985
E. F. Leopoldina	—	15.278	2.443	4.769	—	—	—	22.490
Regulador	—	—	—	4.517	—	—	—	4.517
Rodoviário	23.775	86.481	10.077	20.507	37.498	1.970	2.965	183.273
T O T A L:	**30.460**	**102.059**	**12.520**	**29.798**	**37.498**	**1.970**	**2.965**	**217.265**

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE FEVEREIRO E SAFRA 1952/53

MESES	ENTRADAS	EMBARQUES
1952		
julho	94.641	175.548
agôsto	181.972	216.216
setembro	332.318	304.910
1.º trimestre:	**608.931**	**696.674**
outubro	379.395	318.296
dezembro	401.005	323.143
dezembro	335.046	346.744
2.º trimestre:	**1.115.446**	**988.183**
1.º semestre:	**1.724.377**	**1.684.857**
1953		
janeiro	251.884	204.160
fevereiro	217.265	226.602

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE FEVEREIRO DE 1953

CONTINENTES:	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	4.815	
	Áustria	2.482	
	Bélgica	5.137	
	Dinamarca	3.980	
	Finlândia	26.378	
	França	22.869	
	Grã-Bretanha	1.175	
	Holanda	13.625	
	Islândia	625	
	Itália	1.364	
	Iugoslávia	598	
	Suécia	1.500	
	Tchecoslováquia	3.050	
	Trieste	242	
	Turquia	8.512	96.352
AMÉRICA DO NORTE:	Canadá	1.300	
	Estados Unidos	95.557	96.857
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	5.581	
	Chile	2.200	
	Uruguai	2.245	10.026
ÁFRICA:	Egito	750	
	Sudoeste Africano	25	
	União Sul Africana	2.805	3.580
ÁSIA:	Chipre	700	
	Iraque	833	
	Líbano	5.024	
	Síria	1.245	
	Transjordânia	7.329	
	Turquia	4.479	19.610
	Total p/ o exterior: ..		**226.425**
CABOTAGEM:	Norte		
	Sul	77	
		100	177
	TOTAL GERAL:		**226.602**

Consumo de bordo 7 sacas.

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1952/53

MÊSES	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total	Embarques	Despachos	Café retirado do estoque	Encontradas a — na verf. do estoque	Existência
Julho	632 319	6 205	616	45 903	—	685 043	706 464	709 572	5 890	266 598	1 747 763
Agôsto	771 189	350	3 030	22 345	—	796 914	834 265	828 265	4 796	—	1 705 616
Setembro ..	882 249	5 126	4 080	28 265	—	919 720	847 586	851 565	2 714	—	1 775 036
Outubro ...	689 735	37 912	15 216	32 928	400	776 191	663 709	704 219	1 905	—	1 885 613
Novembro .	545 909	10 397	6 595	37 828	—	601 229	646 000	601 601	45 332	—	1 795 510
Dezembro .	718 644	9 892	1 500	64 123	950	795 109	696 857	681 473	21 907	—	1 871 855
1953											
Janeiro ...	463 386	7 618	—	59 015	500	530 519	598 182	602 220	40 543	—	1 763 649
Fevereiro .	517 872	10 790	500	46 530	—	575 692	575 868	624 774	1 721	—	1 761 752
Total	**5 221 303**	**88 790**	**31 537**	**336 937**	**1 850**	**5 680 417**	**5 568 931**	**5 603 607**	**124 808**	**266 598**	—

COTAÇÕES DE CAFÉ NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

FEVEREIRO DE 1953

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Tipo 4 s/descrição	Tipo 7	Tipo 7
2	195 00	193 50	192 00	176 00	155 30
3	195 00	193 50	192 00	176 00	155 50
4	195 00	193 50	192 00	176 00	155 00
5	196 00	194 00	192 50	176 00	155 00
6	196 00	194 00	192 50	176 00	155 50
9	197 00	195 00	193 50	177 00	156 30
10	197 00	195 00	193 50	177 00	158 20
11	197 00	195 00	193 50	177 00	158 40
12	198 00	196 00	194 50	177 00	158 80
13	199 00	197 00	195 50	177 50	159 20
18	199 00	197 00	195 50	—	—
19	200 00	198 00	196 50	178 50	159 80
20	200 00	198 00	196 50	178 50	159 50
23	202 00	200 00	198 00	178 50	159 60
24	204 00	202 00	200 00	180 00	159 70
25	206 00	204 00	202 00	181 00	160 50
26	206 00	204 00	202 00	181 00	160 50
27	206 00	204 00	202 00	180 00	160 50
Média	**199 33**	**197 42**	**195 75**	**177 82**	**158 08**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

FEVEREIRO DE 1953

(Em cents por libra de 453,60 gr)

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 4	Tipo 7
2	53 50	53 25	55 00	54 00	—	45 75
3	53 50	53 25	55 00	54 00	—	45 75
4	53 50	53 25	55 00	54 00	—	45 75
5	54 00	53 75	55 50	54 00	—	45 75
6	54 00	53 75	55 50	54 50	—	46 00
9	54 00	53 75	55 50	54 50	—	46 00
10	54 00	53 75	54 50	54 50	—	46 00
11	54 00	53 75	55 75	54 75	—	46 00
13	54 00	53 75	55 75	54 75	—	46 00
16	54 25	54 00	56 00	55 00	—	46 00
17	54 25	54 00	56 00	55 00	—	46 00
18	54 25	54 00	56 00	55 00	—	46 00
19	54 50	54 00	56 25	55 25	—	46 25
20	54 50	54 00	56 37	55 37	—	46 25
24	54 75	54 25	56 78	55 78	—	46 50
25	54 75	54 25	56 78	55 78	—	46 50
26	54 75	54 25	56 78	55 78	—	46 50
27	54 75	54 25	56 78	55 78	—	46 50
Média	**54 18**	**53 85**	**55 90**	**54 87**	**—**	**46 06**

MOVIMENTO DE CAF

FEVER

DIA	ENTRADAS					
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Bahia	Goiás
2	—	5 373	2 176	—	—	
3	7 018	2 486	—	—	—	
4	—	13 421	500	—	750	
5	—	5 776	—	—	—	
6	3 130	4 152	692	—	—	
7	—	—	—	—	—	
9	—	3 424	1 826	—	—	
10	—	2 313	2 124	8 128	—	
11	—	5 351	—	—	—	
12	8 028	6 471	—	—	—	
13	—	6 546	153	—	—	2 9(
14	—	—	—	—	—	
18	—	5 866	—	—	—	
19	—	6 451	4 595	—	—	
20	—	—	—	—	—	
21	—	—	—	—	—	
23	—	14 583	—	—	—	
24	12 284	—	—	—	—	
25	—	910	454	11 353	—	
26	—	13 455	—	—	—	
27	—	5 381	—	10 302	1 220	
28	—	—	—	—	—	
TOTAL	30 460	102 059	12 520	29 793	1 970	2 9

É NO RIO DE JANEIRO

EIRO DE 1953

			EMBARQUES					
	Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Retirado do mercado	Consumo local	Existência
—	—	7 549	2 005	—	2 005	38	—	282 878
—	—	9 504	125	—	125	—	—	292 257
—	4 025	18 046	14 953	—	14 953	—	—	295 350
—	—	6 526	5 000	—	5 000	—	—	296 876
—	—	7 979	18 936	52	18 988	—	—	285 862
—	—	—	32 370	—	32 370	—	—	253 492
—	6 880	12 130	12 444	—	12 444	—	—	253 178
—	—	12 575	3 331	—	3 331	—	—	262 422
—	3 571	8 922	8 061	25	8 086	—	—	263 258
—	—	14 499	11 826	—	11 826	—	—	265 931
35	—	9 664	5 305	—	5 305	—	—	270 290
—	—	—	18 480	—	18 480	115	20 000	231 695
—	2 810	12 676	4 469	—	4 469	—	—	239 902
—	—	11 046	9 696	100	9 796	—	—	241 152
—	6 897	6 897	1 500	—	1 500	—	—	246 549
—	—	—	2 850	—	2 850	—	—	243 699
—	—	14 583	22 605	—	22 605	—	—	235 677
—	—	12 284	13 256	—	13 256	—	—	234 705
—	9 315	22 032	7 808	—	7 808	—	—	248 929
—	—	13 455	5 500	—	5 500	—	—	256 884
—	—	16 903	18 087	—	18 087	—	—	255 700
—	—	—	7 818	—	7 818	100	20 000	227 782
65	**37 498**	**217 265**	**226 425**	**177**	**226 626**	[illegible]	**40 000**	—

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Fevereiro de 1953

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS 7	14	21	28	MÉDIA
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 55 3/8	(2) 55 3/8	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	55 15/16
Armenia	(2) 55 3/8	(2) 55 3/8	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	55 15/16
Manizales	(2) 55 3/8	(2) 55 3/8	(2) 56 1/2	(2) 56 1/2	55 15/16
Cucuta	(2) 55 1/8	(2) 55 1/8	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	55 11/16
Bogotá	(2) 55 1/8	(2) 55 1/8	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	55 11/16
Tolima	(2) 55 1/8	(2) 55 1/8	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	55 11/16
Ocana	(2) 55 1/8	(2) 55 1/8	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	55 11/16
COSTA RICA:					
Duro	(§) 56 00	(§) 56 00	(%) 57 1/4	(%) 57 1/4	56 5/8
Atlântico Fino	(§) 55 3/4	(§) 55 3/4	(%) 57 00	(%) 57 00	56 3/8
EQUADOR:					
Lavado	(2) 54 00	(2) 54 00	(6) 55 00	(6) 55 00	54 1/2
Extra não lavado	(2) 48 00	(2) 48 00	(2) 48 1/4	(2) 48 1/4	48 1/8
GUATEMALA:					
Antigua	(§) 56 1/2	(§) 56 1/2	(%) 58 00	(%) 58 00	57 1/4
Extra primeira	(§) 55 1/2	(§) 55 1/2	(%) 57 00	(%) 57 00	56 1/4
Lavado bom	n/cot	n/cot	(%) 55 3/4	(%) 55 3/4	55 3/4
Bourbon	n/cot	n/cot	(%) 55 00	(%) 55 00	55 00
HAITÍ:					
Lavado bom mole ..	(2) 54 00	(2) 54 00	n/cot	n/cot	54 00
Catado à mão	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(6) 53 1/2	(6) 53 1/2	52 7/8
HONDURAS:					
Lavado bom	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 00	55 00
Tipo 5 - Comum duro	(6) 48 00	(6) 48 00	(6) 48 1/2	(6) 48 00	48 1/8
MÉXICO:					
Coatepec	(%) 54 3/8	(%) 54 3/8	(6) 55 00	(6) 55 00	54 11/16
Tapachula primeira ..	(%) 54 1/8	(%) 54 1/8	(6) 54 3/4	(6) 54 3/4	54 3/8
Maragogipe					

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Fevereiro de 1953

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS 7	14	21	28	MÉDIA
NICARÁGUA:					
Matagalpa	(§) 52 1/4	(§) 52 1/4	(%) 55 3/8	(%) 55 3/8	55 13/16
Lavado primeira	54 00	54 00	(%) 54 3/4	(%) 54 3/4	54 3/8
EL SALVADOR:					
Lavado	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 1/2
Não lavado					
SÃO DOMINGOS:					
Lavado bom mole ...	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(2) 54 00	(2) 54 00	53 1/8
Fino	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	54 00
VENEZUELA:					
Maracaibo	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	54 1/4
Trujillo					
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 1/4
Natural robusta	(6) 42 00	(6) 42 00	(6) 43 1/2	(6) 43 1/2	42 3/4
MOCA:					
Moca (Arábia)	(6) 59 00	(6) 59 00	(6) 59 00	(6) 59 00	59 00
N.E.I.					
Genuino Java Lavado	(6) 68 00	(6) 68 00	(6) 68 00	(6) 68 00	68 00
Lavado robusta					
Natural Java robusta					
UGANDA:					
Lavado	(6) 43 1/2	(6) 43 1/2	(6) 44 1/2	(6) 44 1/2	44 00

INDICAÇÕES: 1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
2) Desembarcado à vista líquido
3) Disponível
4) F.O.B. (Nova York)
5) F.O.B. País de procedência
6) Nominal

(§) Embarque em Fevereiro
(%) Embarque em Fevereiro e Março.

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Contrato "S"

FEVEREIRO DE 1953

DIAS	MARÇO		MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
2	53 50	53 67	53 35	53 55	53 10	53 29	52 55	52 77	51 99	52 21
3	53 65	53 76	53 58	53 65	53 30	53 45	52 80	52 85	52 27	52 31
4	53 70	53 94	53 60	53 79	53 40	53 59	53 93	53 04	52 38	52 49
5	53 95	53 98	53 80	53 87	53 71	53 71	53 20	53 11	52 60	52 61
6	53 90	54 05	53 36	53 98	53 90	53 86	53 12	53 21	52 81	52 83
9	54 55	54 39	54 46	54 36	54 38	54 33	53 75	53 71	53 37	53 34
10	54 33	54 25	54 23	54 17	54 15	54 10	53 50	53 42	53 05	53 10
11	54 43	54 55	54 37	54 52	54 21	54 47	53 55	53 88	53 30	53 51
13	55 00	54 64	54 85	54 70	54 65	54 54	54 00	54 02	53 94	53 75
16	54 75	55 18	54 88	55 21	54 70	55 15	54 20	54 85	53 91	54 50
17	55 30	55 25	55 29	55 21	55 16	55 15	54 80	54 85	54 50	54 53
18	55 00	55 30	55 10	55 25	55 05	55 25	54 75	55 00	54 52	54 75
19	55 30	55 26	55 35	55 24	25 35	55 20	55 25	55 00	55 00	54 80
20	55 25	55 65	55 24	55 58	55 22	55 51	54 92	55 25	54 75	55 02
24	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78
25	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 65
26	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 65	55 78	55 60	55 78
27	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78	55 78
Média	**54 76**	**54 83**	**54 70**	**54 79**	**54 63**	**54 70**	**54 24**	**54 34**	**53 96**	**54 04**

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

VALOR DAS DIVERSAS MOÊDAS EM DOLAR — FEVEREIRO DE 1953

DIA	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires peso	Montevidéo peso	Paris frc. livre	Berna frc. livre	Stockolmo corôa	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdam guilder
1	2,81 15/16	1,03 1/16	0,05 46	0,07 25	0,36 37	0,0028 5/8	0,22 31 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 1/8	0,26 30
2	2,81 15/16	1,02 13/16	0,05 46	0,07 25	0,36 37	0,0028 5/8	0,22 31 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 7/8	0,26 30
4	2,81 15/16	1,02 1/2	0,05 46	0,07 25	0,36 38	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 7/8	0,26 31
5	2,82 00	1,02 9/16	0,05 46	0,07 25	0,36 38	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 7/8	0,26 31
6	2,82 00	1,02 5/8	0,05 46	0,07 25	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 7/8	0,26 30
9	2,82 00	1,02 9/16	0,05 46	0,07 25	0,36 25	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 7/8	0,26 28
10	2,82 00	1,02 9/16	0,05 46	0,07 25	0,36 37	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 7/8	0,26 28
11	2,82 00	1,02 9/16	0,05 46	0,07 25	0,36 37	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 7/8	0,26 26
13	2,81 15/16	1,02 3/8	0,05 46	0,07 25	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0199 7/8	0,26 25
16	2,81 7/8	1,02 5/16	0,05 46	0,07 22	0,36 12	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 28
17	2,81 15/16	1,02 5/16	0,05 46	0,07 22	0,36 25	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0200 00	0,26 28
18	2,81 15/16	1,02 1/8	0,05 46	0,07 25	0,36 25	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0200 1/8	0,26 28
19	2,82 00	1,02 00	0,05 46	0,07 22	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 33	0,03 48 1/2	0,0200 00	0,26 30
20	2,81 15/16	1,02 1/6	0,05 46	0,07 22	0,36 25	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 33	0,03 48 1/2	0,0200 00	0,26 28
24	2,82 1/16	1,02 00	0,02 63	0,07 25	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 33	0,03 49 00	0,0200 00	0,26 28
25	2,82 1/16	1,01 7/8	0,02 63	0,07 25	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 33	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 28
26	2,82 00	1,01 5/8	0,02 63	0,07 25	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 33	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 32
27	2,82 00	1,01 11/16	0,02 63	0,07 25	0,36 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 33	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 34
Média	**2,81 31/32**	**1,02 5/16**	**0,04 83**	**0,07 24**	**0,36 38**	**0,0028 5/8**	**0,23 32 25/32**	**0,19 34**	**0,03 49 3/16**	**0,0199 55/64**	**0,26 29**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

FEVEREIRO DE 1953

DIA	Londres Libra	Nova York Dólar	Suiça Frc.	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Coróa	Holanda Florin
2	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
3	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,80 73	3,62 09	—
4	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
5	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
6	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,79 49	3,62 09	—
7	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,77 03	3,62 09	4,91 96
9	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,77 83	3,62 09	—
10	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,78 22	3,62 09	—
11	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,83 21	3,62 09	—
12	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,80 97	3,62 09	—
13	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,80 73	3,62 09	—
14	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,80 77	3,62 09	—
18	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,80 77	3,62 09	—
19	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,79 49	3,62 09	—
20	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,78 88	3,62 09	—
21	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,79 49	3,62 09	—
23	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,81 49	3,62 09	—
24	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
25	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,83 21	3,62 09	—
26	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,80 73	3,62 09	—
27	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,81 93	3,62 09	—
28	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
Média	**52 41 60**	**18,72 00**	**4,40 08**	**0,65 72**	**1,34 48**	**6,80 59**	**3,62 09**	**4,91 96**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

FEVEREIRO DE 1953

DIA	Londres Libra	Nova York Dólar	Suiça Frc.	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Coróa	Holanda Florin
2	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,58 79	3,55 51	—
3	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,57 60	3,55 51	—
4	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
5	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
6	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,56 43	3,55 51	—
7	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,54 09	3,55 51	—
9	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,54 09	3,55 51	4,83 03
10	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,55 84	3,55 51	—
11	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,39 96	3,55 51	—
12	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
13	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,57 60	3,55 51	—
14	51,46 40	18,38 00	4.28 62	0,63 64	1,31 76	6,57 43	3,55 51	—
18	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,56 43	3,55 51	—
19	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,56 43	3,55 51	—
20	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,55 84	3,55 51	—
21	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,56 43	3,55 51	—
23	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,56 43	3,55 51	—
24	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
25	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,59 96	3,55 51	—
26	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,57 60	3,55 51	—
27	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0.63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
28	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0.63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,28 57**	**0,63 64**	**1,31 76**	**6,56 57**	**3,55 51**	**4,83 03**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de JANEIRO DE 1953

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Argentina	Portugal	Bélgica	França
3	—	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	0,0535
5	52,4160	18,72	—	—	—	4,4015	—	—	—	—	0,6572	—	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	4,9308	4,3995	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	—	4,4005	—	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
9	52,4160	18,72	—	6,8446	—	4,3995	—	—	—	—	0,6572	—	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	—	4,4005	—	2,7353	—	—	—	—	0,0535
12	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	—	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
14	52,4160	18,72	—	—	—	4,4034	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
15	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
16	52,4160	18,72	—	—	—	4,4005	—	—	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
17	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	—	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	19,28	6,8824	—	4,3577	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
21	52,4160	18,72	—	6,8824	4,9193	4,3987	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
22	52,4160	18,72	—	6,7949	4,8320	4,3986	3,6209	2,7353	—	1,3448	—	0,3778	0,0535
23	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	0,6572	—	0,0535
26	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	—	0,3778	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	—	—	—	—	—	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	4,9177	—	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
30	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
31	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**19,28**	**6,8510**	**4,8999**	**4,3960**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**1,3448**	**0,6572**	**0,3778**	**0,0535**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Bôa Vista, 245 — 3º Andar
— Fones, 32-8357 e 33-1432 —
R. PASTORE — AGENTE AUTORIZADO: NEWTON FEITOZA

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)....	1 página,	Cr.$2.000,00
Página de texto	1 "	Cr.$1.500,00
" " "	½ "	Cr.$ 800,00
" " "	¼ "	Cr.$ 500,00

——— Os agentes autorizados são portadores de apresentação ———

— AVISOS —

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

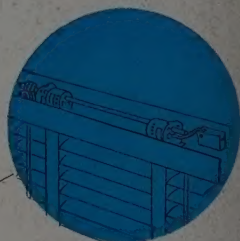
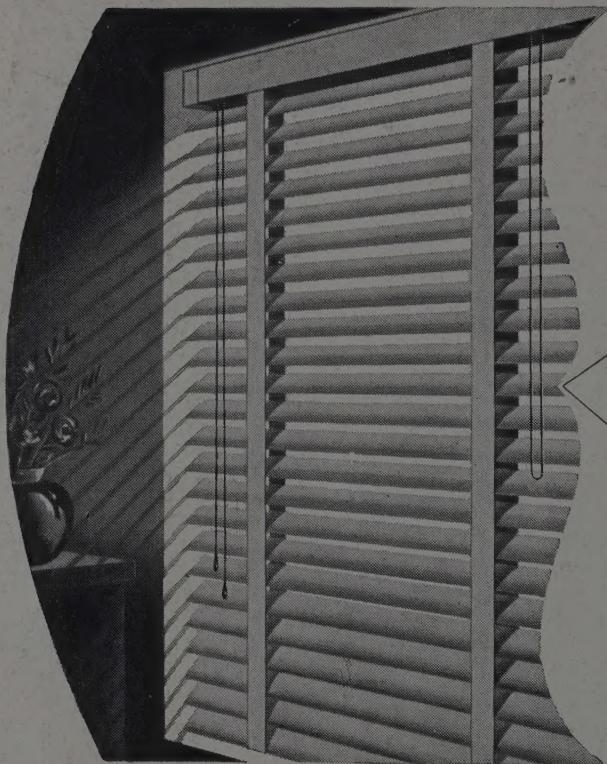
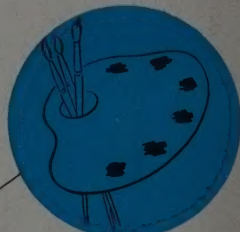
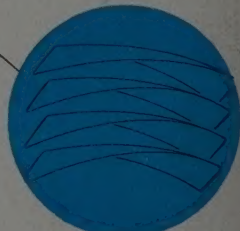
São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já vi" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
"Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de enderêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulc

Ao adquirir persianas, observe em primeiro lugar a sua qualidade! SUNLIGHT emprega em seu fabrico materiais rigorosamente selecionados.

As persianas SUNLIGHT possuem um novo processo, pois a feitura de seu estôjo INTEIRAMENTE DE METAL, qualificam-na como a melhor.

As côres maravilhosas das persianas SUNLIGHT embelezam o ambiente.

As persianas SUNLIGHT primam pela alta qualidade de suas lâminas de alumínio flexível e esmaltadas a fogo.

Controlando a luz solar e graduando o ar, as persianas SUNLIGHT tornam o ambiente mais agradavel.

ESCRITÓRIO:
R. XAVIER DE TOLEDO, 266 - 9.º s/95 e 96 - TEL. 32-9579
SÃO PAULO